



AMPLIADA A CONSCIENTIZAÇÃO PELA LIGAÇÃO IBICUI-JACUI



Durante encontro na sala da presidência da Assembléia Legislativa, o diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, passou às mãos do presidente do Legislativo, deputado João Carlos Gastal, um documento contendo os levantamentos técnicos e econômicos feitos até aqui em defesa da ligação das bacias do Ibicui e do Jacui.

O material era constante de pronunciamentos de técnicos e autoridades, que a partir do

Duque de Caxias, em 1848, têm se pronunciado sobre a significação da obra para o desenvolvimento sócio-econômico do nosso Estado. A documentação, feita em triplicata, foi oferecida também aos líderes de bancada, deputados Hugo Mardini e Lélío Souza, da ARENA e do MDB, respectivamente.

Nesta edição, através do editorial a página 2 e matérias redatoriais nas páginas 4 e 5 comentamos o assunto com detalhes. Focalizamos também o pro-

nunciamento do sr. vice-presidente da República, general Adalberto Pereira dos Santos, do prefeito de São Gabriel, sr. Erasmo Dias Chiapetta e de empresários gabrielenses.

Na foto, vice-presidente Adalberto Pereira dos Santos e o redator do COTRIJORNAL, quando aquela alta autoridade da República era informada do estágio atual das demarches promovidas pela COTRIJUI em prol da reclamada obra.

EXPLOSÃO EM RIO GRANDE

Voto de Pesar

Registramos, com profundo pesar, a dramática ocorrência havida a 12 de maio no nosso Terminal em Rio Grande, que resultou no ferimento de sete operários, em dois dos quais com consequências fatais.

Conforme a imprensa diária publicou no dia seguinte (13 de maio), a explosão havida em dois elevadores que carregavam trigo, feriu os trabalhadores Adão Gavino, José da Cruz Araujo, Isnard Moreira Figueira, Walmor Leopoldo Mendonça, Adão Abel Machado, Nei Antonio Quadros e Osnei Fagundes de Souza.

Dos feridos, José da Cruz Araujo e Isnard Moreira Figueira não resistiram aos ferimentos, vindo ambos a falecer. Quando redigimos esta nota, ainda inspirava cuidados o servidor Adão Gavino. Na mesma data os demais feridos, felizmente, já estavam fora de perigo.

A par de lamentar a tragédia ocorrida, que ceifou duas vidas laboriosas, resta-nos o consolo ao fazer este registro, de termos usado de todos os recursos da medicina para que a extensão dos danos humanos não fossem ainda maiores. A rapidez com que se agiu no sentido de prestar socorro às vítimas e em seguida a transferência dos mais atingidos para a Capital do Estado, onde se buscou maiores recursos médicos e clínicos, teve o efeito de minimizar aqueles danos.

Desejamos também manifestar aqui nosso aplauso e nossa admiração pela presteza e dedicação da unidade do Corpo de Bombeiros de Rio Grande, que superando a notória precariedade de seus recursos mecânicos com o esforço humano, conseguiu debelar o fogo, restringindo-o à consequências mínimas, tanto que os trabalhos voltaram à normalidade em 24 horas.

Estendemos nossos agradecimentos a todos aqueles que, de uma forma ou de outra nos auxiliaram naquela contingência, que colaborando com nossos dedicados funcionários do Terminal, quer relevando alguma possível falha ocorrida.

Em especial, às famílias dos operários vitimados, nosso eterno pesar e votos de solidariedade.

MERCADO COMUM EUROPEU NO ROTEIRO DA COTRIJUI

No dia 23 de julho, cerca de 150 agricultores associados da COTRIJUI estarão voando para a Europa, numa viagem de caráter técnico, com a finalidade de observar o estágio técnico e científico de oito países, principalmente no que se refere às áreas da agricultura e pecuária.

As observações e pesquisas também se estenderão ao setor do intercâmbio comercial, especificamente nas áreas da soja — grãos e farelo, pois está pro-

gramada uma estada em Bruxelas, onde se localiza a sede do Mercado Comum Europeu.

Nas páginas 6 e 7 desta edição, estamos focalizando a França, a Bélgica e a Polónia, tres países que estão no roteiro da viagem, com uma série de dados e informações sobre aqueles países. Na foto, uma vista de Hannover, a capital da Saxonia, aparecendo um antigo hotel com arquitetura em estilo gótico, que data do século XV.





Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.
Inscr. 065/00070
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC 90.726.506/001

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nelcy Rospí-
de Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e
Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Olderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jôia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.

* Breve mais 66.000 T. de capaci-
dade em Ijuí.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.



Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, eq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111
98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

O DUQUE DE CAXIAS E A LIGAÇÃO IBICUI-JACUI

O Rio Grande do Sul é testemunha de nossa luta em prol da ligação Ibicui-Jacui, nesta fase. O movimento de opinião que levantamos por este jornal a partir de setembro, toma corpo.

O governador do Estado criou comissão, presidida pelo secretário dos Transportes, Firmino Girardello, para estudar o problema. A matéria a seguir é a íntegra de ofício endereçado pelo presidente da COTRIJUI ao presidente da Assembléia Legislativa, deputado João Carlos Gastal.

Quando, em 1848, o marechal Luiz Alves de Lima e Silva o ínclito Duque de Caxias, teve a sensibilidade de prever a transcendental significação sócio-econômica da ligação das bacias Ibicui e Jacui, antecipando detalhes fisiográficos da área que os 128 anos que se seguiram vieram confirmar, ele estava mostrando ao Rio Grande do futuro o caminho certo para o seu desenvolvimento global.

Foi a antevisão do estadista, no cérebro do soldado.

A Província mal saíra do decênio heróico. Pobre; paupérrima, em estado de falência. Sua economia - uma economia à base do couro, do sebo e do charque - estava combatida pelos longos anos de guerra.

Caxias, que aliava a estratégia bélica à preocupação com o homem e o meio em que o homem vive - daí a consagração de seu nome no altar da história como o Pacificador - previu para o futuro econômico do Rio Grande o aproveitamento racional de sua navegação interior.

É que ele teve a visão do gaúcho cultivando os campos; câmpos que, ainda encharcados pelo sangue de 35, brotariam para o futuro do homem em searas de trigo, de soja, de milho, para alimentar os filhos, os netos, e os trinets dos descendentes de Bento Gonçalves, de Onofre Pires, de Garibaldi, de Domingos de Almeida e dezenas de outros centauros da epopéia Farrapa. E esse trigo, essa soja e esse milho, precisavam de meios físicos para o transporte até os locais de consumo. E o Duque, que não via estradas mas enxergava excelentes vias aquáticas no interior, pressentiu que o futuro do Rio Grande estava na navegação de seus rios.

Ficou, pois, do espírito de 35, uma mensagem de conotação econômica.

Passaram-se 128 anos da previsão de Caxias. As estradas, que não existiam à época do Duque, foram abertas em todas as direções do Rio Grande, formando a rosa-dos-ventos. O homem andou mais rápido. Os campos se encheram de frutos e as perspectivas indicam que as culturas multiplicar-se-ão cada vez mais, pois o futuro do próprio homem depende das culturas dos campos.

Mas as estradas construídas, que deram maior velocidade ao homem e passaram a garantir o escoamento dos produtos, também estão encarecendo os alimentos do homem. Por extensão, retiram do homem a possibilidade de competir em termos econômicos.

A conclusão que se chega é que Caxias continua com razão, hoje. O Rio Grande do Sul precisa conscientizar-se dessa realidade. E ninguém melhor do que seus legítimos representantes para conscientizar o Estado de que precisamos arregaçar as mangas e enfrentar o Ibicui-Jacui, hoje não somente em prol do Rio Grande do Sul e do Brasil, mas também pela integração sócio-econômica da América do Sul.

A matéria jornalística constante da pasta que temos o prazer de oferecer a V. Excia., coletada do "COTRIJORNAL" e dos principais jornais de Porto Alegre, simboliza o que pode ser qualificado de conscientização do setor cooperativista em prol da reclamada obra de integração sócio-econômica global do nosso Estado.

Tão importante quanto o Polo Petroquímico, que mereceu o esforço e o prestígio da Casa Legislativa tão brilhantemente presidida por V. Excia., a ligação Ibicui-Jacui, já suficientemente entendida e reclamada pelas classes produtoras do Estado, principalmente as que se dedicam a importante setorial da agropecuária, esperam o pronunciamento de adesão desse Legislativo.

Antecipando agradecimentos pela atenção que por certo - e para honra nossa - será dedicada a esta solicitação, aproveitamos o ensejo para subscrever-nos, atenciosamente.

RUBEM ILGENFRITZ DA SILVA - Presidente COTRIJUI

QUEM PRODUZ O PÃO MAIS SOFRE COM A INFLAÇÃO

Declaração feita em novembro pelo ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli, voltou a ser abordada pelas autoridades vinculadas ao setor de preço, que "anunciaram a decisão do Governo de instituir um maior controle de preços para os produtos hortigranjeiros".

Em São Paulo, um técnico da Secretaria do Abastecimento voltou a repetir a opinião que vem sendo defendida para a Capital daquele Estado, de que "a feira livre ainda é a melhor forma de assegurar um maior controle de preços, pela eliminação do intermediário, embora não solucione os pontos de distorções no atacado".

No Rio, o presidente da Associação Brasileira de Supermercados, Fernando Pacheco de Castro, em pronunciamento feito a 25 de maio, teceu críticas ao controle de preços, argumentando que o "impasse da alta quase incontrolada dos preços dos produtos agrícolas envolve outras áreas da política agrícola, além da comercialização".

Realmente, nós mesmos temos argumentado à luz irrefutável dos algarismos, que nessa espécie de rodaviva que é a economia brasileira, o produtor agrícola é o que menos se beneficia dos efeitos da inflação, se é que a escalada dos preços tem o poder de beneficiar alguém.

Não será demais repetir que os produtos agrícolas são fruto da mesma economia de escala que praticamos, sendo suas ascensões resultado do conjunto de fatores determinantes dessa economia.

Não se deve esquecer nunca que o produtor agrícola é um dependente da totalidade dos fatores circunstanciais que dão o embasamento à nossa estrutura sócio-econômica. E é dependente porque ao contrário do empresariado industrial, por exemplo, não dispõe de meios nem de acesso ao manuseio das matérias-primas, cujas transformações na escala dos processamentos, dão a este uma acentuada liberdade de ação e indementido poder de reivindicação. No que tange ao agricultor, a reivindicação também se constitui em fator de pequena expressão.

Pelo fato de atuar em áreas afastadas dos centros de decisão, o homem do campo não representa figura de entrave às determinações jurídicas ou administrativas. Quer dizer: o agricultor não simboliza elemento de pressão.

A conclusão que se chega é que no momento de decidir sobre questões atinentes à fixação de preços, os resultados terão o efeito de minimizar vantagens para quem esteja mais afastado dos centros de decisão. E este é, sem dúvida, o produtor rural.

Adquire a totalidade dos elementos componentes de sua necessidade de produção de setores empresariais que possuem poder de persuasão, sem ter como persuadir, e vende o que produz para grupos que igualmente gozam de influência nas altas esferas administrativas.

Não há-de restar dúvidas de que o agricultor, aquele que produz o pão, é o que mais sofre com os efeitos da inflação.

ECONOMIA E FINANÇAS DA BÉLGICA

Todos sabem que fica na Bélgica a sede do Mercado Comum Europeu. País territorialmente pequeno e de escassa população, até mesmo em se considerando os números europeus, por que a Bélgica assume tal destaque no concerto da Comunidade Econômica Europeia e do mundo?

Este artigo não chega a responder essas perguntas mas relate uma série de fatos econômicos sobre o pequeno-grande país do mar do Norte, que merecem ser lidos e analisados, por todos quantos desejam ter uma visão mais ampla do mundo em que vivemos.

A Bélgica tem uma superfície de 30.154 Km² e conta com 9.690.000 habitantes. Isso lhe dá uma densidade de cerca de 320 habitantes por Km². Tem 67 Kms de costa, dando para o mar do Norte, cujos principais portos são o Ostende e o Zeebrugge.

O estuário do Escalda permite ao tráfego marítimo de penetrar 80 Kms no interior do país, até o porto de Antuérpia, um dos tres maiores do mundo, vindo após Rotterdam e Nova Iorque. O movimento deste porto cifra-se em cerca de 20.000 navios por ano, representando um total de 55 milhões de toneladas Moorsom (peso líquido).

A população agrícola belga produz cerca de 4/5 das necessidades do país. Apenas cinco por cento da população ativa se ocupa da agricultura, enquanto que 51,5 por cento do solo nacional são consagrados à cultura agrícola. Esta superfície compreende cerca de 50 por cento de pastagens e campos nativos, que alimentam cerca de 2,8 milhões de cabeças de gado, das quais, 1.050.000, vacas leiteiras.

A agricultura é praticada de modo intensivo, em pequenas e médias propriedades. A superfície média das propriedades agrícolas belgas é de mais ou menos 7,5 hectares. Os principais produtos cultivados são o trigo, a beterraba açucareira, a batata, a beterraba forrageira, as forrageiras e o linho.

A Bélgica tem que importar cerca de 1/5 de suas necessidades de produtos alimentares, bem como praticamente todas as matérias-primas. Por essa razão, deve compensar essas importações pela exportação de produtos industrializados, o que explica que 40 por cento da produção

nacional se destina à exportação.

O conjunto do comércio exterior (exportação-importação) representava no ano de 1969, um total de 77.000 francos por habitante. Esse volume assume maior peso específico se for cotejado com os demais países desenvolvidos. Por exemplo: a Holanda movimentou na mesma época, o equivalente a 81.350 FB por habitante; a Suécia, 72.700; o Canadá, 64.350; Alemanha Oriental, 44.350; a Inglaterra, 33.150; a França 32.000; Estados Unidos, 18.050 e o Japão, 15.150.

A economia belga é favorecida pela situação geográfica do país. Situada no centro do grande delta ocidental constituído pelo Escalda, pelo Mosa e pelo Reno, a Bélgica é o ponto de afluência de toda a enorme região que compreende o Ruhr, o Sarre, o Alto-Reno, a Lorena e a grande bacia do Norte francês.

É a esta posição favorável que a Bélgica deve creditar, em grande parte, a sua pujante situação econômica.

Uma rede de 1.788 Kms de vias navegáveis é completada por 11.963 Kms de estradas de primeira qualidade, dos quais cerca de 1.000 Kms são constituídos por auto-estradas.

Além disso, a indústria belga dispõe de uma rede extraordinariamente densa de vias férreas, que representam 4.228 Kms, sendo um quarto dessa extensão, dotadas de eletrificação.

No ano de 1970, a população ativa era de 3.918.000 pessoas, das quais 31,8 por cento de mulheres. A repartição por ramo de atividade, não incluindo as forças armadas, era a seguinte: Agricultura, silvicultura e pesca 181.000; Indústrias extrativas 52.000; Indústrias manufaturadas 1.276.000; Construção..... 316.000; Transportes e comunicações 283.000; Comércio, bancos, seguros 1.639.000; Desempregados 72.000.

A população ativa continua a seguir uma tendência, manifestada há vários anos, comum à maior parte dos países economicamente desenvolvidos: redução do número de trabalhadores agrícolas e aumento do número de trabalhadores dos setores do comércio e outros. Na indústria, a mão-de-obra (em aumento desde 1930) manifesta uma relativa estabilidade, com exceção no que diz respeito à construção

que, nos últimos anos, tem demonstrado crescimento. Mas a verdade é que, tal como aconteceu na Inglaterra, a Bélgica possui a percentagem mais elevada de mão-de-obra empregada na indústria, do mesmo modo que a sua população agrícola é bem menor proporcionalmente do que em muitos países cujo desenvolvimento econômico é no entanto, similar.

A economia belga tende essencialmente para uma expansão geradora de equilíbrio, uma adaptação contínua no seio da Comunidade Econômica Europeia. Por conseguinte, para uma diversificação de sua produção.

O produto nacional bruto elevava-se, em 1970, a cerca de 1.284,9 bilhões de FB, a uma média de 132.588 FB por habitante.

Em 1970, a agricultura contava 3,86 por cento deste total; a indústria cerca de 38,7 por cento; o comércio e os serviços 46,4 e os poderes públicos, 10,7 por cento.

Ainda em 1970 a produção de carvão era de 11 milhões de toneladas, a de coque 7.000.000 e a de eletricidade atingia 28,9 bilhões de Kwh. Além disso, foram tratadas 24,6 milhões de toneladas de produtos petrolíferos brutos. A produção de aço bruto foi de 12,6 milhões de toneladas e a de aço laminado de 9,2 milhões. A indústria de metais não ferrosos produziu 705.000 toneladas de produtos brutos e 436.000 de produtos semi-acabados. No decorrer do referido ano a produção da indústria metalúrgica alcançou um valor de 257,2 bilhões de francos. A produção de têxteis elevou-se a 325.000 toneladas de fiados, cerca de 212.275 toneladas de tecidos e 40.084 toneladas de tapetes.

Convém mencionar ainda a indústria química, com uma cifra de 178 milhões de francos. O fabrico de adubos representa uma parte importante desse montante. As indústrias alimentares, de bebidas, da madeira e do papel, são igualmente desenvolvidas.

PUBLICAMOS EM OUTRO ESPAÇO DESTA EDIÇÃO, MAIORES DETALHES SOBRE A BÉLGICA. FALAMOS TAMBÉM DA FRANÇA E DA POLÔNIA.

COLHEITAS DE CEREAIS SERÃO MAIORES ESTE ANO

WASHINGTON — A produção mundial de trigo deste ano poderá atingir 375/385 milhões de toneladas e superar não apenas a safra do ano passado como também o recorde obtido em 1973 (368 milhões de toneladas). A estimativa é do Conselho Internacional do Trigo, esclarecendo ser ainda muito cedo para a realização de previsões precisas, pois o trigo está em fase de plantio no Hemisfério Norte.

Por sua vez, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos acredita que o co-

mércio mundial, de trigo poderá somar 62,4 milhões de toneladas este ano, em comparação com 66,8 milhões em 1975 (menos 3%).

Para o milho, sorgo, cevada e aveia, o Departamento prevê um aumento de produção de 9% em relação a 1975. Este ano, a produção destes cereais deverá atingir a 693,7 milhões de toneladas. Também nesse caso o comércio diminuiria 12,5%, caindo das 72,8 milhões de toneladas negociadas no ano passado para 63,3 milhões em 76/77.

INDONÉSIA HOSPEDARÁ EM DEZEMBRO PAISES DA OPEP

BALI, Indonésia — Está programado para dezembro deste ano a próxima conferência normal da OPEP — Organização dos Países Exportadores de Petróleo, órgão que recentemente esteve reunido sem que chegasse a um acordo sobre aumento dos preços do petróleo. A propósito da indecisão, se manifestou o ministro do Petróleo da Arabia Saudita, dizendo acreditar que os preços do petróleo permanecerão inalterados durante todo este ano, apesar

das pressões de alguns exportadores que querem a majoração dos preços e por isso estariam dispostos a realizar uma reunião extraordinária antes da já programada para o final do ano.

O representante da Arábia Saudita (maior produtor e exportador mundial de petróleo), foi terminantemente contrário ao aumento dos preços do petróleo na última conferência, realizada em maio.

GOVERNO FRANCES VE CRISE ECONÔMICA SUPERADA

PARIS — "Com um crescimento industrial de nove por cento em seis meses, a França superou a crise econômica, mas necessita de uma série de medidas disciplinares para que a recuperação seja benéfica". São palavras recentes do presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing, ao analisar a situação econômica do país. Assinalou também que o Governo, em seu trabalho sa-

neador, visa atingir os seguintes objetivos: restabelecer o equilíbrio orçamentário para conter a inflação; reduzir a emissão monetária pelo mesmo motivo e estabelecer um justo equilíbrio entre os preços e salários. Giscard disse também que pretende basear sua política de preços no sistema de mecanismos contratuais, vigentes na Alemanha Ocidental.

ELEVADO CRESCIMENTO DAS IMPORTAÇÕES NA VENEZUELA

CARACAS — Os empresários venezuelanos comunicaram ao governo — por intermédio de sua entidade, Fedecamaras — que estão preocupados com o elevado crescimento das importações de bens de consumo e a diminuição das exportações, tanto em volume como em valor. Segundo os empresários, as importações feitas pelo país em 1975, superaram 21,6 bilhões de bolívares. Eles afirmam que existe uma

relação de dependência de produtos finais, de bens intermediários e de capital que o país deve enfrentar. Advertem que é preciso diversificar a produção e buscar mercados financeiros capazes de apressar o desenvolvimento do país, promovendo as exportações nacionais. O empresário venezuelano sugere também a "economia mista", como uma via salutar para incrementar o processo de desenvolvimento.

DESDE O IMPÉRIO QUE SE FALA
NA LIGAÇÃO IBICUI-JACUI

CORREIO DO POVO **ZERO HORA**

COTRIJORNAL

JORNAL DO COMERCIO

CONCLAMAÇÃO À ASSEMBLÉIA PRÓ LIGAÇÃO IBICUI-JACUI

O presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, recebido na sala da presidência da Assembleia Legislativa no último dia 25, entregou ao presidente João Carlos Gastal, um relatório de matérias divulgadas no COTRIJORNAL, Correio do Povo, Zero Hora e Jornal do Comércio, sobre a importância econômica da ligação das bacias Ibicui-Jacui.

A necessidade de ligação dos referidos rios, idéia mais do que secular, visto que já em 1848 o Duque de Caxias proclamava sua importância, foi lembrada com insistência na atual fase pelo COTRIJORNAL, a partir de sua edição de setembro de 1975, e em todas as suas edições sucessivas. Jornais do porte do Correio do Povo, Zero Hora, Jornal do Comércio e outros, aderiram à campanha, tanto que ao final do mês de outubro o governador Sival Guazzelli criava Comissão Especial constituída por secretários de Estado, com a

missão de estudar a viabilidade do empreendimento.

A documentação constante de material jornalístico veiculado em defesa da importante obra, foi acondicionada em pastas especiais, para a maior facilidade de manuseio e leitura por parte dos senhores parlamentares. Contém um histórico desde as origens e proclamação da idéia da ligação Ibicui-Jacui, até nossos dias, passando pelas diversas campanhas de motivação da opinião pública e sensibilização das autoridades, para a realização da obra.

À página 2, em editorial, publicamos o ofício assinado pelo presidente da COTRIJUI, entregue juntamente com as pastas ao deputado João Carlos Gastal. Pastas com material idêntico foram deixadas com o presidente do Legislativo, para serem entregues aos deputados Hugo Mardini e Lélío Souza, líderes das bancadas da ARENA e MDB, respectivamente.



O presidente da Assembleia, deputado João Carlos Gastal, em seu gabinete, ao receber das mãos do presidente da COTRIJUI as pastas contendo o material jornalístico. Aparecem também os deputados Rospide Neto, Aldo Pinto e Antonino Fornari.

RESPOSTA DO PRESIDENTE JOÃO CARLOS GASTAL

A correspondência do presidente da Assembleia Legislativa:

“Senhor presidente Ruben Ilgenfritz da Silva.

Agradeço os três volumes intitulados “DESDE O IMPÉRIO QUE SE FALA NA LIGAÇÃO JACUI-IBICUI”, compostos de recortes de jornais, versando o problema sem dúvida de relevante interesse para a economia do Rio Grande do Sul.

Foi oportuna a iniciativa da COTRIJUI, entidade há muito consagrada na opinião riograndense.

Cumpr-me informar-lhe que encaminhei aos líderes de Bancada, senhores deputados Lélío Souza e Hugo Mardini, os volumes a eles destinados.

Encaminhei, também, ao Gabinete de Assessoramento Superior o volume que gentilmente me destinaram. Estou certo de que, naquele órgão técnico da Casa, o trabalho elaborado pela COTRIJUI produzirá bons frutos.

Finalmente, cumpr-me informar-lhe que, por determinação minha, foram enviadas cópias xerox de seu ofício a todos

os senhores deputados.

Com as medidas adotadas, estou certo de que estará aberto o caminho para uma tomada de posição do Poder Legislativo do Estado do Rio Grande do Sul, relativamente à ligação das bacias Jacui-Ibicui, velha e cada vez mais atual reivindicação do povo gaúcho.

Valendo-me do ensejo, renovo a Vossa Senhoria meus protestos de distinto apreço e consideração.

Deputado João Carlos Gastal,
Presidente.

TODA A ATENÇÃO DO GOVERNO PELA EXECUÇÃO DO PROJETO

Durante sua estada em São Gabriel, onde esteve durante os dias 29 a 30 últimos, o vice-presidente da República, general Adalberto Pereira dos Santos, desenvolveu intensa atividade de caráter público, participando de diversas solenidades.

Tendo em vista a estada daquela alta autoridade da República num dos municípios-chaves da ligação Ibicui-Jacui, a reportagem do COTRIJORNAL deslocou-se até São Gabriel para

tentar ouvir sua excelência.

Respondendo à reportagem, disse o vice-presidente da República, que apesar da elevada soma de problemas e encargos que estão afetos ao Governo Central, este não tem deixado de pensar no importante assunto. E até pelo contrário, tem o Governo pensado com muita objetividade no grande projeto, pois há plena conscientização da significação da ligação Ibicui-Jacui para a economia do Estado, em particular, e

para o País de modo geral.

A obra, naturalmente depende de variados problemas para se dizer que vá ser iniciada. Pois uma coisa é se ter consciência de sua necessidade e significação e outra é ter-se condições para iniciá-la. Mas o que se pode dizer é que o Governo está atento às demarches que se processam a respeito, finalizou o vice-presidente Adalberto Pereira dos Santos, durante seu breve contato com o redator do COTRIJORNAL.

SÃO GABRIEL PEDE APOIO À LIGAÇÃO IBICUI-JACUI



Os srs. Celcy da Silva Marques, presidente do Sindicato Rural de São Gabriel e presidente da Cooperativa Agro-Industrial - COMAGUE e Haddy Simonetto, vice-presidente do Conselho de Desenvolvimento Econômico de São Gabriel, manifestam ao redator do COTRIJORNAL seu entusiasmo pelo projeto da ligação Ibicui-Jacui.

Aproveitando a estada do vice-presidente da República em São Gabriel, nos dias 29 e 30 de maio, o prefeito Erasmo Dias Chiapetta entregou ofício reivindicatório ao general Adalberto Pereira dos Santos, onde ressaltou a importância da ligação Ibicui-Jacui para o desenvolvimento do município e região adjacente.

Disse o prefeito gabriense ao vice-presidente da República que Governo e povo do município vêm com real satisfação as demarches que se desenvolvem em torno da ligação das bacias dos citados rios. Ressaltou que a identificação de São Gabriel com a obra em perspectiva, é muito expres-

siva, em vista de ser, segundo os projetos de engenharia da obra, o rio Vacacai o alimentador do canal de junção. Ressaltou que São Gabriel, onde é esperada a construção de usina para aproveitamento do xisto betuminoso e onde há vultosa riqueza mineral, a ligação dos citados rios significará, a médio prazo, sua completa redenção econômica.

Há no município 120 quilômetros de extensão por oito de largura e com espessura de tres a seis metros, de xisto. As previsões indicam que é o suficiente para a destilação de 50 mil barris diários de óleo combustível, durante 70 anos. Além disso, disse o prefeito

Erasmo Chiapetta, que há grandes quantidades de carvão com elevado poder energético, ouro e inclusive minerais de teor atômico, sendo o principal, o urânio.

O prefeito terminou seu pormenorizado ofício ao vice-presidente da República, dizendo que o favorecimento à agricultura da região e do Estado, o transporte de grãos a baixo custo, o transporte dos derivados do petróleo proveniente do xisto gabriense e o reforço à economia da agropecuária, serão os primeiros e mais expressivos resultados da ligação Ibicui-Jacui, isso apenas no que se refere ao município de São Gabriel.

EMPRESÁRIOS SE MANIFESTAM

Contatos mantidos pelo redator do COTRIJORNAL na área do empresariado do município, comprovou o entusiasmo que todos mantêm em relação ao projeto.

Os srs. Celcy da Silva Marques, presidente do Sin-

dicato Rural e da Cooperativa Mista Agro-Industrial de São Gabriel, afirmou que a ligação Ibicui-Jacui é o sonho da região. Haddy V. Simonetto, diretor do Engenho Gabriense e vice-presidente do Conselho de Desenvolvimento Econômico

de São Gabriel, participa da mesma opinião. E diz mais. Para ele, o Rio Grande do Sul somente se desenvolverá em escala global quando dispuser da hidrovía em funcionamento.

* * * * *

O prefeito Erasmo Dias Chiapetta e o coronel-comandante da Guarnição Federal em São Gabriel, ladeam o redator.



EUROPA-3



CONHEÇA O RELEVO FÍSICO DA FRANÇA

A França ocupa uma área de pouco mais de 550 mil quilômetros quadrados, numa das mais bonitas regiões fisiográficas da Europa. As planícies, os planaltos, as montanhas, onde se destaca o Maciço Central de Puy de Sancy e o Jura (Crêt de la Neige), com 1.718 metros de altitude, além de ampla costa litorânea, plana e reta, tendo como pano de fundo um pontilhado de recifes.

Suas fronteiras são, em sua grande maioria, naturais. O mar do Norte, o canal da Mancha, o Atlântico, os Pirineus, o Mediterrâneo os Alpes, o Jura e o Reno. A topografia é variada. As planícies localizam-se ao Norte, na bacia de Paris e no Sudoeste (bacia de Aquitânia). Os planaltos, raramente alcançando os 500 metros de altitude, estão nas Ardenas, Arreé e Maciço Central. Montanhas baixas são os Vosges, com 1.424 metros e 1.718 (Jura) e as altas, os Alpes

(Monte Branco) com 4.807 metros — o ponto mais alto da Europa Ocidental; os Pirineus (Vignemale) e na Córsega, o Monte Cinto.

O clima é temperado com estações bem definidas. A temperatura média raramente eleva-se a mais de 24 graus centígrados. Os rios franceses são numerosos e grande parte deles, navegáveis. Os principais são: o Loire, o mais extenso do país, com 1.012 Kms, o Sena, com 775 Kms, o Garona, que nasce na fronteira com a Espanha, com 650 Kms, o Ródano, que nasce na Suíça, mas com dois terços de seu percurso na França (552 Kms) e o Reno, que corre entre a França e a Alemanha, com 1.320 Kms.

As condições físicas do litoral, no mar do Norte, apresenta as seguintes características: canal da Mancha. Em sua maior parte é formado de escarpas de rochas esbranquiçadas, cortadas por largos estuários tais como o Sena. No norte da

AQUI UMA SÍNTESE DA HISTÓRIA DA BÉLGICA

Dez mil anos antes de Cristo, várias tribos originárias do Leste implantaram sua civilização no território da atual Bélgica. Em seguida vieram os Celtas — e entre eles os Belgas — que criaram raízes tão profundas até se eternizar no continente em formação social.

Uma análise sucinta da história belga mostra os seguintes principais períodos: Época romana (57 AC-445-DC): A resistência a Cesar durou cinco anos e suscitou a admiração do futuro ditador de Roma. Os Belgas reconheceram, no entanto, os benefícios da "Paz Romana". O país cobriu-se rapidamente de enorme rede de estradas e a agricultura conheceu um desenvolvimento notável, de tal modo que os produtos belgas já eram vendidos em Roma. Desenvolve-se assim uma verdadeira civilização Belgo-Romana e o cristianismo, importado de Roma, encontra cada vez maior número de adeptos entre os Belgas.

Com o declínio progressivo do Império, a Bélgica Romana é invadida por tribos Germânicas e Francas. Elas se instalam sobretudo no norte do país, dando assim início a uma fronteira linguística entre as populações de origem Germânica e Latina. Essa fronteira manteve-se, praticamente sem modificações, até hoje.

Durante o reinado dos

Francos (445-843 DC), a dinastia Franca-Merovingia atinge seu apogeu com Clóvis que unifica a Gália e reconcilia seus guerreiros com a velha aristocracia cristã Belgo-Romana.

Com a morte do rei Clóvis, o reino Merovingio consolidou-se com Pepino e seus descendentes. Foi a formação da família Belga. Um desses descendentes — Carlos Martel — ao derrotar as tropas Islâmicas, manteve a Bélgica unida.

Carlos Magno, filho de Pepino — o Breve — concretiza o desejo de fusão dos Belgo-Romanos com os povos cristãos Germânicos. Na intenção de manter o laço existente entre os povos do novo Império cristão fundado por Carlos Magno e o Império Romano, o papa corôa no ano de 800, a Carlos Magno, imperador do Ocidente.

Durante o chamado período Feudal, a Bélgica viveu em destaque. Alguns grandes senhores Belgas se destacam como figuras de proa do feudalismo: Godofredo de Bouillon, comandante da I Cruzada do Oriente, em 1099; Balduino de Flandres e do Hainaut, sagrado I Imperador latino de Constantinopla, em 1204

As Cruzadas abriram o caminho do Oriente. Com objetivos sabidamente imperialistas e mercantis, a despeito da bandeira cristã que

as incentivava, elas marcarão o início do comércio exterior. Os metalúrgicos Valões e os tecelões Flamengos agrupam-se nas Comunas e conseguem, em pouco tempo, impor-se aos senhores.

Em 1066, o príncipe-bispo de Liège concede a primeira Carta de Liberdade conhecida na Europa Ocidental. No apogeu de seu poder as Comunas chegam mesmo a aliar-se ou a opor-se aos grandes príncipes estrangeiros. Os Flamengos em luta contra o rei de França, derrotam-no em Courtrai. Mais tarde aliam-se com o rei da Inglaterra. Contudo, no decurso destas lutas, um sentimento nacional começa a consolidar-se em face dos imperialismos estrangeiros: franceses, ingleses ou alemães. E o espírito de Independência vai se consolidando.

Emergem, assim, da colcha de retalhos que foi a Europa até os primeiros anos do século XX, dezenas de países. No caso particular da Bélgica, tivemos o período Borguinhão — século XV e XVI — os Habsburgos e Bourbonos, entre 1621 e 1715 — chamado o século das Desgraças — o Regime Austríaco, 1715-1792, o Regime Francês, 1794-1814 o Reino Unido dos Países Baixos, 1815-1830 e o Reino da Bélgica, a partir de 4 de outubro de 1830.

Bretanha a costa é agreste, muito acidentada e pontilhada de recifes. Atlântico. Litoral formado por escarpas baixas cortadas por baías largas (Golfo de Morbihan) na costa sul da Bretanha; em seguida litoral plano e reto até os Pirineus, com dunas e lagunas numa extensão de 200 Kms, na região das Landes. Litoral rochoso e escarpado perto da fronteira espanhola.

O Mediterrâneo é montanhoso e pontilhado de cabos e baías perto da fronteira espanhola. E além do delta do Ródano até a fronteira com a Itália o litoral é plano e marginado por lagunas entre as duas áreas montanhosas. A costa oeste da Córsega é montanhosa e a sua costa leste é baixa e pouco acidentada.





A FORTE AGRICULTURA COOPERATIVA POLONESA

As condições naturais da Polônia, a configuração do solo e do clima, favorecem o desenvolvimento da economia agrícola. Em sua maioria ocorrem solos de fertilidade natural média, exigindo um cultivo cuidadoso com o constante auxílio de adubos e corretivos. Os solos de elevada fertilidade são raros. Na melhor das hipóteses atingem 30 por cento da superfície arável do país.

As terras aproveitadas na agricultura ocupam 65,4 por cento da superfície do país, sendo que 51 por cento são terras aráveis por meios mecânicos. Somente alguns países europeus aproveitam percentagem tão alta para fins agrícolas, como a Polônia.

Após a I Guerra Mundial, a economia agrícola polonesa apresentava um quadro crítico. O invasor alemão, durante os anos de ocupação, requisitou dos camponeses o inventário vivo, as máquinas e com frequência, até

as sementes para novas safras.

Grandes mudanças ocorreram depois da guerra. A reforma agrária levada a efeito em 1946 liquidou a grande propriedade de terra e os restos do regime feudal. A terra foi distribuída a um milhão de famílias de camponeses sem terra ou que possuíam pouca terra. Além disso, em face do novo regime econômico e social imposto, uma grande parte da terra obtida através da reforma agrária foi transformada em granjas estatais e em centros de pesquisa científica visando o aumento da produtividade. A resultante foi o aumento da produção e o consequente melhoramento do padrão de vida das populações.

Na Polônia de hoje há mais de 3,5 milhões de fazendas individuais ocupando 86 por cento da extensão agrícola do país. A participação desses pequenos fazendeiros na produção

agrícola total do país é de 89 por cento.

Ao lado das fazendas individuais que constituem a forma dominante, também é dado grande relevo às cooperativas agrícolas e as granjas estatais. Tratam-se de grandes fazendas cuja tarefa principal consiste em fornecer ao estado trigo e gado.

Existem na Polônia 8.496 granjas do estado, com uma extensão total de 3.167.000 hectares. As cooperativas agrícolas, como centros das transformações no campo, baseiam-se na filiação voluntária de camponeses individuais. As cooperativas ocupam uma área total de 225 mil hectares. A organização social dos camponeses são os círculos agrícolas. Estes dispõem de tratores e máquinas agrícolas para ceder aos filiados das cooperativas. Um total de 30 mil círculos agrícolas na Polônia, têm cerca de 1.270.000 membros.

ROTEIRO DA COTRIJUI NA EUROPA

No dia 23 de julho a COTRIJUI dá início a mais uma excursão pelo mundo. Desta vez foi escolhida a Europa, com estadas na Alemanha, Polônia, Itália, Áustria, com passagem pelo Tirol, Holanda, Bélgica e França.

Trata-se de uma visita de caráter técnico, conforme já ocorreu em 1974 nos Estados Unidos, quando 120 agricultores associados e alguns convidados visitaram as regiões de produção agrícola do grande país e seu sistema de transportes. Porém, juntamente com as visitas profissionais, estão incluídos alguns roteiros turísticos, destacando-se Roma, Florença, Veneza, na Itália e Paris — França.

Publicamos aqui o roteiro da viagem, dia a dia, organizado pela direção da COTRIJUI com a assessoria da Turismo Bradesco.

23.07.76 (Sexta-feira) Porto Alegre/Frankfurt/Hamburgo Embarque em avião a jato com destino ao Rio de Janeiro. Chegada recepção e traslado para uma visita a cidade: praias de Copacabana, Botafogo, Flamengo, praia Vermelha, Urca, etc. e Pão de Açúcar (subida em teleférico que percorre 1.400 m em duas etapas). Jardim Botânico, Lagoa Rodrigo de Freitas. À noite traslado ao Aeroporto Internacional do Galeão para embarque com destino a

24.07.76 (Sábado — 2º

dia) Hamburgo, chegada, recepção e traslado do aeroporto ao hotel. 25.07.76 (Domingo — 3º dia) Hamburgo. Pela manhã visita a cidade, Câmara Municipal, Palácio da Bolsa, Lago do Alster, túnel do rio Elba e outros locais de interesse turístico.

26.07.76 (Segunda-feira, 4º dia) Hamburgo. Dia Livre para atividades independentes. 27.07.76 (Terça-feira, 5º dia) Hamburgo: Todo dia dedicado a visitas técnicas patrocinadas pela Universidade de Gottingen. 28.07.76 (Quarta-feira, 6º dia), Hamburgo/Hanover. Pela manhã, saída em ônibus com destino a Hanover, chegada recepção e hospedagem no hotel.

29.07.76 (Quinta-feira, 7º dia) Hanover. Todo dia dedicado

a visitas técnicas, patrocinadas pela Universidade de Gottingen, por especial cortesia do professor Dr. Gerhard Robbelen. 30.07.76 (Sexta-feira, 8º dia) Hanover/Varsóvia. Assistência e traslado do hotel ao aeroporto para embarque com destino a Varsóvia. Chegada recepção e traslado ao hotel.

31.07.76 (Sábado, 9º dia) Varsóvia. Todo dia dedicado a visita técnica. 1º. 08.76 (Domingo, 10º dia) Varsóvia/Roma. Assistência e traslado do hotel ao aeroporto para embarque com destino a Roma. Chegada, recepção e traslado do aeroporto ao hotel. 02.08.76 (Segunda-feira, 11º dia) Roma. Passeio panorâmico à cidade e visita ao Castelgandolfo (residência de verão do papa).

03.08.76 (Terça-feira, 12º dia) Roma/Florença/Veneza. Saída pela manhã em confortável ônibus com destino a Veneza. Durante o trajeto, almoço em Florença, com uma parada em Pádua, a fim de visitar o Santuário de Santo Antônio. Veneza — Chegada, recepção e traslado de lancha ao hotel. Após o jantar, um passeio de gôndola pelos canais.

04.08.76 (Quarta-feira, 13º dia) Veneza/Cortina/Ampezzo/Innsbruck. Assistência e traslado em lancha a estação rodoviária, onde, em ônibus pela nova rodovia "Vitório Veneto" até a encantadora estação Ski de Cortina D'Ampezzo e após o almoço, prosseguimento da viagem através dos Dolomitas, com passagem pelas famosas estâncias de inverno a caminho da Áustria. Chegada em Innsbruck, hospedagem no hotel. À noite, possibilidade de assistir a um espetáculo Tirolês.

05.08.76 (Quinta-feira, 14º dia) Innsbruck/Munique. Pela manhã saída do hotel em ônibus com destino a Munique, passando pelos Alpes e cruzamento do passo Bremmer. Chegada em Garmish Partenkirchen, a mais sofisticada estação de inverno alemã, e almoço. Aqui os interessados poderão subir em bonde ao imponente "Zugspitze". À tarde prosseguimento para Munique, chegada, recepção e traslado ao hotel.

06.08.86 (Sexta-feira, 15º dia) Munique. Pela manhã, meio dia de visita a cidade, incluindo Konigsolata Igreja Fleatiner, Residence, Karksolatz Museu Técnico Alemão. Tarde livre para atividades independentes.

07.08.76 (Sábado, 16º dia) Munich/Nuremberg/Frankfurt. Pela manhã saída do hotel em ônibus com destino a antiga cidade Imperial de Nuremberg. Após o almoço, prosseguimento para Frankfurt, em trânsito por Würzburg, com seus imponentes edifícios barrocos, chegada em Frankfurt, recepção e hospedagem no hotel.

08.08.76 (Domingo, 17º dia) Frankfurt/Coblens/Colônia. Saída pela manhã em ônibus, chegando a Rudsheim. Embarque no navio para uma excursão pelo rio Reno (a visita dos

castelos e vinhedos com degustação de vinhos) com almoço a bordo, até Coblens, desembarque, retornando em ônibus a Colônia, chegada, recepção e traslado ao hotel.

09.08.76 (Segunda-feira, 18º dia) Colônia/Amsterdã. Pela manhã saída do hotel em ônibus para uma visita a cidade incluindo sua monumental catedral. Após o almoço, prosseguimento da viagem com destino a Amsterdã. Chegada, recepção e hospedagem no hotel.

10.08.76 (Terça-feira, 19º dia) Amsterdã. Pela manhã saída em ônibus para uma visita ao Porto de Roterdã, um dos mais importantes do mundo. Após o almoço visita a cidade miniatuza de Madurodam, em Haia, e ao centro floricultor de Aalmeers.

11.08.76 (Quarta-feira, 20º dia) Amsterdã. Todo dia dedicado a visitas técnicas a Cooperativa Central em Veghel, que inclui em suas atividades a criação de gado e porco, fabricação de ração e produtos derivados de leite. Almoço oferecido pela cooperativa.

12.08.76 (Quinta-feira, 21º dia) Amsterdã/Bruxelas/Paris. Pela manhã, saída em ônibus com destino a Bruxelas (sede do Mercado Comum Europeu). Após o almoço, prosseguimento da viagem com destino a Paris. Chegada, recepção, traslado ao hotel.

13.08.76 (Sexta-feira, 22º dia) Pela manhã, saída em ônibus para uma visita às instalações da fábrica de tratores Braun, onde será oferecido um almoço. À tarde, no retorno a Paris, visita a uma cooperativa, organizada pelo Ministério da Agricultura da França. Chegada e recepção ao hotel.

14.08.76 (Sábado, 23º dia) Paris/Vale do Loire. Pela manhã, saída em ônibus para Chartres, visita a sua catedral e prosseguimento pelo encantador Vale do Loire, passando por Chambord, Blois e Amboise, com seus maravilhosos castelos. Almoço em Tours, retorno a Paris e alojamento no hotel.

15.08.76 (Domingo, 24º dia) Paris. pela manhã, saída em ônibus para meio dia de visita a cidade, incluindo os grandes boulevards, Catedral de Notre Dame, os Inválidos e o túmulo de Napoleão, Sagrado Coração, Arco do Triunfo, Torre Eiffel, Place Concorde, Igreja Madeleine, com tarde livre.

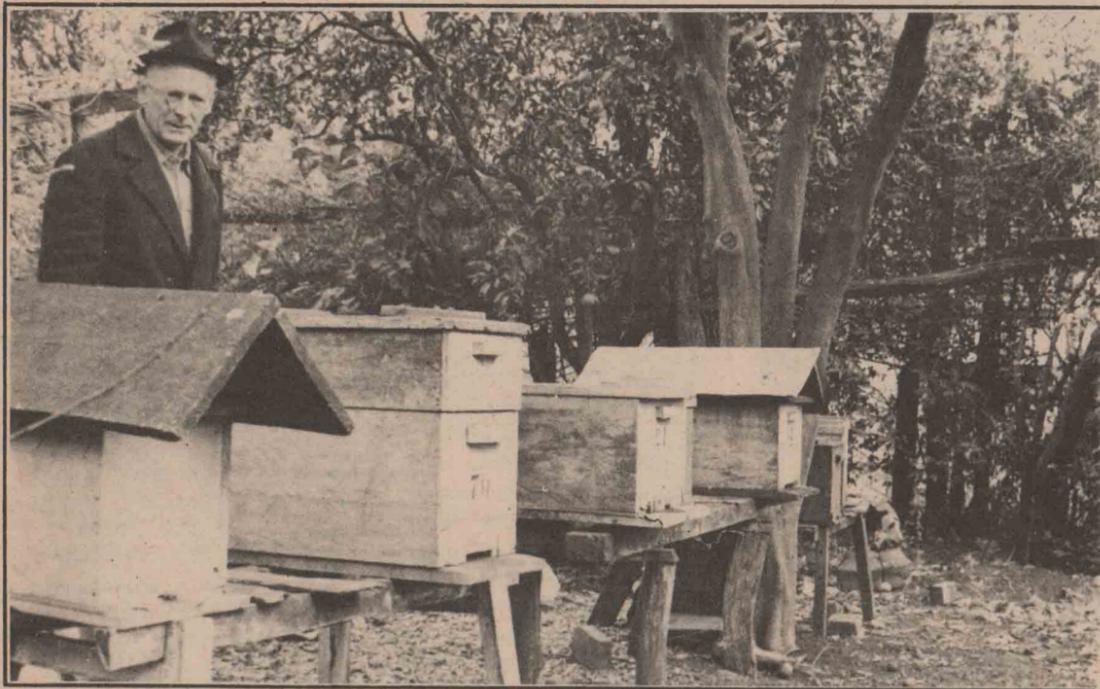
16.08.76 (Segunda-feira, 25º dia) Paris. Dia inteiramente livre para atividades independentes. À noite reunião de despedida com um passeio por Paris iluminado, um show no Cabaret Apache e encerrando com um show do Lido.

17.08.76 (Terça-feira, 26º dia) Paris/Frankfurt/Brasil. Assistência e traslado do hotel ao aeroporto de Paris para Frankfurt em conexão para o Rio de Janeiro.

18.08.76 (Quinta-feira, 27º dia) Brasil. Chegada em Porto Alegre, em trânsito pelo Rio de Janeiro.

APICULTOR CAMPEÃO ENSINA COMO PRODUZIR UM BOM MEL

Reportagem de VALMIR BECK DA ROSA



O sr. Mietieslau Czepielewski e uma vista parcial de seu colmeial.

O apicultor ijuicense Mietieslau Czepielewski recebeu diploma e medalha de ouro, por ter sido escolhido "Grande Campeão" no I Concurso Estadual do Mel, realizado no ano passado em Esteio. Há muitos anos residente em Ijuí, o produtor do melhor mel gaúcho contou ao COTRIJORNAL como se iniciou na apicultura e porque tomou esta decisão, tida como improdutiva, uma vez que sua família e amigos eram todos agricultores.

O DIFÍCIL INÍCIO

Para Mietieslau Czepielewski, era preciso fazer alguma coisa para domesticar as abelhas africanas (*Apis Melifera Adansonii*), cuja chegada ao Brasil, através de alguns apicultores

que importavam matrizes, ame-drontou muita gente. Na época (1967), jornais e revistas estampavam manchetes sobre a agressividade da abelha africana. Em um teste, sua ferocidade ficou comprovada: enquanto a abelha européia, já existente no Brasil, dava quatro picadas por minuto, a africana picava 51 vezes uma bola especial. Os imediatistas logo sugeriram a eliminação pura e simples desses enxames, com o que não concordaram os apicultores mais dedicados, um dos quais, o nosso entrevistado. Melhor que eliminá-las, seria a domesticação, através da cruz, colocando rainhas mansas no lugar das rainhas africanas. Foi o primeiro e difícil passo dado pelo hoje já laureado apicultor. Reestruturou seu colmeial e juntou-se a outros colegas para importar rainhas da Europa e Esta-

dos Unidos, matrizes estas de alta linhagem.

O UTIL E AGRADÁVEL

A partir de então, sua atitude passou a ser vista com simpatia. A dedicação à apicultura não lhe atrapalhava os interesses de profissão (é hoje 1º Ten. R/1), o que serviu de exemplo a alguns irmãos e colegas que hoje se unem a Mietieslau para discutir assuntos apícolas. E enquanto solucionava o problema maior, o da entrada no Brasil das ferozes abelhas africanas, o apicultor ia fazendo aumentar seu colmeial e a produção do excelente mel. Isso, mais do que a satisfação pessoal, representou a comercialização segura do mel produzido. Trata-se, segundo o sr. Mietieslau, de uma comercialização entre amigos, mas compensadora e gratifi-

cante pelos serviços que presta. E além de mel, ele já está fornecendo rainhas, filhas de matrizes importadas. Em um de seus colmeiais, dedica-se especialmente à cruz de abelhas, procurando uma espécie que melhor se adapte ao clima, de forma a resistir e produzir mais.

A APICULTURA QUE CONSCIENTIZA

Um outro aspecto para o qual o entrevistado chama a atenção, é o ecológico. O mel, que foi considerado o melhor do Estado, foi colhido em um colmeial existente num capão do interior de Ijuí, de essências nativas. Por isso, Mietieslau acha que mesmo os agricultores poderiam reservar um recanto de suas lavouras, conservando o mato, ou reflorestando. Num primeiro plano, com a finalidade de preservar o meio ambiente e também, para poder dedicar-se a apicultura, quando for o caso. O mel, explica ele, é essência. Do timbó, árvore cujo cheiro é desagradável, a abelha retira o nectar para produzir excelente mel. O que quer que floreça, possibilita a existência de colmeias num raio de até 3 quilômetros. As forrageiras (alfafa e trevo), a própria soja, eucaliptos e essências nativas, são vida para as abelhas. É preciso plantar, mas sem dizimar os capões, resquícios da flora antes existente, explica o sr. Mietieslau.

ANTES DO MEL, A ABELHA

O campeão gaúcho do mel conta histórias de apicultores interessados apenas em aumentar a produção, sem se dedicar ao colmeial. Seria a mesma coisa, o agricultor almejar uma boa

safrá, sem que tivesse se preocupado com a conservação e correção do solo. No caso da apicultura, é igualmente desastroso. O cuidado com a abelha é necessário; as cruzas, o tratamento, as casinhas. O mel é um resultado desse procedimento. A quantidade e qualidade do mel produzido, acentua Mietieslau, é resultado da soma da qualidade da florada e o esforço, a dedicação do apicultor. Estes fatores serão determinantes para a identificação da cor, sabor, densidade e cristalização do mel.

Concluindo, daria para dizer um pouco do apoio que terão todos os que, ainda primariamente, venham dedicar um pouco de seu tempo a apicultura, seja por lazer, seja para fins comerciais, ou com o objetivo puramente ecológico. Existem associações de apicultores, e Ijuí tem a sua, dispostas a colaborar com os interessados, dando orientação, sugerindo publicações apropriadas. Nas reuniões dessas entidades, os associados trocam idéias, promovem conferências. Atualmente, a Associação de Apicultores de Ijuí está empenhada em concretizar sua mais importante meta, qual seja, a implantação de um parque apícola. A partir de então, estará formada a infraestrutura necessária ao incremento da apicultura, o que significará, a médio prazo, a existência de excelente mel no comércio local e na região. Nosso entrevistado e seus colegas esperam ver engrossar as fileiras dos apicultores gaúchos, cujo bom conceito já foi comprovado nos grandes centros produtores de mel, como Argentina e alguns países da Europa.

PANAMBI SEDIU REUNIÃO DO CCECAU

Panambi serviu de sede ao encontro do Centro de Comunicação e Educação Cooperativa do Alto Uruguai - CCECAU, durante o mês de maio. A reunião se desenvolveu no Clube Cultural "25 de Julho", daquela cidade, sendo que ao meio-dia a cooperativa anfitriã, COTRIPAL, ofereceu um almoço no Grêmio Desportivo Panambi.

Os trabalhos foram dirigidos pelo professor Mário Osório Marques, secretário-executivo do CCECAU, que logo no início do encontro passou a palavra ao sr. Walter Tang, gerente administrativo da COTRIPAL. Resumidamente, este discorreu sobre o histó-

rico da COTRIPAL, fundada no ano de 1957. Nos dez primeiros anos, a luta maior disse Walter Tang, era contra o fechamento da cooperativa, pela pouca movimentação no recebimento e comercialização de safras. Até 1967, o número de associados girava em torno de 300. Nesse mesmo ano, houve a fusão da COTRIPAL com a Associação Rural de Panambi, elevando para 900 produtores o quadro associativo. Atualmente, a cooperativa panambiense conta com 2.372 associados e 300 funcionários, numa área de ação de 1.108 km quadrados, abrangendo os municípios de Panambi e Condor.

No campo específico da comunicação e educação, a COTRIPAL está iniciando. Foram organizados vinte e um núcleos, num trabalho que conta com a coordenação do professor Lauro Thomas, com larga experiência no ensino agrícola, pois há muitos anos é diretor do Centro Agropecuário de Panambi.

Finalizando seu pronunciamento, disse o sr. Karl Adolf Walter Tang: "Acreditamos que o cooperativismo é o melhor sistema econômico para o produtor rural, e somos fortalecidos porque os associados da COTRIPAL têm aceito isso".

Na reunião que o

CCECAU realizou em Panambi, estiveram representadas pelo setor de comunicação e educação as seguintes cooperativas: COTRIFRED, COTRIPAL, COTRIROSA, COTRISA, COTRIMAIO, COTRICRUZ, COTRIJUI e a cooperativa de Tucunduva. Também participou um grupo de alunos dos cursos de tecnólogos em administração rural e em cooperativismo, da FIDENE.

A secretaria executiva do CCECAU, através de um trabalho de análise realizado pelo IEP - Instituto de Estudos Permanentes da FIDENE, sugeriu aos encarregados pela educação cooperativista que bus-

cassem uma melhor explicitação dos objetivos, evitando confundir as funções desse setor com o departamento técnico. O professor Mário O. Marques, secretário-executivo, afirmou que o CCECAU estava iniciando nova fase: a de disciplinar o crescimento. Segundo ele, os encontros anteriores foram válidos e necessários a nível de tornar mais conhecidos e integrados os funcionários das cooperativas do Alto Uruguai. Agora, começam a ser traçados objetivos, visando a consecução das metas a que a comunicação e a educação cooperativas se propõem, sempre voltadas aos produtores cooperativados.



Na foto superior o prefeito Emídio Odósio Perondi e o jornalista Raul Quevedo, quando descerravam a placa nominativa da rua. Em baixo, os jornalistas Alberto André e Ulrich Low, ao descerrarem a segunda placa.

PATRONO DA IMPRENSA HOMENAGEADO EM IJUI

A inauguração de rua com seu nome prestigiada com a presença de jornalistas de Porto Alegre, foi a homenagem prestada por Ijuí ao Patrono da imprensa brasileira, em solenidade levada a efeito a 15 de maio último.

A programação, organizada pelo Clube de Imprensa Hipólito José da Costa, de Ijuí e patrocinada em conjunto pela Prefeitura Municipal, órgãos de comunicação do município e pela firma Kepler, Weber, de Panambi, teve o seguinte desenrolar:

Às 13 horas, chegada da caravana de jornalistas de Porto Alegre, chefiada pelo presidente da Associação Riograndense de Imprensa, jornalista Alberto André. Almoço servido no restaurante do Motel Balneário "Fonte Ijuí", patrocinado pelo jornal "Correio

Serrano" e Rádio Progresso. Falaram, na ocasião, o jornalista Claude Wondracek, o vice-presidente da COTRIJUI, sr. Arnaldo Oscar Drews, o vice-prefeito Wilson Maximino Mânica, dando às boas vindas aos jornalistas portoalegrenses, tendo agradecido o jornalista Alberto André.

Às 15,30 horas, emplacamento da rua Hipólito José da Costa, no bairro Lulu Ilgenfritz, prestigiada pelos acordes da Banda Municipal "Carlos Gomes", regida pelo maestro Olivio Hermes, que executou o Hino Nacional e outras peças musicais. As placas, em número de duas, foram descerradas pelo jornalista Ulrich Low, diretor do "Correio Serrano" e presidente da ARI e pelo prefeito Emídio Odósio Perondi e jornalista Raul Quevedo.

Falaram na ocasião, o jornalista Raul Quevedo, em

nome do Clube de Imprensa Hipólito da Costa; o prefeito Emídio Perondi e o jornalista Alberto André.

Após foram feitas visitas aos jornais e emissoras do município, seguida de jantar na sede da Rádio Repórter de Ijuí. Falaram o radialista Wilson Mânica, diretor da emissora, em nome da imprensa ijuiense e dos promotores da solenidade; o secretário da ARI, Eloy Dias dos Anjos e a jornalista Ligia Tricot, diretora substituta do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre, que aproveitou o ensejo para lançar concurso nacional de monografias sobre o sesquicentenário da imprensa gaúcha.

No dia seguinte a caravana de jornalistas portoalegrenses foi recepcionada na nova sede da COTRIJUI, quando ouviu o presidente da cooperativa, eng. agr. Rugen Ilgenfritz da Silva,

apresentar uma exposição da infra-estrutura da cooperativa.

Da COTRIJUI, os jornalistas iniciaram a viagem de retorno a Porto Alegre, com parada em Panambi, para almoço, numa gentileza especial da firma Kepler, Weber S.A. Na Cidade das Máquinas, os jornalistas de Porto Alegre mais os de Ijuí, foram recepcionados com um coquetel servido no tradicional Moinho Velho, seguido de grande churrasco na fábrica de nº 2 da Kepler, Weber S.A., localizada nos arredores daquela cidade e que se constitui num modelo de estabelecimento industrial.

Durante o churrasco os jornalistas foram saudados

pelo prefeito Orlando Schneider e jornalista Valdomiro Soares, da empresa jornalística PUBLIPAN. Em nome da empresa anfitriã falou seu diretor técnico, engenheiro Willy Fink. Em nome dos visitantes e acompanhantes falaram os jornalistas Claude Nahor Wondracek, diretor do "Correio Serrano", que lançou apelo ao prefeito Orlando Schneider para dar o nome de Hipólito da Costa a uma rua de Panambi; Wolmer Jardim, presidente do Clube de Imprensa Hipólito da Costa, de Ijuí e o historiador Francisco Riopardense de Macedo, que traçou pormenorizado perfil histórico do Patrono da imprensa brasileira.

PROMOÇÕES DO MUSEU HIPÓLITO DA COSTA

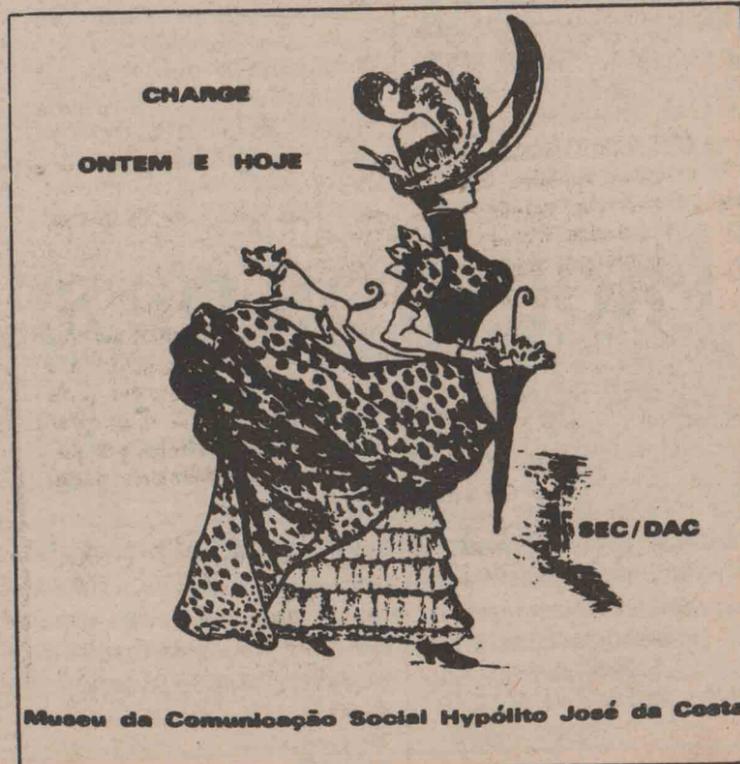
A jornalista Ligia Tricot, diretora substituta do Museu de Comunicação Social "Hipólito José da Costa", de Porto Alegre, que acompanhou a caravana de jornalistas da Associação Riograndense de Imprensa que esteve em Ijuí para a solenidade de inauguração da rua em homenagem ao patrono da imprensa brasileira, remeteu para a redação um resumo das promoções daquele órgão vinculado ao Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria da Educação e Cultura do Estado, que são as seguintes:

Curso de Comunicação Social, realizado na FEEVALE, em setembro de 1975, com mais de 100 participantes; exposição sobre a abolição da escravatura, que se constituiu em sucesso, com posters de velhos escravos, material impresso, reprodução da Revista Ilustrada (Rio de Janeiro) e O Século (Porto Alegre), além de audiovisual e peças da época da escravatura; exposição de cartazes promocionais da Alemanha (agosto de 1975) e de cartazes da Itália. Outra exitosa promoção, que levou a direção do Museu a repetir as sessões pela ocorrência de público, foi a projeção de filmes comerciais inéditos no RS, como os argentinos "Don Segundo Sombra" e "Martín Fierro". As películas foram

exibidas no auditório da Assembleia Legislativa, no ano passado. De 5 a 23 de abril deste ano, a exposição "Charge na Imprensa Ontem e Hoje", com trabalhos de chargistas atuais como Marco Aurélio, Santiago, Sampaulo, Bendati, Edgar Vasques, Rekern, Canini e outros, e trabalho de pesquisa em jornais do século passado, com reproduções fotográficas. Também em abril do corrente ano, a conferência sobre a "Charge Como Opinião na Imprensa", pelo chargista Lan Franco Vasselli, o LAN do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro.

Destaque igualmente para a escolha de um símbolo gráfico para o Museu Hipólito da Costa, concurso este cujas inscrições serão aceitas até o dia 15 deste mês, com um prêmio único de 15 mil cruzeiros e o concurso de monografias sobre os 150 anos da imprensa gaúcha, que terá o regulamento divulgado em breve. Valiosos prêmios serão distribuídos aos autores dos melhores trabalhos.

A jornalista Ligia Tricot ainda acrescenta dentre as promoções do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, a exposição de exemplares de jornais de Porto Alegre, a partir de 1828. Esta mostra acha-se em desenvolvimento na sede do museu, à rua dos Andradas, 959, segundo andar.



EM ATIVIDADE O CONSELHO DE PRODUTORES DE SEMENTE



Reuniu-se em Ijuí no dia 25 de maio último, pela primeira vez, o recém eleito Conselho de Produtores de Semente, com representantes dos municípios de Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba e Distrito de Jóia, município de Tupanciretã. Os conselheiros foram eleitos em reuniões específicas com produtores de semente, com representação proporcional por município, ao número de produtores de semente. O primeiro Conselho de Produtores de Semente desta área de ação da COTRIJUI, ficou assim constituído:

Ijuí - (efetivos): Lindolfo Becker Sobrinho, Reny Bigolin, Aldino Erno Rosinke e Osório Rosa Gobbo; (suplentes): Arlindo Treter, Eloi Casarin, Arno Schneider e Geraldo Pedro Overgoor.

Augusto Pestana - (efetivo): João Hélio Tisott; (suplente): Albino M. Ghisleni.

Ajuricaba - (efetivo): Edelmar Fridrich; (suplente): Arnaldo Redlich.

Vila Jóia - (efetivo): Marcos Lassen; (suplente): Arno Schroer. Também integram o Conselho de Produtores de Semente, os presidentes dos sindicatos de trabalhado-

res rurais de Ijuí, Carlos Karlinski; de Augusto Pestana, Bruno Wan Der San; de Ajuricaba, Dari Bandeira, e de Vila Jóia, Juvêncio Pedroso.

Tomaram parte da primeira reunião, o eng. agr. Nedy Borges, chefe do Departamento Técnico da COTRIJUI, e o eng. agr. Sidney Gervini Souza, pelo setor de Produção de Sementes. Os trabalhos foram secretariados pelo sr. Antonio Alberto Sandri.

O ENFOQUE DA REUNIÃO

Entre os assuntos debatidos com a participação e aprovação dos conselheiros, destacamos o que se refere aos padrões adotados para a semente de soja nas unidades de beneficiamento de semente de Ijuí e Vila Jóia. Estes padrões, quanto à presença ou não de feijão miúdo ou amoroso, em cada lote de semente que estiver sendo classificada, serão estes:

PADRÃO UM - nada de feijão miúdo ou amoroso;

PADRÃO DOIS - um grão de feijão miúdo ou amoroso para ca-

da 15 sacos do lote de semente.

Os lotes que apresentarem problema de mistura varietal, ou também uma quantidade de feijão miúdo e/ou amoroso superior aquela especificada para o PADRÃO DOIS, serão destinados ao comércio. Os lotes de Padrão II somente serão aproveitados na falta de semente de Padrão I.

EM BUSCA DA MELHOR SEMENTE

Está visto pois que a constituição deste primeiro Conselho de Produtores de Semente tem como finalidade principal a de congregar os próprios produtores e o departamento técnico da COTRIJUI, para que desta integração surjam medidas realmente eficazes para a obtenção de uma Semente Fiscalizada de Padrão Melhorado.

O Departamento Técnico da COTRIJUI, através do seu setor de Produção de Sementes, já há alguns anos vem tomando providências no sentido de conscientizar o produtor da importância da qualidade da semente, como insumo básico para formação de uma lavoura que propi-

cie altos índices de rendimento. A exemplo do primeiro conselho, fruto dessa conscientização, em breve as unidades de Tenente Portela e Santo Augusto também escolherão seus representantes, constituindo assim seus Conselhos de Produtores de Semente.

O QUE JÁ FOI FEITO

Essa integração de produtores com o Departamento Técnico da COTRIJUI, é decorrência de uma série de medidas já adotadas, entre as quais podemos citar:

- Seleção de associados para produção de sementes em cada safra, baseando-se em uma série de dados como: qualidade da semente entregue em safras anteriores; idoneidade moral do produtor; receptividade a novas técnicas e grau de cooperativismo.

- Reuniões e cursos para produtores de sementes.

- Programação de rádios e jornal (COTRIJORNAL), dirigida aos produtores de semente.

- Aperfeiçoamento do pessoal técnico que trabalha a nível de lavou-

ra, pessoal de armazém, encarregados da recepção, armazenamento e beneficiamento de sementes e por último, do pessoal responsável pelo Laboratório de Análises de Semente da COTRIJUI.

- Padronização dos lotes de semente, conforme a qualidade observada durante a classificação e análise de laboratório.

- Bonificação, de acordo com a qualidade da semente, medida que estimula a produção de semente de padrão cada vez melhor. A semente de padrão I, tem recebido um valor até 3 vezes superior aos outros padrões.

- Prioridade de distribuição ao produtor, da semente de Padrão I (semente pura).

- Programa de purificação de semente a nível de lavoura, iniciada em pequenas áreas e com uma variedade por produtor.

E finalmente, como medida mais recente, a formação de um Conselho de Produtores de Semente, medida esta fundamental para a conscientização e integração Produtor e Departamento Técnico.

PRODUTOR DE SEMENTE!

É muito importante que o produtor de semente presencie a classificação de sua semente. Quando chamado, compareça aos armazéns da COTRIJUI.

O Departamento Técnico da COTRIJUI, dando continuidade ao esquema adotado na classificação da semente de soja da safra 74/75, convidando aos produtores para acompanhar o beneficiamento de sua semente, está novamente através das rádios locais divulgando nos horários da manhã e do meio-dia, uma lista com os nomes daqueles cujos lotes de sementes vão ser classificados.

SEMENTE DE SOJA

A COTRIJUI informa através de seu Departamento Técnico que dispõe para a próxima safra de soja, de Semente Fiscalizada de padrão melhorado, das variedades Prata, Planalto, Peroia, Paraná, IAS-1, IAS-2, IAS-4, IAS-5, Bragg, Hampton, Bossier, Santa Rosa e Hardee, para distribuição ao seu quadro social e também para terceiros.

ASSEMBLÉIA DA COTRIJUI REELEGEU A DIRETORIA

Tendo por local a Sociedade Ginástica de Ijuí, a COTRIJUI realizou a 12 de maio último as assembleias gerais de nºs 42 e 43, respectivamente, ordinária e extraordinária, sendo ambas em terceira convocação.

A primeira assembleia a realizar-se foi a ordinária, cujos principais assuntos constantes da ordem do dia, todos aprovados, foram: autorização da assembleia ao Conselho de Administração, para adquirir, alienar ou onerar bens imóveis nos termos do artigo 40, letra I do estatuto social; autorização para participação na Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda. — CCGL — autorização para participação da COTRIJUI na cooperativa Regional de Telecomunicações (em organização); autorização para o Conselho de Administração firmar convênio com o Banco do Brasil, para assistência técnica agrônômica; autorização para a cooperativa cobrar de seus associados remuneração pelos serviços de financiamento superiores a 50 vezes o maior valor de referência vigente no país. Todos esses assuntos foram aprovados pela unanimidade da assembleia.

Os demais assuntos constantes da ordem do dia foram: apreciação, discussão e aprovação do relatório da diretoria, balanço demonstrativo de sobras e perdas, parecer do Conselho Fiscal e demais documentos relativos ao exercício encerrado em 29 de fevereiro de 1976; destinação das sobras do exercício e eleição e posse do novo Conselho de Administração, Conselho Fiscal e respectivos suplentes.

INSTALAÇÃO DA ASSEMBLÉIA

Constituída a mesa dos trabalhos sob a direção do diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, este convidou a fazer parte da mesa os demais membros da diretoria, os conselheiros e diretores; os representantes do INCRA, srs. Claudio Stein e Carlos Herrmann; o professor Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto Amazônia; o médico Solon Gonçalves da Silva, coordenador de Assistência Social; sr. Arthur Nardon Filho, diretor da Ascop, firma contratada como auditora da cooperativa; Aldair Heberle, diretor da COTRIEXPORT, empresa associada à COTRIJUI e sr. Joaquim Piña Armandariz, do comércio importador do México, que se encontrava em visita a cooperativa, tendo servido como secretário o sr. Ruy Michel.

Após lidos os editais de convocação, o presidente solicitou à assembleia que fosse no-

meado um membro do plenário, conforme determina o artigo 32 do Estatuto, para presidir os trabalhos, tendo sido indicado o associado, eng. agr. Hilson Guilherme Corrêa Leite, que assumiu, tendo os trabalhos decorrido normalmente.

ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA

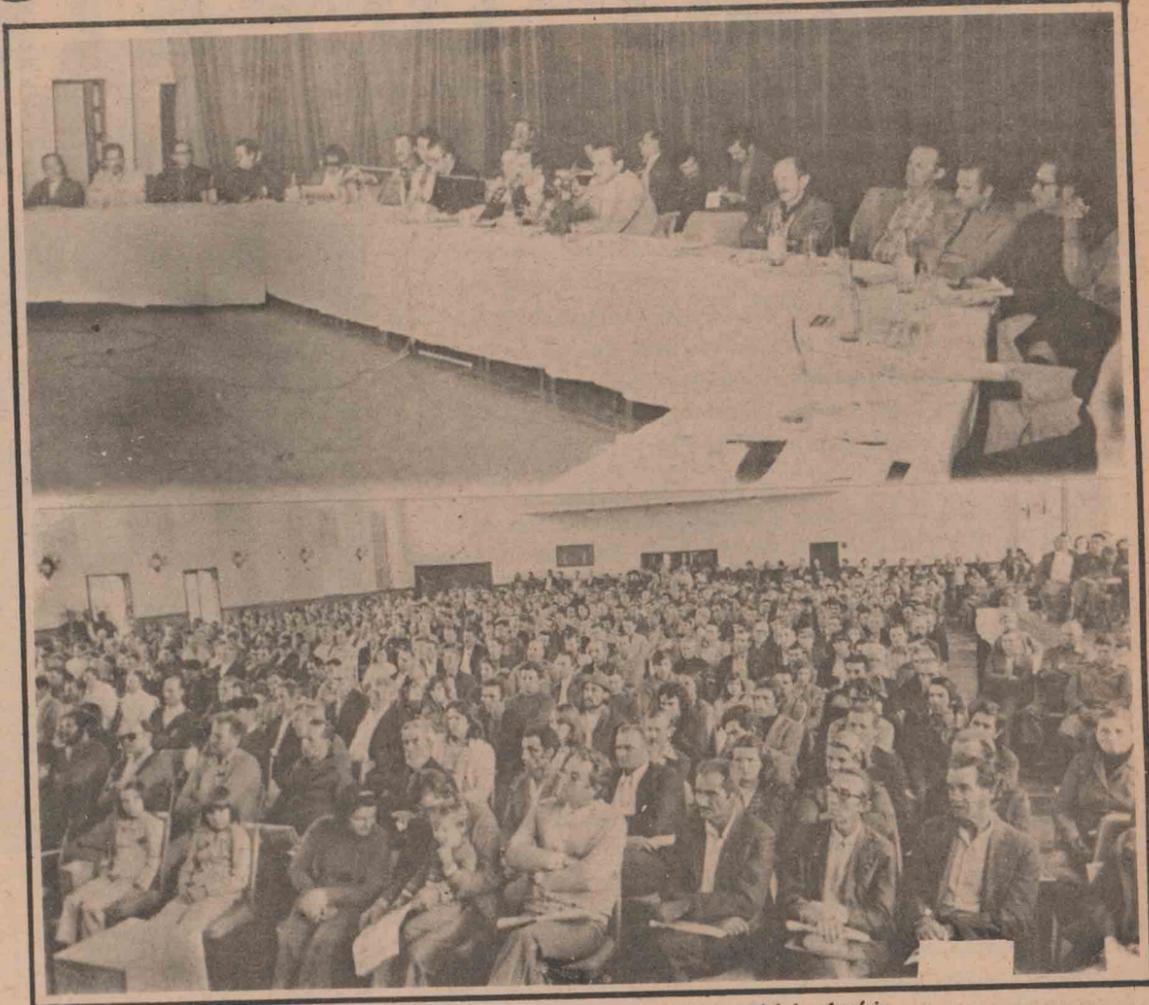
Em chapa única, foram reeleitos para o Conselho de Administração o eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva e os srs. Arnaldo Oscar Drews e Clóvis Adriano Farinã, tendo como conselheiros efetivos os srs. Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarello, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers. Conselheiros suplentes: Antonio Primo, Itavino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana. Conselho Fiscal: José Claudio Kohler, Emilio Uhde e Zeno Foletto, como efetivos e Mário Euzires de Moura Guterres, Harry Reisdorfer e Olderige Bertoi, como suplentes.

Um total de 725 associados votantes colocaram seus votos em cinco mesas receptoras, em votos escrutinados pelos seguintes associados: Luiz Osório Chiapetta, Bruno Brendler, Airtton Schneider, João Caçavara, Carlos Roger Erig, Herbert Grimm, Alfredo Schmidt, Braulio Martins da Rocha, Arno Freitag, Nery François, José Francisco Chiapetta, Hilário Reineski, Bruno Eisele, Ari Eloi Engleitner, Honorino Picoli, Waldemar Michael, Constantino José Goi, Erich Grimm, Duilio Fachin e Beno Schneider.

Ainda dentro de outros assuntos de interesse social, o economista Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto Amazônia fez ampla exposição sobre o mesmo e o médico Solon Gonçalves da Silva abordou o Projeto Saúde da COTRIJUI, em convênio com a UNIMED-Ijuí, tendo falado também o médico Bruno Wayhs, presidente da UNIMED.

INCORPORADA A COOPERATIVA MISTA MAUÁ

A assembleia geral extraordinária, convocada para a mesma data e local, também instalada em terceira convocação, aprovou pela unanimidade do plenário a incorporação da Cooperativa Mista Mauá Ltda. O plenário designou três nomes para comporem a comissão que procederá os estudos necessários à incorporação, que são os associados Germano Reinoldo Beutinger, Balduino Kitlaus e Edmundo Helvin Kommers.



A mesa que presidiu os trabalhos, e uma vista parcial do plenário.

RELATÓRIO DO BNCC

O relatório do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, relativo ao exercício de 1975, traz alguns informes dignos de destaque e de conhecimento geral, por sua participação na economia primária do país.

Na apresentação do relatório, a diretoria do BNCC diz, dentre outras coisas, o seguinte: "senhores acionistas. No meio rural, onde o BNCC atua, por força de vocação irrecusável, verificaram-se fenômenos climáticos — geadas no Sul, e cheias no Norte, Nordeste e Estado de Santa Catarina — que prejudicaram o desempenho da produção agropecuária. A despeito desses fatores negativos, 1975 foi um ano dos mais auspiciosos para o BNCC, que logrou, no período, captar considerável soma de recursos, realizar bem mais expressivo volume de operações e, por via de conse-

quência, experimentar crescimento acima da média bancária nacional".

Vale dizer igualmente, que foi no exercício de 1975 que o BNCC, após um estudo de profundidade, adotou novo organograma que resultou no Plano de Classificação de Cargos, Quadro de Salários e Regulamento de Pessoal, ao mesmo tempo em que se dotava todas as agências de engenheiros agrônomos, para prévia análise de projetos, melhor acompanhamento do crédito e prestação de assistência técnica dirigida.

Quanto a resultados financeiros, é esta a colocação da diretoria do banco: "é de fomento a função primordial do BNCC. Visa, em primeiro lugar, a atender, no seu campo de ação, aos interesses econômicos e sociais do País. O Banco está a serviço do desenvolvimento no âmbito

cooperativista. Mas, sendo uma empresa, busca atuar de modo sempre mais eficiente. E os esforços nesse sentido vêm sendo recompensados com resultados animadores".

Como último enfoque o relatório diz sobre perspectivas futuras, para conhecimento dos cooperativados: "A certeza de que o Poder Central está decidido a promover o associativismo no campo da produção, bem assim os resultados colhidos nos últimos exercícios justificam que o Banco encare 1976 como o ano em que consolidará sua estrutura financeira e administrativa, de modo que ela possa constituir-se em base para maiores realizações a partir de 1977, em termos do seu próprio crescimento e de mais vigoroso impulso ao cooperativismo no Brasil".

COTRIJORNAL É MARCA EXCLUSIVA

O COTRIJORNAL é marca registrada, com registro de patente aprovado pelo setor competente do Ministério de Indústria e Comércio.

Segundo comunicação que acaba de ser feita a COTRIJUI pela Organização Buiar, Patentes e Marcas, a Revista da Propriedade Industrial nº 291, de 18 de maio último, publicou a seguin-

te EXPEDIÇÃO DE CERTIFICADO, referente aos processos nºs 022.775, de 13-11-73 "COTRIJORNAL" M/C11 e nº..... 022.776, de 13-11-73, "FIGURATIVA" M/C11.

"VISÃO" DEBATEU A LIVRE EMPRESA NACIONAL

Na edição que circulou a partir de 19 de abril, a revista econômica "Visão" publicou resumo de debate a respeito da livre empresa nacional. Foi o resultado de reunião promovida pela própria revista com técnicos e empresários brasileiros, dentre estes o diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva. Além do presidente da COTRIJUI participaram dos debates o economista Adroaldo Moura da Silva, professor da Faculdade de Economia e Administração e do Instituto de Pesquisas Econômicas, ambos da Universidade de São Paulo; PhD em economia pela Universidade de Chicago e antigo colaborador de Delfim Netto no Ministério da Fazenda.

O agricultor e empresário Maurílio Biagi, fundador e presidente do Conselho da Zanini S.A. — Equipamentos Pesados e presidente da Usina Santa Eliza — de açúcar e Alcool, de Serfãozinho, São Paulo; o economista e empresário Luiz Lacerda Biagi, formado pela Universidade Mackenzie, de São Paulo, do grupo Zanini-Santa Eliza e diretor do Centro do Comércio do Estado de São Paulo e do Sindicato de Máquinas do Estado de São Paulo; o economista e engenheiro Luiz Carlos Lemme, economista pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro e em engenharia pela Escola Nacional de Engenharia, pós graduado em economia da engenharia e supervisor de várias unidades técnicas da Hidroservice; o senador Milton Cabral, da Arena da Paraíba, presidente da Comissão de Economia do Senado Federal, engenheiro pela Universidade Mackenzie, em São Paulo. Tomou parte nos debates, como mediador, o engenheiro Henry Maksoud, diretor-presidente do Grupo Visão e da Hidroservice - Engenharia de Projetos.

Em face da preocupação do COTRIJORNAL para os enfoques de natureza sócio-econômica, publicamos uma síntese dos debates publicados na citada edição da revista "Visão".

O economista Adroaldo Moura da Silva manifestou-se preocupado com o crescente processo de estatização econômi-

ca e centralização política. Declarando-se liberal, porém "um liberal mais próximo ao conceito que essa expressão continha no século XIX do que do conceito de liberal hoje reinante nos Estados Unidos", culpa Keynes, que teria "aberto o caminho para o que hoje chamamos de estatização".

Disse o economista que ao voltar para o Brasil em 1972, após quatro anos de ausência, ficou estarrecido com esse processo de centralização. Ressaltou que o professor Mario Henrique Simonsen havia escrito um trabalho em que dizia que o grande segredo do modelo brasileiro de crescimento residia no tripé poupança, mercado e confiança. Diz ter se assustado com essa colocação. "Quanto à poupança, está certo, porque ela é compulsória" disse, mercado, no meu entender, havia muito pouco. E confiança, sem dúvida, havia muita'.

E nesse processo de reeducação — ressaltou o economista — procurei então, em primeiro lugar, compreender o que significava economia de mercado no Brasil.

Em sua intervenção nos debates, o presidente da COTRIJUI disse que "a participação do Estado na economia brasileira é fruto, sob alguns aspectos, de certo comodismo da iniciativa privada. Ou será que o Estado não está dando oportunidade à iniciativa privada? Perguntou Ruben Ilgenfritz da Silva. E ele respondeu: "Creio que posso responder a essa pergunta com um depoimento sobre a vivência diária que temos do problema, no Rio Grande do Sul.

Vivemos num país em desenvolvimento e estamos acostumados à idéia de que é muito mais fácil importar tecnologia do que desenvolvê-la. É muito mais cômodo reivindicar do que executar. Podemos sentir isso, como disse, na nossa experiência diária.

Durante muito tempo ficamos a indagar, por exemplo, porque tínhamos tanta dificuldade para conseguir escoar a produção de uma safra. Até que chegou o momento de concluirmos que se não fossem tomadas providências, pelo Governo ou por nós mesmos, seríamos obrigados a



Uma foto dos debates, aparecendo o presidente da COTRIJUI entre os economistas e empresários paulistas.

parar de produzir, simplesmente porque não tínhamos condições de colocar nossos produtos no mercado, especialmente no mercado internacional.

Então, primeiro fomos saber do Governo o que se pretendia realizar em termos de infraestrutura para resolver o grave problema das safras encalhadas. Não havia nada programado ou, pelo menos, não havia nada suficientemente programado. Foi quando partimos, nós mesmos, produtores primários, para as tentativas de soluções.

Foi quando partimos para a construção, com tecnologia que nós mesmos desenvolvemos, de um terminal portuário. Contrariando os sistemas vigentes na época, deixamos de lado os tradicionais silos verticais e partimos para os horizontais. Outros empreendimentos se seguiram em nossa área.

Com base nesses exemplos, creio poder afirmar que o problema de maior ou menor estatização da economia depende, em boa parte, de uma maior definição do próprio empresário brasileiro. É verdade que nem sempre as coisas se resolvem tão facilmente como no exemplo do Terminal. Certa ocasião tentamos atacar, ainda no setor dos transportes, outro problema vital para o escoamento da produção de importante região do Rio Grande do Sul: ramais ferroviários. Elaboramos projeto de viabilidade econômica por nossa conta (trata-se do Ramal Catuipê — Santo Augusto) e o levamos ao

Governo, oferecendo-nos até para colaborar no custeio da obra, fornecendo os dormentes. Até hoje — são passados mais de tres anos — não obtivemos resposta.

O empresário Maurílio Biagi concordou com os pontos-de-vista externados por Ruben Ilgenfritz da Silva. E perguntou a seguir: será que não há uma deficiência da iniciativa privada nesse processo em que o Estado assume o papel de empresário? Mas e o estado-empresa não sofrerá dos mesmos males do empresariado privado? Na verdade ele não tem quadros profissionais; não tem gente suficientemente capacitada para entender e resolver seus problemas que serão necessariamente maiores à medida que cresce sua intervenção na economia.

O economista Luis Lacerda Biagi colocou o enfoque de nossa pobreza tecnológica. Citando o jornal "O Estado de S. Paulo", disse que "a crescente concentração do poder nas mãos dos tecnocratas das empresas estatais é apontada até por funcionários do Governo como a mais grave consequência da estatização da economia brasileira". Criticou as normas da tecnologia estabelecidas pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), que permite à indústria nacional romper, depois de cinco anos, o contrato de pagamento de "royalties", o que, no seu entender, "é fator de impedimento para as empresas estrangeiras locarem "know-how", no nosso país.

Outro economista, Luis Carlos Lemme, de São Paulo, criticou à política imposta, de cima para baixo, e cuja interferência na vida econômica do país se impõe sem ao menos submeter-se a qualquer crítica de análise. Disse o economista que "diariamente os órgãos de planejamento estatal produzem planos de projetos que são impostos à nação sem nenhuma possibilidade de crítica ou de revisão, em profundidade.

O senador Milton Cabral, da ARENA, presidente da Comissão de Economia do Senado, concordando com nossa pobreza de tecnologia em muitos setores, disse que nossos economistas e tecnocratas são muito bem preparados intelectualmente, mas despreparados em relação à experiência e à vivência dos grandes problemas brasileiros.

Henry Maksoud, engenheiro e empresário, diretor-presidente da Hidroservice e Grupo Visão, após fazer uma série de considerações sobre economia global e ideologismo econômico, disse que "está nos faltando uma verdadeira liderança nesse processo de disseminação de um conjunto de regras com conteúdo político-ideológico para o nosso desenvolvimento econômico.

A doutrina existe, está na Constituição, mas na prática, estamos trilhando caminhos opostos."



A ASSISTÊNCIA SOCIAL NA ÁREA DA COTRIJUI

Dr. Solon Gonçalves da Silva

Na área de saúde, no Brasil, três sistemas a nível institucional — o Federal, o Estadual e o Municipal — atuam na proteção e recuperação da saúde. O setor privado, já contando com organismos bem estruturados, em regime empresarial, cooperativo, beneficente ou filantrópico, desenvolve atividades especialmente no plano da recuperação da saúde. No setor público, identificam-se os órgãos de administração direta: os Ministérios da Saúde, do Trabalho e o da Previdência Social; as Secretarias de Estado e as dos Municípios brasileiros. Citem-se, também, os órgãos de administração indireta: autarquias, empresas públicas e fundações, em que se destacam, pelo volume de suas ações e pela amplitude de seu alcance, o Instituto Nacional de Previdência Social, o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural e a Fundação Serviço Especializado de Saúde Pública.

A Constituição Federal atribui à União, especificamente, as tarefas de defesa permanente da saúde, bem como a legislação sobre normas gerais de defesa e proteção da saúde.

A Política Nacional de Saúde expressa num documento básico, o Sistema Nacional de Saúde, objetiva uma coordenação de todas as atividades de forma a que se ampliem as campanhas de âmbito nacional, a cargo dos setores públicos; se dê assistência técnica e financeira para instalar, ampliar e operar serviços de saneamento básico; ajuda técnica e financeira às instituições assistenciais visando melhoria de sua produtividade; aumento dos quadros técnicos operacionais de todos os níveis, bem como a melhoria de sua qualificação; formulação de programas de aplicação dos recursos materiais e humanos, tecnológicos e financeiros; buscando, em última análise, a meta da solução dos problemas nacionais de saúde.

O que se quer atingir, o que se pretende, é eliminar as distorções conhecidas e reconhecidas na prática diária, por uma política distributiva dos recursos, evitando-se a sua pulverização e eliminando-se a superposição, o amontoamento com a mesma finalidade.

Basicamente, estruturas de coordenação e supervisão — a nível nacional, estadual, municipal e privado — articuladas entre si, numa hierarquia de competências, deverão ser, a curto e médio prazos, o melhor ca-

minho para uma produção de serviços, controlada, eficiente e eficaz. As limitações e possibilidades dos sistemas de Previdência e Assistência, que abrangem os grupos e sub-grupos vinculados a COTRIJUI inserem-se, destarte, no contexto global. Dessa realidade não há como fugir, pois que a empresa é parte da comunhão nacional.

Novas diretrizes vêm sendo baixadas pelos órgãos competentes, importando em uma melhoria do atendimento das populações dependentes do Instituto Nacional de Previdência Social e do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural. Busca-se não somente a cobertura como a eficiência do atendimento da quase totalidade da população brasileira. E os mecanismos para atender a demanda? Incrementa-se o credenciamento dos técnicos; ativam-se as estruturas existentes e montam-se novas; convênios, ajustes, contratos, acordos são efetuados com estados, prefeituras, hospitais, etc.

Então, é de se perguntar: porque as empresas de médio e grande porte mantêm ou subsidiavam serviços assistenciais? Segundo o dr. José Granado Neiva, secretário da assistência médica do Instituto Nacional de Previdência Social, somente na área de ação do órgão, com bases nos levantamentos, no ano de 1976 ocorrerá uma demanda insatisfeita de 19.500.000 consultas. Instalações inadequadas ou insuficientes, a burocracia torturante, o aumento inusitado da procura, a deficiência dos quadros operacionais e outros fatores agravam ainda mais o problema, refletindo-se na qualidade e quantidade dos serviços prestados. A previsão para 1975, dos órgãos técnicos do INPS era de uma oferta de 84.000.000 de consultas para 42.000.000 de beneficiários, enquanto que a produção e a compra de serviços de terceiros atingirá, escassamente, a cifra de 54.500.000 consultas. Sabe-se que uma série de medidas vêm sendo tomadas visando reduzir esse déficit. Vai ocorrer? É o que se saberá em futuro próximo.

Mesmo para um leigo, este pano de amostra responde à pergunta inicial: a insatisfação social do não atendimento, do mau atendimento, do atendimento demorado, das peias burocráticas e outros, levaram as empresas a manter, contratar ou complementar as despesas dos serviços assistenciais a suas massas dependentes. Fatores econômicos também associam-se

nessa preocupação e são relevantes, com ênfase ao absentismo e a fatores contingentes da carga emocional que se refletem na produtividade.

Os sistemas de Previdência e Assistência atualmente existentes, que abrangem os grupos e sub-grupos vinculados a COTRIJUI são oriundos: das provisões legais da Previdência Social; três leis básicas presidem os sistemas, que são: lei orgânica da Previdência Social, a lei que institue o Sistema Nacional de Saúde e a lei que institue o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural; das provisões do Plano de Assistência Médico-Social, administrado pela firma "Mira Corretora de Seguros Ltda" — OSMIRA, que também administra a cobertura securitária aos participantes voluntários do Plano. Os mecanismos de atendimento dos órgãos previdenciários estatais ou para-estatais são sobejamente conhecidos e sobre eles não se fará maiores comentários. O Serviço de Assistência Médico-Social que a COTRIJUI mantém desde 1969 mediante contrato com a empresa particular já citada, tem assegurado aos participantes voluntários do Plano, além de seguro de vida, acidente e invalidez, consultas médicas, no início da execução do Plano em consultórios próprios, por médicos contratados de uns tempos a esta data, pelo regime de livre escolha, através de convênios e ajustes. Além do que, promove assistência odontológica para tratamento, extração e recuperação; provê o atendimento das despesas de hospitalização até os limites fixados no Plano, exames laboratoriais e mantém unidades móveis para remoção de paciente.

As informações colhidas em diversas fontes são de que, apesar de não abranger a totalidade das populações vinculadas e dependentes, os serviços têm se mostrado eficientes.

A seguir um mapeamento da produção de serviços da "OSMIRA", no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1975: consultas 20.512; cirurgias 576; partos 120; exames de laboratório 8.201; remoções em ambulância 51; extrações 3.403; restaurações 7.776; cavidades preparadas 8.268; curativos para tratamento de canal 1.236; tratamento de canal 501; radiografias periapicais 427; forramentos 1.476; capeamentos 180; diversos 1.824; números de atendimentos 25.091; número de pessoas atendidas 16.524; massagens 48; injeções 120; curativos 432; pressão arterial 503; infra-vermelho 108; forno de Bier 175; número de pessoas atendidas 1.386; número de atendimentos 2.021.

PREZADO ASSOCIADO:

Dentro dos melhores princípios da ética médica e do cooperativismo, apresentamos a V.Sª o Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED, visando prestar uma melhor assistência médica e hospitalar ao pessoal da agricultura. O Plano de Saúde prestará, dentro do sistema de livre escolha de médico, laboratório e hospital pelo paciente, assistência médica e hospitalar integral, compreendendo:

1. Consultas;
2. Exames de laboratórios;
3. Exames especializados (Eletroencefalograma, Eletrocardiograma, etc.);
4. Raio X;
5. Hospitalização (tratamentos clínicos, cirurgias e obstetrícia), sem limite de despesas;
6. Medicamentos hospitalares.

É de salientar o atendimento em regime de clínica particular, nos próprios consultórios dos médicos.

A assistência médica e/ou cirurgia especializada, prevista no presente plano, não disponível por razões técnicas, na área de ação da UNIMED/IJUI, poderá ser providenciada pela cooperativa médica, a pedido do médico assistente de comum acordo com o paciente, mediante seu encaminhamento à UNIMED SANTA MARIA. Neste caso a UNIMED pagará 70 por cento da despesa e o segurado os outros 30 por cento.

O usuário, ao consultar, pagará, como participação na consulta, diretamente ao médico as seguintes importâncias:

- a) O trabalhador rural e o empregado da COTRIJUI, Cr\$ 10,00;
- b) O pequeno produtor rural e os encarregados de serviço, chefes de seções, pessoal técnico e demais funcionários qualificados da COTRIJUI, Cr\$ 20,00;
- c) O empresário rural, Cr\$ 30,00;

A internação hospitalar será em quarto semi-privativo.

O usuário que optar por acomodações superiores às padronizadas pelo presente contrato, pagará as diferenças de preço do hospital e médico, existentes entre a tabela da UNIMED e a tabela particular dos hospitais no que se refere a diárias, e, até 100 por cento da tabela UNIMED como complementação de honorários médicos.

ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA:

Daremos continuidade aos serviços que vinham sendo prestados pelo Convênio anterior, assegurando que o mesmo ofereça maior disponibilidade em todos os locais onde dispomos de unidades receptoras, seja por inclusão ou contratação de maior número de profissionais ou instalação de consultórios próprios.

SEGURO DE VIDA:

Ofereceremos ao Associado titular do Plano Cooperativo de Saúde um seguro de vida no seguinte valor:

- Por morte natural, Cr\$ 10.000,00
- Por morte acidental, Cr\$ 20.000,00
- Por invalidez permanente, Cr\$ 10.000,00

Poderão inscrever-se no presente Plano os Associados, e através destes, seus empregados, e funcionários da COTRIJUI, além dos dependentes das categorias acima especificadas, constantes das fichas cadastrais da Cooperativa.

A taxa de inscrição será de: Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) por pessoa.

O custo do Plano será o seguinte:

	Cr\$/MÊS
— Associado sem dependente	Cr\$60,00
— Associado com 1 dependente	Cr\$ 110,00
— Associado com 2 dependentes	Cr\$ 165,00
— Associado com 3 dependentes	Cr\$ 220,00
— Associado com 4 dependentes	Cr\$ 250,00
— Associado com 5 dependentes	Cr\$ 270,00
— Associado com 6 dependentes	Cr\$ 280,00

OBSERVAÇÃO:

Para número superior a seis (6) dependentes o custo será de Cr\$ 40,00 por dependente.

— A taxa de Cr\$ 10,00 por pessoa inscrita será paga no ato da inscrição;

— O custo do Plano, para associados portadores do "Cartão de Aptidão" poderá ser debitado em conta corrente, para amortização em duas parcelas semestrais, uma na sagra do soja e outra na sagra do trigo.

O INÍCIO DO CONVÊNIO SERÁ EM 18 DE JUNHO PRÓXIMO!

A inscrição será feita pelos Departamentos de Crédito e Escritórios das Unidades.

INSCREVE-TE!

ZELA PELA TUA SAÚDE E PELA DE TEUS DEPENDENTES E COLABORADORES!

(No ato da inscrição o associado deverá trazer uma foto 3x4 sua e de cada dependente).

ADMINISTRAÇÃO



O economista Edgar Irio Simm quando fazia a exposição para os parlamentares, ladeado pelos srs. Nelcy Nunes, diretor de Recursos Humanos da COTRIJUI, delegado do INCRA, Frederico Gunar Dürr e deputados.

PROJETO COTRIJUI-AMAZÔNIA EXPLICADO NA ASSEMBLÉIA

A Comissão de Agricultura e Pecuária da Assembléia Legislativa ouviu no último dia 20, durante três horas, relato feito pelo economista Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto de Colonização da Amazônia. A reunião foi presidida pelo deputado Rospide Neto, contando com a presença dos deputados Aldo Pinto, vice-presidente da Comissão e Porfírio Peixoto. Presentes ainda o sr. Frederico Gunar Dürr, delegado do INCRA no Rio Grande do Sul; Nelcy Nunes, diretor de recursos humanos da COTRIJUI e representantes do Ministério e Secretaria da Agricultura, FETAG, INSTISOJA, CEMAPA, CESA, IBDF, BRDE, ASCAR, AGAPAN, Gabinete de Assessoramento Superior da Assembléia e lideranças do MDB e ARENA.

O sr. Edgar Irio Simm forneceu amplos detalhes técnicos do Projeto e pormenorizou os estudos já realizados e entregues ao INCRA. Publicamos a seguir, na íntegra, o pronunciamento feito pelo economista.

A COTRIJUI, com sede em Ijuí, composta por mais de 10.000 membros, produtora de trigo e soja, usando técnicas de alto grau de mecanização, objetiva principalmente com este projeto, transferir parte de seus associados para a Amazônia, em terras hoje pertencentes ao INCRA. Assim estará por um lado reagrupando os minifúndios no RGS, possibilitando tamanhos de propriedades mais econômicos e por outro, realizando a colonização da Amazônia pela transferência dos colonos liberados pelo (agrupamento) reagrupamento do minifúndio no Sul. Esta transferência será feita após estudo de pré-viabilidade para que se minimize os riscos e se ofereça condições de vida e trabalho adequados aos associados.

Para estes estudos foi feito contrato com a empresa de consultoria DS-DESENVOLVIMENTO e SISTEMA S/A.

A COTRIJUI entregou ao INCRA um documento com os estudos realizados, denominado: "solicitações da COTRIJUI ao INCRA, com vistas à implantação do projeto de colonização na região de Altamira, na Amazônia Legal". Os principais as-

pectos ressaltados neste estudo foram:

Área total para o projeto de colonização; preço e condições de venda das terras a cooperativas; área agricultável e reserva florestal; programas agrícolas alternativos e cronologia de implantação do projeto; crédito fundiário para remembramento de minifúndios no RGS e para o projeto de colonização na Amazônia; infra-estrutura econômica e social básicas; compromisso, de princípios, da cooperativa comercializar a produção dos colonos do INCRA, na região de Altamira e suprir esses lavradores de insumos agrícolas modernos.

Após a entrega destes estudos continuaram-se os trabalhos que são objetos desse relatório. Visavam basicamente:

Identificar e avaliar as opções, riscos e benefícios da abertura de frente pioneira na Amazônia considerando: demografia e situação econômica dos cooperativados, inventário dos recursos naturais da área a ser ocupada, bases técnicas de ocupação, análise da mão-de-obra e esquemas mais eficientes do uso da terra, definição das fon-

tes financeiras do projeto e identificação dos principais problemas institucionais (posse).

Elaborar documento de reivindicações ao Poder Público.

ESTUDOS EMPREENHIDOS E FONTES DE INFORMAÇÃO

Solos, recursos florestais, cultivos agrícolas, agro-indústrias, insumos, máquinas e equipamentos agrícolas, infra-estrutura básica e social, parâmetros sócio-econômicos do RGS para o projeto crédito e incentivos fiscais e mercados.

Entre muitas fontes, além de levantamentos de campo foram utilizadas as seguintes: documentação do INCRA, projeto RADAM, IPEAN, IAC, IBDF, Serraria da Agrocerama, Agro-Industrial da Amazônia Ltda, COTRIJUI e dezenas de técnicos de todo o Brasil. Estudou-se também o Projeto Remanso do Pontal, em execução naquela área, FAO, IAA.

SITUAÇÃO ATUAL NA ÁREA DO PROJETO

Localização: dados no projeto página 13. No município

de Altamira, margem direita da Transamazônica entre as margens do rio Iriri e os lotes de colonização do INCRA. Dista 135Km de Altamira, 180 Km de Vitória (porto fluvial do Xingu) e 200 Km do remanso do Pontal).

Transportes: podem ser utilizados: Projeto Remanso do Pontal; Santarém, cerca de 818 Km; Projeto Itaituba - Santarém, cerca de 685 Km; Projeto Remanso do Pontal - Belém, cerca de 1.102 Km.

Clima: chuva verão-outono 90 por cento (fevereiro, março e abril); precipitação média anual: 1700 mm; temperatura média: 26°C; recursos hídricos: bacia do Xingu (navegáveis). Abundância para o abastecimento e irrigação.

Aspectos Econômico-sociais: a população de Altamira em 1970 era 5.816 urbana e 9.612 rural. As estimativas para fins de 1974 eram de 30.000 habitantes, metade urbana e metade rural. A mão-de-obra, apesar do crescimento é escassa, tendo em vista que os lavradores colonos do INCRA são absorvidos pela atividade de suas propriedades e os temporários se deslocam com a estrada. A remuneração ressalta esta escassez, situando-se em 15,00 por dia (com refeição) e 25,00 por dia (sem refeição), enquanto o salário mínimo é de 10,80 por dia.

Uso da terra: antes da colonização do INCRA era extrativa vegetal, subsistência (feijão, arroz e milho), bovinos e suínos em pequena escala. Após o início dos projetos do INCRA foram introduzidas algumas alterações: cacau, café, cana, além da intensificação do arroz, milho, feijão e pimenta. Não usam fertilizantes (só uréia nesta última cultura). Equipamentos, só tratores em destoca e estradas. A assistência técnica é feita pelo INCRA (5 agrônomos e 15 técnicos) e ACAR-PA (4 engenheiros e 22 técnicos). Esta situação vem ressaltar a necessidade do Projeto da COTRIJUI e se auto-abastecer de técnicos e insumos.

Infra-Estrutura: (rodovias) Transamazônica, Cuiabá-Santarém, Altamira-Vitória. Portos: Remanso do Pontal, Vitória, Itaituba e Santarém. Energia elétrica: grupo gerador da municipalidade atende hospital, colégio e algumas residências. De resto querosene e gás. Comunicações: uma agência de correios e telégrafos e um transmissor de rádio e um posto telefônico na COTELPA. Armazenamento: CIBRAZEM-COBAL, com capacidade comprometida pela estocagem da produção dos colonos do INCRA. Do exposto, afóra a infra-estrutura básica, o Projeto terá de projetar a infra-estrutura de apoio. Educação: só primeiro grau (4ª ou 5ª série). ACAR-PA: equipe técnica que atua junto aos professores. Além disso MEB, MOBRAL, PAMP e CMAE. Saúde: unidade

sanitária da FSESP e hospital da prelazia do Xingu, atuação do projeto Rondon e do Campus avançado de Altamira.

POLÍTICA GOVERNAMENTAL PARA ÁREA DO PROJETO

Está corporificada no Programa Fundiário Amazônia (PFA) 75/79, sendo constituído e desdobrado nos seguintes programas: Programa de ações discriminatórias para regularização fundiária e licitações; Projeto de Assentamento Dirigido; Projetos Integrados Agro-Industriais e Projeto Cooperativas de Colonização (PCC). Neste último se integra o atual projeto da COTRIJUI. Sua meta básica é a implantação de 10 mil empresas familiares na Amazônia, através de 8 cooperativas do Centro-Sul numa área de 2.500 mil hectares. Este programa permitirá o reagrupamento de 10 mil minifúndios no Centro-Sul.

PROJETO DE COLONIZAÇÃO DA COTRIJUI NA REGIÃO AMAZÔNICA

Localização (critérios) e condições físicas: permitem o desenvolvimento de agricultura moderna, mecanizada, uso de fertilizantes, condições climáticas favoráveis, proximidade de jazidas de corretivos calcários de Monte Alegre e Itaituba, infra-estrutura básica que permita a recepção de insumos agrícolas e comercialização da produção. A área proposta preencheu os requisitos, reunindo condições para o desenvolvimento de atividades agrícolas, pecuárias e extrativas. Sua extensão total é de 400 mil hectares.

Preço e Condições de Venda: o preço oferecido pelo INCRA é de Cr\$ 15,00/ha. Sugere-se 7,50/ha. devido a dois motivos: elevado conteúdo social do projeto e a natureza da formação de poupança da cooperativa (pequenas parcelas) não permite operações mais pesadas de crédito. Condições sugeridas para a transmissão da terra: venda da área total em bloco a cooperativa; infra-estrutura básica sob responsabilidade da cooperativa; revenda em lotes aos cooperativados em áreas já com infra-estrutura, por seu valor inicial acrescido pelas despesas de implantação da infra-estrutura.

Estas condições visam assegurar a racionalidade econômica do projeto e permitir a sintonia com o processo de reagrupamento de minifúndios no Sul.

Situação atual na área da COTRIJUI: posse e uso da terra, minifúndio, área média 21 ha; escassez da terra e subutilização da mão-de-obra; poupanças escassas, regime de subsistência; práticas agrícolas modernas, mecanização, fertilizantes, etc., espírito associativo, movimento cooperativo dinâmico.

Há necessidade de definir uma linha de crédito que permita a emigração ordenada desses

mentos para a Amazônia: proporção adequada entre áreas reagrupar e iniciais. Área mínima de remembramento em torno de 36 hectares; vincular remembramento a aumento de rendimento e tecnificação; financiar 100 por cento, prazo global de 20 anos, 2 de carência, 7 por cento ao ano de juros, garantia pelo valor das terras incorporadas e 30 por cento das terras adquiridas; garantir a centralização operacional para maior eficiência e sintonia com o projeto da Amazônia.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Bases físicas: a área do projeto foi dividida em 3 unidades. Unidade 1: 70 mil/ha, 18 por cento. Boa produtividade se forem usados corretivos. Unidade 2: 16 mil/ha, 17 por cento. Unidade 3: 264 mil/ha, 65 por cento. Fertilidade alta e baixa. Esta área será reservada para as glebas, incorporando parte da unidade 1 (cana). Serão reservadas 200 mil ha. para reserva florestal concentrada.

Seleção das culturas: foi realizada em duas (2) etapas. Primeiro com critérios básicos gerais e uma segunda pelo aprofundamento de alguns desses critérios tais como: limitação de mão-de-obra, níveis de rentabilidade, mercado, adequação das culturas a área e organização de lotes familiares.

Critérios gerais: adaptação à região (temperatura, clima, pluviosidade, solos); fotoperíodo, solos; favorabilidade de preços e mercados; permitirem o cultivo de larga escala; valor que absorva custos de manuseio e comercialização; não apresentarem requisitos excepcionais de mão-de-obra; produção sem incorrer em riscos de pressões especulativas.

Posteriormente pormenorizou-se estudo sobre: limitação da mão-de-obra; rentabilidade e problemas de mercado; adequação das culturas às peculiaridades da região; organização dos lotes familiares. A primeira seleção computando fatores limitantes de mão-de-obra e receitas líquidas definiu: culturas temporárias: feijão, arroz e soja. Lavouras permanentes: café, cacau, dendê e cana de açúcar.

Os critérios especiais confirmaram a indicação dessas culturas, mas evidencia-se, face às peculiaridades da região, a necessidade de estudos específicos no processo de implantação dessas culturas. Ainda foram indicadas as condições ideais para a produção das culturas indicadas e uma localização inicial delas nas diferentes unidades e tipos de solos da região.

Estrutura dos Lotes familiares: (pressupostos) limitação de mão-de-obra familiar: 64 dias/homens por mês; combinação entre lavouras permanentes

e temporárias com base na seleção feita; assegurar níveis de renda superiores aos alcançados hoje no RGS; formar grupos de produtores de cana para explorar a usina.

Foram formados dois grupos de lotes definindo requisitos de mão-de-obra e terra por cultura e níveis de produção. Esses grupos permitem os seguintes comentários: lavoura canavieira 47 ha. As demais 35 ha, níveis de renda Cr\$95.000,00 líquido; área total por lote 100 ha. Compatível com limitação de mão-de-obra.

Metas de Produção: serão deslocadas primeiras 400 famílias plantadoras de cana; 1600 famílias restantes serão introduzidas a partir do quinto ano. Assim temos completa implantação da área agrícola no 13º ano: 74.800 ha. correspondente 74,8 do total da área a ser desmatada: 100.000 ha; culturas temporárias ocuparão 83 por cento e as permanentes os 17 por cento; produção máxima no 19º ano, maturação do cacau e dendê.

Mercado: café, compra garantida pelo IBC. São 3.840 t. podendo ser absorvida pelo mercado regional, havendo perspectivas de exportação. Açúcar cristal: consumo local é de 70 a 90 mil toneladas. A usina, com investimentos corretivos poderá suprir 30 a 40 por cento do consumo, a custos mais baixos que o açúcar vindo do Nordeste. Há viabilidade de exportação. Cacau: 1.800 t/ano; a produção será dirigida ao mercado mundial, em expansão à taxa de 5 por cento ao ano. Há três vantagens: localização, custos competitivos e comercialização pela cooperativa. Dendê: aproveitado em margarina e óleos, 23 mil t/ano. Dirigido ao mercado externo e interno, principalmente o Sul. Feijão: previsto déficit anual de 150 mil toneladas, sendo a produção de 35 mil t/ano, facilmente absorvida. Soja, arroz: 48 mil t. soja e 45 mil t. arroz. Sua produção é a custos competitivos e não haverá problemas de comercialização.

Mecanização da atividade Agrícola: há necessidade mínima de máquinas. Serão adquiridas e de posse da cooperativa, sendo sua vida útil média calculada em 5 anos.

Suprimento de Insumo: fontes externas, a região. São jazidas de Monte Alegre e Itaituba.

Infra-estrutura: estradas vicinais, 30 m de desmatamento; 8,6 m. pista de aterro e 9,2m. pista de corte. Revestimento de piçarra (cascalho) 711 Km; Cr\$.. 50.000,00 p/Km; estradas de acesso: 160 Km Cr\$100.000,00 p/Km; silos e armazéns: granel (produção conjunta do ano) cacau (demanda máxima do ano) dendê, café e cana (não foram considerados estoques semi e industrializados). Custos: US\$100,00 t/granel e US\$70,00 t para sa-

caria; habitação: 62 m2 Cr\$ 30.000,00 por unidade de madeira; energia: 1.000 KW por domicílio; consumo médio/mensal 100 KW/família. Usar grupos de geradores descentralizados; locomóveis (combustíveis-madeira) com potência de 135 KW Cr\$ 956.000,00 e 175 KW - Cr\$..... 1.224.000,00. Sua implantação acompanhará a chegada das famílias.

Crédito para o Programa Agrícola: Atualmente estão em funcionamento em Altamira uma agência do Banco do Brasil e uma do Banco da Amazônia S/A. O crédito para custeio das lavouras temporárias não oferece dificuldade, mas as lavouras permanentes poderão sofrer problemas de formação de garantias, dado o baixo valor da terra.

Aspectos econômicos-financeiros: (premissas) 10 por cento sobre os custos diretos das culturas, para despesas administrativas, assistência técnica; custo das rodovias vicinais: 51,35 milhões; recursos próprios: 150 mil p/família. Patrimônio líquido do RS. Mais mobilização de Cr\$ 80.390,00 da cooperativa durante 7 anos; operações de crédito pela cooperativa aos cooperativados para balanceamento do fluxo de caixa, com as seguintes características: armazéns e silos, 5 por cento ao ano, 8 anos, com 2 de carência; corretivos, 7 por cento ao ano, 5 anos, com 2 de carência; máquinas, 15 por cento ao ano., 15 anos sem carência.

A taxa de retorno obtida para fluxo de caixa é de 14 por cento superior ao custo de oportunidade do País (10 por cento), indicando a viabilidade financeira do Programa Agrícola, no limite das hipóteses estabelecidas.

BENEFICIAMENTO E PROCESSAMENTO INDUSTRIAL

Usina Açucareira Abraham Lincoln (INCRA) - Necessidade: auditoria para apurar custos de implantação; investimentos de 13 milhões; compromissos já assumidos pelo INCRA com produtores de cana (500 ha. já plantados). Define-se: compra da produção da COTRIJUI pelo INCRA e obrigação da COTRIJUI comercializar o açúcar e álcool.

Industrialização do Dendê - Características: área mínima de 5 mil ha. distância da indústria máxima 40 Km; tempo de processamento 12 horas; rendimento industrial 20 por cento 1 t/cacho = 200 Kg óleo - 1 ha. 15 t/cachos ou 3 mil Kg óleo p/ha; inversões por unidade: US\$ 200/t óleo bruto e US\$ 300/t óleo refinado; perdas de refino: 5 por cento; cotação US\$ 500/t FOB. Belém o óleo bruto.

A produção mínima ocorrerá no 16º ano com as seguintes características: inversões totais = US\$ 4 milhões, receita bruta = US\$9,4 milhões; lucro bruto = US\$ 1,4 milhões.

Beneficiamento de arroz e café - Café: inversões por máquina = Cr\$ 259.140,00; arroz: inversões por máquina = Cr\$... 370.400,00; capacidade de processamento de 8.640 t/ano.

CRONOLOGIA GERAL DE IMPLANTAÇÃO

Primeiro: rodovias de acesso e vicinais implantadas em períodos de 4 a 6 anos. Precedem famílias com folga, facilitando sua introdução e a do programa madeireiro. Segundo: silos e armazéns acompanham a produção e área ocupada até o 12º ano. Terceiro: habitações, abastecimento d'água e diversos acompanham famílias com antecedência de 1 ano. Energia elétrica precede estes itens. Quarto: destoca em 10 anos contínuos. Inicia no ano zero de implantação do projeto. Fornece matéria-prima para extração e processamento de madeira. Quinto: cana, arroz e feijão se antecipam às demais culturas. Motivo: eliminar a capacidade sub-utilizada da usina de açúcar. Sexto: exploração florestal, contínuos durante 10 anos. Será a destoca de 100 mil ha., sendo 10 mil p/ano.

APRECIÇÃO FINANCEIRA GLOBAL DO PROGRAMA

Foi feita a avaliação parcial do Programa Agrícola, onde se encontrou uma taxa de retorno de 14 por cento, portanto superior ao custo de oportunidade do País (10 por cento), evidenciando a viabilidade financeira do programa.

Posteriormente foi analisada a viabilidade financeira do programa madeireiro, onde se encontrou uma taxa de retorno de cerca de 50 por cento.

Do ponto de vista individual do lavrador, estima-se uma renda anual por família, na fase de plena maturação do programa de Cr\$ 95.000,00 contra Cr\$ 13.000,00 ocorridos em propriedade de 10 a 25 ha. na área de origem.

APOIO GOVERNAMENTAL E COMPROMISSOS DA COTRIJUI

Aquisição da terra: O INCRA tem o preço de Cr\$ 15,00 o ha. A COTRIJUI propõe 7,5, considerando: conteúdo social do programa em consideração e natureza da poupança formada pelos minifundiários do RS. Pequenas parcelas e a longo prazo. Com relação as condições de compra, considera-se: a terra deve ser adquirida totalmente pela cooperativa; a cooperativa fica responsável pela montagem da infra-estrutura, com o apoio governamental; revenda da cooperativa aos cooperativados de área já com infra-estrutura, a - crescendo ao preço anterior os custos de implantação da infra-estrutura.

Estas medidas se baseiam nos seguintes pontos: assegurar a viabilidade e racionalidade do projeto como um todo; garantir

a continuidade e eficácia do esforço de capitalização prévio através da liderança da cooperativa; permitir a sintonia necessária entre a implantação do Programa na Amazônia (colonização) e o reagrupamento dos minifúndios no Rio Grande do Sul.

Área para reserva florestal: cerca de 200 mil ha. em continuidade devido a: permitir maiores áreas úteis para os agricultores por lote; concentrar as reservas em áreas menos indicadas á agricultura; assegurar exploração futura racional da madeira, baseados em reflorestamento e regeneração.

Características da linha de crédito que viabiliza o Programa: considerando as características particulares do projeto, considera-se uma linha de crédito ampla e dinâmica, condição "Sine qua non" para o êxito do projeto. Neste sentido estas linhas de crédito devem considerar: assegurar unidades mínimas econômicas na zona de remembramento (36 ha); vincular o remembramento com o aumento de produtividade (rendimento) pelo uso de técnicas e insumos modernos no RS; financiamento de 100 por cento da terra em 20 anos, com 2 de carência à taxa de 7 por cento ao ano, contabilizados anualmente sobre saldos devedores, sem correção monetária, garantia baseada no valor da terra incorporada à propriedade inicial e de parte desta a 30 por cento das terras adquiridas; garantir planejamento e centralização que permitam a sintonia entre a colonização e remembramento.

IMPLANTAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA ECONÔMICA BÁSICA

Os investimentos infra-estruturais básicos devem ser realizados a "Fundo Perdido" pelo Poder Público, já que o Programa faz parte integrante dos Projetos de Assentamento Dirigido (PAD), pois dimensões do projeto tornam-se quase um programa de desenvolvimento, dado seus níveis de renda, emprego, etc.; a formação de poupança interna do projeto se deve a milhares de pequenas rendas de minifundiárias, que por sua natureza necessitam apoio do Poder Público.

São considerados de relevante importância os seguintes investimentos: estradas vicinais e rodovias de acesso conectando com a Transamazônica. Imagina-se a inversão correr por conta do PIN.

Infra-estrutura social de apoio: acordo entre o INCRA e a COTRIJUI no sentido de acelerar o desenvolvimento da região de Altamira. São acordos a serem confirmados posteriormente: comercialização de produção regional; suprimento de insumos técnicos aos colonos do INCRA em Altamira; incorporação dos colonos do INCRA como associados da cooperativa.

MUSEU ANTROPOLÓGICO "DIRETOR PESTANA"

A vulgarização da cultura tem sido preocupação constante do COTRIJORNAL, podendo se citar como um dos exemplos, o levantamento a nível nacional de um assunto estreitamente ligado as nossas raízes históricas, mas quase esquecido de todo: a valorização cívico-patriótica de Hipólito José da Costa, vida e obras, Patrono da Imprensa Brasileira. Agora, ao enfocarmos o Museu Antropológico "Diretor Pestana", outra não é nossa intenção se não a de aumentar a aproximação já existente entre o público desta região e aquele repositório de incalculável valor pela sua significação histórica. Aproximação esta que, a partir de uma visita, suscite nos visitantes um interesse maior pelas nossas coisas e pela nossa gente, ali tão bem retratadas em documentos, peças, pesquisas e estudos.

HISTÓRICO DO MUSEU

Ainda que seu acervo remonte a épocas distantes, o Museu Antropológico "Diretor Pestana" se preocupa com seu histórico próprio. Foi criado à 25 de maio de 1961 (vem de completar 15 anos), por iniciativa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí. Seu acervo, de início, constituiu-se com base na doação da coleção particular do professor dr. Martin Fischer, um de seus fundadores e diretor do museu nos primeiros nove anos. Junto a isso, vale destacar também o trabalho de motivação pesquisa e coleta desenvolvido pelos professores Mario Osório Marques e Argemiro Jacob Brumm. Ambos, através de um programa radiofônico deram o impulso inicial que permitiu reunir invejável acervo, sempre crescente até os dias atuais.

Como patrono do museu, seus fundadores optaram pela insigne figura do engenheiro Augusto Pestana, consolidador e um dos responsáveis diretos pela emancipação da Colônia de Ijuhy. Nestes primeiros quinze anos, o museu sempre esteve instalado em sedes provisórias, com problemas de espaço para o acervo sempre crescente. No último dia 25 de maio, a FIDENE inaugurou o primeiro de uma série de oito módulos, próximo a sede acadêmica da Fundação, dependências estas destinadas a servir de local definitivo para o museu.

O projeto é de autoria do dr. Fernando Craidy, e sua continuidade está sob a responsabilidade do engenheiro Jorge Falkembach, professor da FIDENE. Atualmente, com o afastamento temporário de seu diretor titular, professor Jaeme Luiz Callai, responde interinamente pelo cargo o professor Danilo Lazzarotto, licenciado em História e especialista em Antropologia.

SECÇÕES DO MUSEU

A soma de quatro secções em que está dividido o museu, constitui seu acervo.

SECÇÃO PALEONTO-LÓGICA, é a que reúne os fósseis vegetais e animais provenientes das áreas fossilíferas do Estado do Rio Grande do Sul. Esta parte do acervo conta aproximadamente 250 milhões de anos. Dentre as mais de 120 peças constantes desta secção, é destaque um esqueleto petrificado encontrado na região de Santa Maria.

SECÇÃO ARQUEOLÓGICA, reúne todo o material encontrado nas diversas pesquisas realizadas na região de influência da FIDENE e mesmo em outras partes do Estado. Diversas mostras já foram montadas para mostrar ao público o material desta secção, dividido em lítico (pedra) e cerâmico (barro). São exemplos das peças líticas, os machados, as facas e as pontas de flecha. Já as urnas funerárias, as panelinhas e os cachimbos, eram fabricados com barro.

SECÇÃO DE ANTROPOLOGIA, é a que engloba a parte histórica do homem na região, o índio das Missões e o índio atual, bem como os diferentes grupos étnicos que compõem a população de Ijuí. Especialmente sobre a definição dos contingentes étnicos que formam a população ijuense, a direção do Museu Antropológico "Diretor Pestana" cita o valiosíssimo trabalho elaborado pelo padre Pio José Busanello, pároco durante muitos anos da Igreja Matriz da Natividade, que ocupa 8 pastas classificadoras com informações e árvore genealógica de muitas famílias de Ijuí. O total de pesquisas feitas até o momento, permitiu a elaboração da genealogia de 276 famílias. A parte indígena do acervo está agora

concentrada no recentemente inaugurado módulo, anexo a sede administrativa da FIDENE.

SECÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO, constitui-se no elemento fundamental do museu. Pelas suas características próprias, é a que melhor se presta ao trabalho de pesquisa, de parte de professores e estudantes. É nessa secção que se organiza o registro e classificação de todo o acervo do Museu Antropológico. Atualmente a Secção de Documentação compõem-se de Biblioteca do Museu Antropológico, Biblioteca Depósito, jornais e recortes, Administração Pública e material diverso. A obra mais antiga que o museu possui nesta secção, tem essa referência: *BONAVENTURAE, Sanctus. Opusculorum Theologorum. Venetiis, Hyeronimi Scoti, 1611. 2v. 33 cm.* A obra portanto, foi editada no início do séc. XVII, ano de 1611.

VISITAS AO MUSEU

Independente da visitação que ocorre quando da realização de mostras especiais (casos da Semana do Índio, e há poucos dias por ocasião da comemoração do 15º aniversário do museu), quase que diariamente pessoas em grupo ou mesmo individualmente, tomam contato com o acervo. Para uma visitação organizada, o diretor do Museu "Diretor Pestana" aconselha que elas sejam programadas com certa antecedência, e a data e horário comunicados àquela direção.

OS 15 ANOS DO MUSEU

Ainda que de maneira sucinta, esta reportagem quiz mostrar um pouco do muito que o Museu Antropológico "Diretor Pestana" já significa para a comunidade regional, nestes seus primeiros quinze anos de existência. Agora, o que se espera é ainda maior conscientização das autoridades (federais, estaduais e municipais), continuando a dar o necessário apoio a FIDENE para seqüência e conclusão do projeto global da sede própria do museu, e da comunidade regional, confiando aos cuidados dos especialistas que ali trabalham, objetos e informações que contribuam para o enriquecimento do acervo e definição cada vez mais aproximada dos alicerces desta hoje próspera região.



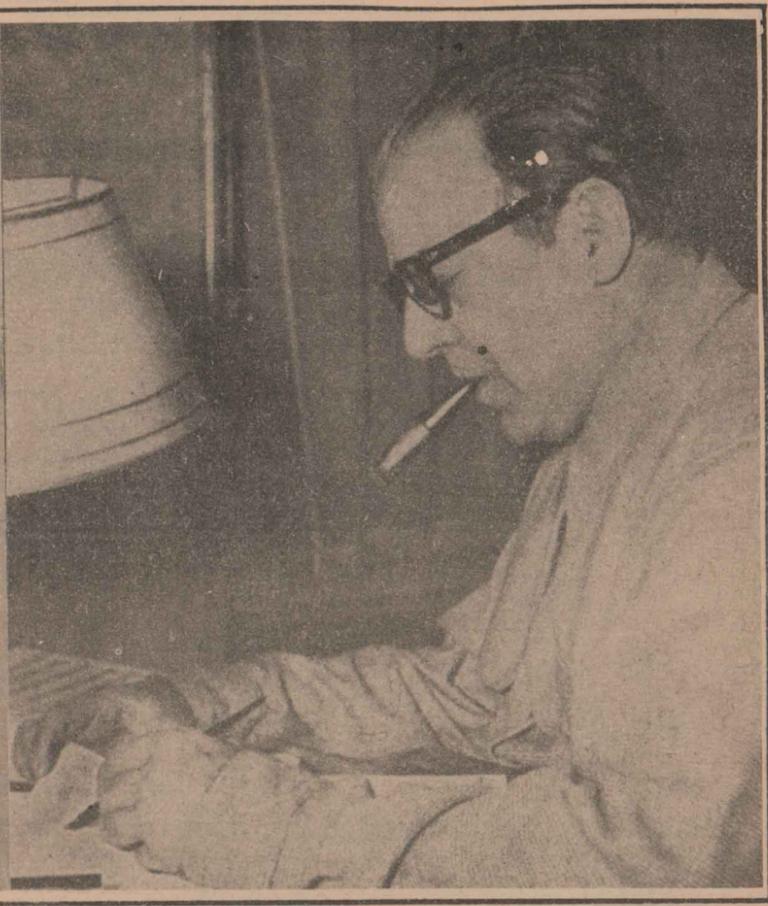
Santo Isidro, padroeiro dos agricultores entre os indígenas missioneiros. Estátua trazida da capela de São José, em São Pedro do Pontão.



A análise objetiva
O comentário abalizado
O julgamento preciso
A interpretação correta



COTRIJORNAL



UM BACH BRASILEIRO CHAMADO VILLA-LOBOS

O canto do capadócio, Lembrança do sertão, O canto da nossa terra, O trenzinho caipira; prelúdios, adágios, árias, cantilenas, suites, tudo nos acordes magistrais das Bachianas Brasileiras, identificam Villa-Lobos como a real personificação do Brasil em música.

Brasileiro, cem por cento brasileiro, não ficou menos verde amarelo ao transpor para a pauta das mais célebres composições nacionais o gênero temático que eternizou Johann Sebastian Bach o alemão genial.

As Bachianas revivem Bach no cenário gigantesco do norte brasileiro. Nos seus acordes, o ouvinte não distingue o purista alemão dos sons em saraus de Munich, Berlim ou Brandemburg.

Os sons lembram o despencar das cachoeiras no emaranhado das selvas, o espraiado dos rios, o trinar dos pássaros que habitam a imensidão verde que é o Amazonas. É o Solimões, o Tapajós, o Negro, que explodem na fúria endomiada das enchentes destruidoras mas é também a placidez dos Igarapés que correm tímidos em fios de água cristalina por entre árvores de 500 anos. É o folclore do Brasil, a voz analfabeta e rude do nordestino cristalizada no som da flauta clássica, do fagote, do piano, do violoncelo, do órgão do violino em "toccatas" de esplendor de ritmos mágicos, que se tornam inesquecíveis.

Vejamos, em breves traços, quem foi esse mestre do clássico

brasileiro. Heitor Villa-Lobos nasceu no Rio de Janeiro a 5 de março de 1886. Era filho do escritor Raul Villa-Lobos e da senhora Noêmia Monteiro Villa-Lobos. Desde a idade de seis anos revelou uma tendência muito acentuada pela música, iniciando-se logo depois no estudo do violoncelo.

Identificado com a terra de seu nascimento, foi desde suas origens um cantor nativista, um codificador dos sons e harmonias pictóricas da sua terra e da sua gente.

A despeito do relativo estilo europeu de um Bach, um Debussy, um Haendel, um Brahms, sua criatividade sempre esteve a serviço do telurismo da terra bra-

sileira. Sua obra, toda ela, tem carteira de identidade verde amarela. Amazonas e seu Descobrimiento do Brasil, Poemas indígenas, Dança dos índios mestiços, as Bachianas, Canto do sertão, Alma brasileira, é toda uma obra impregnada do mais autêntico brasileiro.

As Bachianas Brasileiras compreendem nove suites escritas entre 1930 e 1945. Conforme o próprio nome sugere, são dedicadas ao excepcional gênio de Johann Sebastian Bach, a quem Villa Lobos considerou "uma fonte folclórica rica e universal, profundamente enraizada na música folclórica de todos os países do mundo". Ele chamou Bach um mediador entre as raças e explicou, referindo-se às Bachianas: "Este é um tipo especial de composição inspirada pela atmosfera musical folclórica do nordeste brasileiro. Todas as melodias são originais, mas escri-

tas no sentido do folclore da nossa terra. Cada movimento das Bachianas tem dois títulos: um tradicionalmente europeu e outro brasileiro".

Como todo o clássico, as Bachianas Brasileiras contém grandes dificuldades rítmicas e técnicas para os conjuntos orquestrais, especialmente os contrabaixos.

O autêntico brasileiro de Villa-Lobos pode ser entendido melhor por estes versos de Manuel Bandeira para a Dança mártelo, das Bachianas nº 5, onde persiste o estilo cantor das emboladas do nordeste:

Irerê, meu passarinho do sertão do Cariri,
Irerê, meu companheiro, cade viola?

Cade meu bem, doce Maria?
Ai triste sorte a do violeiro cantadô!

Ah! Sem a viola, em que cantava o seu amô . . .

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

O DESLUMBRADO

O turista é a última pessoa a quem você deve perguntar qualquer coisa a respeito de qualquer lugar. O bom turista deve viajar para se deslumbrar. Deve estar disposto a gostar de tudo e a deixar o senso crítico em casa. E, claro, sem o senso crítico, ninguém tem opinião que preste sobre nada. Estive agora no México e nos Estados Unidos e se você perguntar sobre a economia mexicana ou a política americana só receberá, de mim, um olhar parado e palavras vagas. Estive muito ocupado aproveitando a viagem para prestar atenção.

Sou dos que já começam a gostar da viagem antes do avião decolar.

Aquela bala que a aeromoça oferece eu já encaro como a primeira grande refeição de uma série. Se alguma coisa der errado no aeroporto ou no hotel, eu perdoou sem pensar. Só percó o bom humor na volta, diante da perspectiva de retornar ao trabalho e à rotina. Minha família já sabe que nas primeiras duas semanas depois da volta de uma viagem eu fico intratável. Mas tenho um remédio infalível para vencer este desânimo post-turístico. Começo a planejar a próxima. (A próxima nem sempre sai. Do jeito que vão as coisas, a próxima talvez não saia nunca mais. Mas só planejá-la já me anima).

Tinham nos advertido sobre a altitude da Cidade do México e recomendado a andar com calma para não perder a respiração. Não ligamos para as advertências, não andamos com calma — e não sentimos nada. No primeiro dia fizemos um tour geral da cidade de automóvel com um motorista guia e três velhinhas americanas. O guia, um típico índio mexicano, conquistou as velhinhas de saída. Primeiro disse que o seu nome era Raul Cordero de Dios que Quita los Pecos del Mundo — sabendo que os nomes compridos dos latino-americanos sempre divertiram muito os americanos. Depois anunciou:

— Sou o segundo melhor guia do México.

— Quem é o primeiro? — quis saber uma das velhinhas.

— Morreu na semana passada.

As velhinhas riram muito. "Wonderful".

Disseram "Wonderful" para todas as explicações do Raul, mesmo quando ele mostrava, por exemplo, murais do Siqueiros e do Rivera sobre a história do México onde os americanos aparecem como vilões. "Wonderful". No castelo de Chapultepec, que era uma escola militar quando tropas americanas chegaram até a capital mexicana numa expedição punitiva, no século passado, e onde cadetes mexicanos de 15 a 17 anos resistiram até o último homem, Raul apontou para um monumento.

— Ali caiu o corpo de um dos cadetes, que se jogou para a morte enrolado na bandeira mexicana antes que ela caísse nas mãos dos americanos.

— "Wonderful!"

Depois do México visitamos mais dois países, Califórnia e Nova Iorque. Países, sim, pois a Califórnia não tem nada a ver com Nova Iorque e nenhum dos dois tem qualquer coi-

sa a ver com o resto dos Estados Unidos. Na Califórnia estivemos em Los Angeles — uma cidade imensa, espalhada, ótima de se morar mas difícil de visitar (dos quatro dias que ficamos lá passamos certamente o equivalente a dois dias nos locomovendo pelas "freeways" de um lado para outro) — e em San Francisco, sem dúvida a melhor cidade americana. Aluguei um carro em San Francisco e percorremos a costa da Califórnia até Carmel, uma bela cidadezinha que tem, dizem, a maior concentração de artistas (artistas ricos, a julgar pela cidade) do país. E em Nova Iorque ficamos uma semana num hotel da Times Square, uma zona tão perigosa que a polícia só anda a cavalo, para fugir mais depressa. O quarto do hotel era minúsculo. A torneira da pia fazia ruídos estranhíssimos. A janela não abria, para se ter um pouco de ar só ligando o ar condicionado. Mas eramos turistas em Nova Iorque, e adoramos tudo.

DEONÍSIO DA SILVA EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS



Segundo Álvaro Pacheco (ARTENOVA, Rio de Janeiro), em Exposição de Motivos, Deonísio da Silva conseguiu fazer da máquina de escrever um minucioso microscópio que investiga o "homo provincianus", conseguindo surpreendê-lo nos momentos em que se julga mais desprotegido.

Em Exposição de Motivos, Deonísio da Silva, catarinense de Siderópolis que se projetou nas letras através do jornal "O Estado do Paraná", hoje radicado em Ijuí, onde responde pelo Departamento de Letras e Artes da FIDENE, o autor localiza na Sanga da Amizade a geografia das estórias.

Ainda conforme Álvaro Pacheco, "um a um os cidadãos de Sanga da Amizade cumprem seus destinos. Eróticos uns, reservados outros, atrevidas normalistas, irreverentes garotas de programa, esposas adúlteras, discretas prostitutas, fascinantes diretores de escola, desjeitosos e sofridos professores, alunos rebeldes e meio perdidos nos labirintos das instituições e da história.

Trata-se de "uma fala cheia de humores abruptos, um enredo construído em cortes cinematográficos, ora com lentos movimentos de câmara, ora com rápidas trocas de cenário. Personagens fantasmagóricos, mas nem por isso menos verdadeiros..."

Exposição de Motivos, edição da ARTENOVA S.A., do Rio, está nas livrarias ao preço de capa de 27 cruzeiros.

A ECONOMIA POLÍTICA DA ESCRAVIDÃO

Com distribuição da Livraria e Editora SULINA, de Porto Alegre, está circulando A Economia Política da Escravidão, de Eugene Genovese, Coleção América: Economia & Sociedade, uma edição PALLAS S.A.

O livro é um estudo sobre a sociedade escravocrata dos Estados Unidos e analisa a escravidão nas "plantation" algodoeiras do sul, durante os períodos que precederam e que procede-

ram a Guerra do Norte contra o Sul. Obra de grande significação para os estudiosos da economia e da história em geral e que se preocupam com a condição com a condição do homem na sociedade em que vivemos. Tradução de Fanny Wrobel e Maria Cristina Cavalcanti.

A NOITE DO
CARRASCO

Outra distribuição no Estado da Livraria SULINA Editores

ra é a Noite do Carrasco, de William P. McGivern, edição brasileira da RECORD, Rio de Janeiro-São Paulo, numa tradução de Pinheiro de Lemos.

Trata-se de livro de suspense. Narra a história de um criminoso, um débil mental de força e tamanho descomunais, mas cujo cérebro é tão limitado que ele chega as vezes a esquecer o próprio nome.

Livro inútil, negativo e boçalizante. Trata-se de um péssimo lançamento da referida editora, que consome papel e tinta e gasta as pobres divisas brasileiras em direitos autorais para vulgarizar a estupidez humana. Cem por cento negativo.

A DINÂMICA DA AGRESSÃO

Livro lúcido, analisa as causas e conseqüências dos conflitos entre os grupos sociais em geral e as nações em particular.

Co-autoria entre Edwin Megargee e Jack Hokanson, da Universidade do Estado da Flórida, Estados Unidos, foi editado no Brasil pela EPU-EDUSP, da Universidade de São Paulo, em tradução de Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da USP.

Obra de grande valor pedagógico, doutrinário, sociológico e principalmente para formação de uma cultura geral.

O DESENVOLVIMENTO DESIGUAL

A Forense-Universitária lançou de Samir Amin, o Desenvolvimento Desigual, um ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico.

O livro analisa as constantes crises do capitalismo a partir de 1917, quando as teorias de Marx saíram do terreno das hipóteses para a realidade do quotidiano.

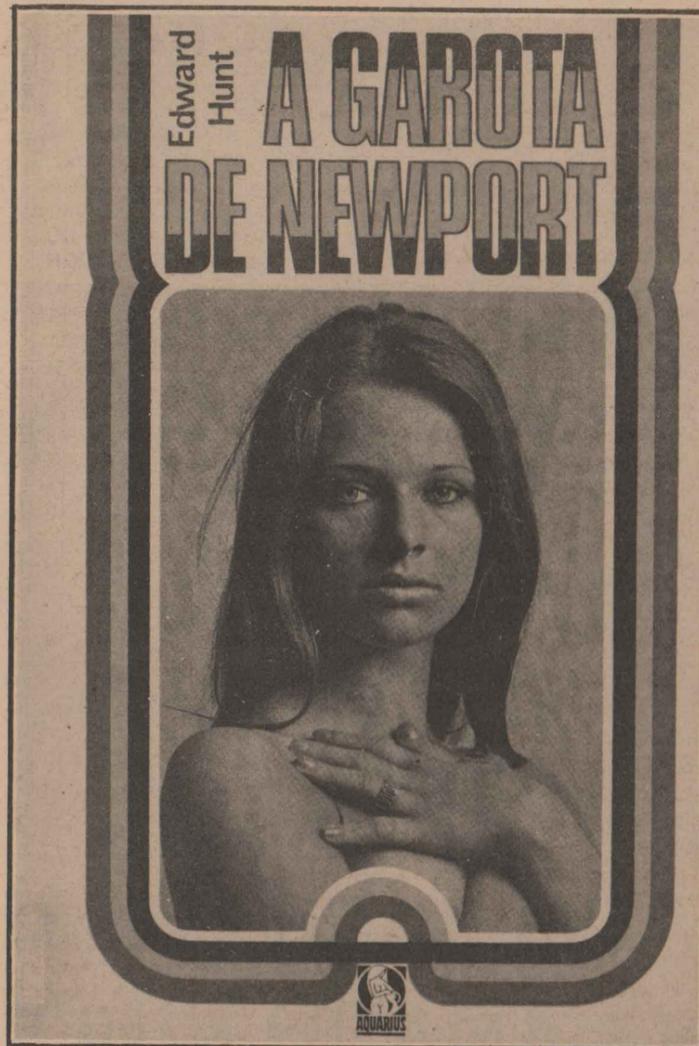
Segundo o autor, o capitalismo não foi consequência das transformações internas sofridas pelas grandes sociedades tributárias da antiguidade como a do Egito e da China, mas surgiu na periferia destas civilizações. Economista egípcio, Samir Amin é professor de ciências econômicas

Um lançamento que honra o mundo editorial brasileiro e engrandece a Editora Forense-Universitária. O Desenvolvimento Desigual deve ser lido e analisado, item por item.

CRISE DO NOSSO TEMPO

É outro recente lançamento EPU-EDUSP, focalizando temática da atualidade política, social e econômica.

O livro é da Franco Lombardi, italiano de Nápoles, criminalista, autor de várias obras de



sociologia jurídica, com versão para o português de Renato Alberto T. Di Dio. A distribuição no sul é da responsabilidade da SULINA - Porto Alegre.

A obra foca com minúcias o que qualifica de "ambiguidade de nosso tempo", e determina que "o medo da liberdade domina o curso da história, condicionando as antinomias do pensamento do homem".

Livro de porte para quem gosta de estar atualizado no campo da sociologia.

A LINGUA E O HOMEM

Este livro constitui uma rigorosa introdução aos problemas gerais da linguística. Sem dúvida, vem enriquecer a bibliografia brasileira numa área de grande interesse não só para os estudantes e puristas da língua como também para profissionais da categoria de escritores, jornalistas e publicitários.

Professor de fonética na Suécia e autoridade internacional no assunto, o autor Bertil Malmberg expõe com clareza os principais aspectos e questões que refletem hoje o debate sobre a língua e apresenta um panorama crítico das diversas teses sustentadas pelos especialistas.

Livro objetivo e oportuno nesta hora em que o estudo da língua está em primeiro plano no Brasil. Uma distribuição da SULINA.

A GAROTA DE NEWPORT

Livro ameno, gostoso de se ler, narra a estória de uma garota que apenas por sua esfuizante beleza e juventude, quase alcançou a glória de se tornar marquesa. O lançamento brasileiro é de 1974, da Aquarius, em tradução de Caio Rodrigo Montenegro sob original americano (Fire in my Blood) de Edward Hunt.

São 125 páginas de leitura excitante e saborosa sobre um casal de recém-casados - Helen e Jason Bennet - em viagem por dois continentes.

ALIMENTOS DO GADO BOVINO

A nutrição animal, nos últimos tempos, tem evoluído bastante. Conseqüentemente, tem adquirido grande complexidade devido a esse progresso e a evolução das pesquisas no setor animal em geral.

A Editora Agrônômica CERES, de São Paulo, lançou em sugestiva encadernação, de Walter Ramos Jardim, agrônomo e professor da Universidade de São Paulo, Alimentos e Alimentação do Gado Bovino.

Livro de real interesse para todos quantos se interessam pelo melhoramento dos rebanhos no Brasil. Pode ser adquirido nas livrarias especializadas ou diretamente, por reembolso, na Editora CERES, Caixa Postal, 3917 São Paulo.

CARINHOSA CORRESPONDÊNCIA DO CONSULADO DA ALEMANHA

Recebemos, assinada pelo consul-geral da República Federal da Alemanha no Rio Grande do Sul, dr. Werner von Beyme: Porto Alegre, 24 de maio de 1976. Senhor redator do COTRIJORNAL. Estou recebendo mais uma edição do COTRIJORNAL, desta vez com artigos, uma reportagem ilustrada e informações sobre a República Federal da Alemanha. É com especial satisfação que verifico o interesse do órgão da Cooperativa Trifólica Serrana Ltda. em torno dos assuntos do meu País.

Todos os dados são absolutamente corretos e o enfoque dado é altamente lisonjeiro para nós, ainda mais partindo de um jornal de tal conceito e autoridade.

Congratulo-me com o COTRIJORNAL, onde o conteúdo do material de variado interesse para os seus leitores se alia à excelente apresentação gráfica.

Expressando o reconhecimento deste Consulado Geral, colho o ensejo para apresentar a V. S. atenciosas saudações. Dr. Werner von Beyme, cônsul geral.

ARI APLAUDE HIPÓLITO DA COSTA

O presidente da Associação Riograndense de Imprensa, Alberto André, endereçou a seguinte correspondência ao diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva:

Temos a satisfação de nos dirigirmos ao distinto presidente e amigo, a fim de apresentar os agradecimentos da Associação Riograndense de Imprensa pela calorosa recepção feita à caravana de jornalistas de Porto Alegre, quando da sua visita a Ijuí, dias 15 e 16 de maio, pela inauguração da rua Hipólito José da Costa, patrono da imprensa brasileira.

A colaboração dada à realização do evento, a audiência na sede da COTRIJUI, quando tivemos o ensejo de ouvir sua lúcida explanação sobre a organização e os serviços da cooperativa, bem como a presença da entidade nos diversos atos através do vice-presidente Arnaldo Oscar Drews e do jornalista Raul Quevedo, diretor do COTRIJORNAL, foram os diversos sucessos que desejamos agradecer, em nome dos componentes do grupo representativo dos jornais e das emissoras de Porto Alegre e da entidade de classe que dirigimos. Atenciosamente, Alberto André — presidente da A.R.I. Eloy Dias dos Anjos 1º secretário.

BERLIM, 30 ANOS DEPOIS

O jornalista Eucárdio Derrosso, santo-augustense com exercício profissional em Porto Alegre e presentemente em gira pela Europa, mandou cartão-postal de Berlim.

Eis o texto: Prezado jornalista. Esta é a mais dura realidade da Berlim de hoje, lembrando 30 anos atrás. Dos escombros, nasceu esta cidade, que procura ser alegre para esquecer e bonita para desfazer o que é difícil não recordar. Ao COTRIJORNAL e ao colega, minha lembrança, no momento em que sigo para a Escandinávia. Eucárdio Derrosso.

BADESUL: MAIS UM SERVIÇO COTRIJUI

Do diretor de operações de Crédito Rural do Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul, José Bernardo de Medeiros Neto: "Sr. Raul Quevedo, redator responsável do COTRIJORNAL. Venho enviar a V. Sa. meus cumprimentos pelo trabalho que vem realizando a frente desse órgão de imprensa, bem como à COTRIJUI pela preocupação em prestar mais esse serviço a seus associados, pelos quais me foi possível verificar que o COTRIJORNAL é muito apreciado. Cordialmente, José Bernardo de Medeiros Neto, diretor de operações de Crédito Rural, BADESUL.

COMO RECEBER O COTRIJORNAL?

Sr. Raul Quevedo. Tivemos oportunidade de ter em mãos um exemplar do COTRIJORNAL, edição de abril do corrente ano. Os assuntos nele abordados despertaram nossa atenção, eis porque estamos lhe solicitando informações de como recebê-lo periodicamente.

Esperando sua atenção a esse respeito, desde já agradecemos. Atenciosamente. Ilza Maria Tourinho Girardi — p/ Comissão Editorial do Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPAGRO). Rua Gonçalves Dias, 570, Menino Deus — Porto Alegre.

CRA NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO

Joaçaba, SC, 7 de maio de 1976. Prezados senhores: Assumiremos a Inspeção Regional da CRA em Santiago, Rio Grande do Sul, a partir de junho.

Esperamos continuar recebendo as atenções dispensadas na remessa do COTRIJORNAL, e solicitamos que passem a nos enviar para nosso novo endereço: Inspeção Regional da CRA. Av. Independência, 97.7000 — SANTIAGO — RS.

COLEÇÃO DO COTRIJORNAL

Na última revisão feita em nosso fichário de periódicos,

constatamos que a coleção do COTRIJORNAL está desatualizada com a falta das seguintes edições: de 1975 — n.ºs 15, 16, 17, 18, 20, 22, 1976 — o n.º 27.

Comissão de Financiamento da Produção — Ministério da Agricultura, Brasília, Neide Galdino da Silva Janvela, bibliotecária.

N. da R. — Remetemos, em separado, os jornais de n.ºs 16 e 20. Lamentamos informá-lo que as demais edições solicitadas, estão totalmente esgotadas.

CAMPINAS: INTERESSE NO COTRIJORNAL

Campinas, 18 de maio de 1976. Prezados senhores: dirigimos a V.Sas. com a finalidade de informar-lhes que estamos interessados em receber o COTRIJORNAL, o qual é publicado por essa conceituada cooperativa.

Sem mais, para o momento, apresentamos nossos protestos de elevada estima e consideração. Atenciosamente Eng. Agr. Sebastião Marcio do Nascimento, gerente da WAL-LACE — Sementes — Agricultura, Indústria e Comércio. Av. 5, 118, B. dos Amarais, Campinas. S. Paulo.

INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS

Ilmo Sr. Raul Quevedo: Considero o COTRIJORNAL muito interessante, pois além de informações agrícolas também contém informações e cultura geral. Atenciosamente. Eng. Agr. Hipólito A.A. Mascarenhas. Coordenadoria da Pesquisa Agropecuária do Instituto Agronômico.

BNCC DE IJUÍ: RELATÓRIO

Ijuí, 20 de maio de 1976. Sr. Redator do COTRIJORNAL. Temos a satisfação de passar às suas mãos o relatório da diretoria deste banco, relativo às atividades desenvolvidas durante o exercício de 1975. Atenciosamente. Ivan Costa Bidart, gerente; Darci Sagave, encar. Serviços Gerais.

FUNDAÇÃO LANDELL DE MOURA

Ofício de n.º 201/76, de 24 de maio último, assinado pelo sr. Jorge Fernando da Porciuncula, secretário da Fundação Educacional Padre Landell de Moura, comunica que a Assessoria de Comunicações da entidade está ao cargo da jornalista Ione de Grandi.

FERROVIÁRIOS RIOGRANDINOS ENVIAM VOTO DE PESAR

O diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, recebeu o seguinte ofício da União Ferroviária Futebol Clube, de Rio Grande, assinado por seu presidente e secretário, respectivamente, J. Magalhães e Jorge G. S. Souza: O conselho deliberativo de nosso Clube, vem pelo presente externar o seu mais profundo pesar pelos trágicos acontecimentos no dia 12 de maio, e que culminaram com as perdas melancólicas de operários dessa querida cooperativa. Acompanha nossas condolências um voto de louvor pelos esforços empreendidos no afã de salvar aquelas vidas, que inobstante se perderam.

Que Deus abençoe essa estimada empresa, seus diretores e funcionários, por tudo o que fizeram entre tantas coisas, pelos sentimentos humanos e sociais. Atenciosamente. Dr. J. Magalhães, presidente e Jorge G.S. Souza, secretário.

CADERNETA DE POUPANÇA APESUL — IJUI

Ijuí, 19 de maio de 1976. Prezados senhores: A APESUL, Associação de Poupança e Empréstimo, vem trazer o seu agradecimento pelo envio do COTRIJORNAL, dando-nos condições de nos mantermos informados a respeito de assuntos gerais e ligados à agricultura, que se constitui na estrutura básica para nosso crescimento. Atenciosamente. Gervino G. Michel. Gerente.

REVISTA NACIONAL INTERCÂMBIO

Recebemos do Banco Nacional S.A.: Rio de Janeiro, 3 de maio de 1976.

Prezados amigos. Temos, dentro de nossa empresa um órgão de divulgação que procura veicular informações, notícias importantes, matérias educativas e de interesse geral. Esta revista circula nas agências espalhadas pelo Brasil, assim como é distribuída para algumas outras empresas, tenham ou não ligações com o nosso Grupo.

Da mesma maneira que a Revista NACIONAL é solicitada por todos os que por ela se interessam, gostaríamos de

propor sua troca pelo seu COTRIJORNAL. Poderíamos, entre outras vantagens, adquirir e dar margem a novas idéias, além de estabelecer um intercâmbio que só traria benefícios para ambos os lados. Atenciosamente, Maria Adelaide Rodrigues Senna — Departamento de Marketing-Revista Nacional.

LIVRARIA "VERAS" SÃO PAULO

Da Livraria "Veras" de São Paulo, representante da Editora Agronômica CERES, recebemos:

Prezados senhores. Esperando continuar recebendo o COTRIJORNAL por muito tempo, anexamos nosso noticiário de publicação agro-pecuárias.

Aproveitamos a oportunidade para remeter um exemplar da mais recente publicação da Editora Agronômica CERES, da qual somos representantes. Atenciosamente. Livraria Veras Ltda.

N. da R. — O livro de que trata a missivista, encontra-se registrado na seção Livros, desta edição.

AGRÔNOMO SOLICITA O COTRIJORNAL

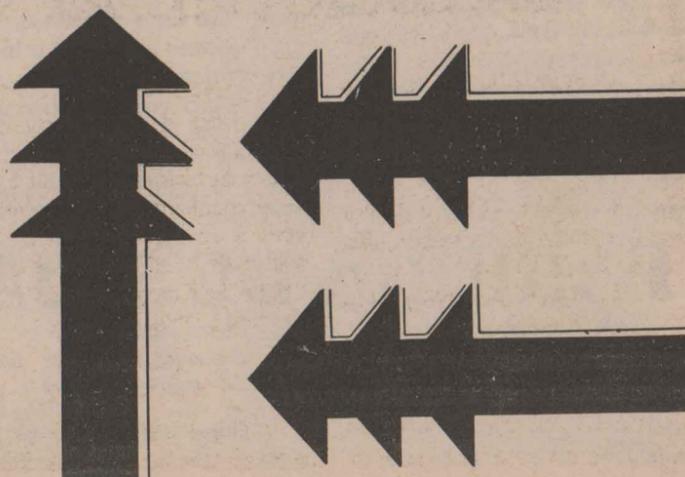
Prezados senhores: Como concluo o curso de agronomia na UFRGS este ano e vou para o interior do Estado, gostaria de permanecer informado nos diversos setores da agricultura.

Desta maneira, peço que enviem-me seu conceituado COTRIJORNAL, bem como outras publicações científicas informativas deste órgão.

Meu endereço é av. Borges de Medeiros, 378 — Santo Antônio da Patrulha, RS. Agradeço a gentileza e subscrevo-me atenciosamente. Eng. Agr. Francisco José Selistre.

HOMENAGEM ÀS COMUNICAÇÕES

Recebemos, datada de 5 de maio: A direção do COTRIJORNAL. Na data consagrada ao "Dia das Comunicações" enviamos as mais calorosas congratulações à dinâmica direção e ope-roso quadro funcional do COTRIJORNAL, pelo importante papel que desempenham no sentido de intervincular a humanidade. Atenciosamente — Eltoir Heinen, gerente de Representações Jawiel Ltda. Ijuí.



COMO INSTALAR UMA HORTA CASEIRA

A atividade na horta, também é agricultura. Portanto, não quer dizer que seja, necessariamente, uma atividade feminina. Tanto que, nos arredores das grandes cidades brasileiras — São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo — a atividade horticriante não só é executada por homens como também existem verdadeiras empresas dedicadas ao setor. Em nossa região, no entanto, dada a total dedicação do homem ao cultivo da soja, do trigo e criação animal, este não dispõe de tempo para dedicar-se a uma horta caseira.

Cabe, então, à mulher, essa rendosa e necessária atividade, daí a razão do assunto "horta caseira" estar nesta página de assuntos femininos, pois é exatamente a mulher, a dona-de-casa, que desejamos sensibilizar. Este é um trabalho da professora Noemi Friedrichs, contratada pe-

la COTRIJUI, que atua junto aos núcleos de base tendo em vista a orientação direta às donas-de-casa.

Para a instalação ordenada de uma horta caseira, é importante observar os seguintes aspectos:

As hortaliças necessitam terreno plano, terra fértil, bem preparada, mas não muito úmida. Para os cuidados necessários, a horta não deve ficar afastada da casa, nem próximo a estrada ou esgotos. Muitas verduras e legumes devem ser cultivados em canteiros feitos dentro das dimensões padronizadas, enquanto outras podem ser plantadas em quadros maiores. Deve-se ter água em abundância para utilização nas regas e quantidade suficiente de estrume para adubação. As caixas sementeiras e os canteiros destinados a sementeira, exigem preparo especial, para

formação de mudas fortes e saudáveis. Para facilitar o trabalho, os canteiros devem preferencialmente, ter as seguintes dimensões: 1,20 m de largura e de 3 a 5 m de comprimento, deixando-se um espaço mínimo de 30 cm entre os canteiros. Uma horta caseira deve possuir em média 70 m quadrados, o suficiente para atender a demanda de uma família padrão (5 a 7 pessoas).

É importante que a terra para as sementeiras (no caso das hortaliças que precisam ser transplantadas), seja preparada com terra e esterco, na proporção de dois por um, além de acrescentar um pouco de areia. Em caso de grande quantidade de semente, pode-se dispensar as sementeiras (caixas), tendo o cuidado para que o canteiro seja de altura não inferior a 10 cm. Feita a semeadura, cobrir com a terra preparada, de maneira uniforme, e regar.

BOLO DE FARINHA DE SOJA

INGREDIENTES:

1 xíc. de farinha de soja; 2 xíc. de farinha de trigo; 1 xíc. de maizena; 1/2 xíc. de açúcar; 2 xíc. de leite; 2 colheres (de sopa) de manteiga; 3 ovos; 1 Colher (de sopa) de fermento em pó. Casca de limão ralada.

MODO DE PREPARAR: Bater muito bem as gemas, açúcar e manteiga. Juntar a farinha de soja, trigo, maizena e fermento. Colocar o leite e o limão ralado e por último as claras em neve. Assar no forno.

BIFE HAMBURGUEZ (COM RESÍDUO DE SOJA)

INGREDIENTES: 250 gramas de resíduos de soja, 250 gramas de carne moída, cebola, temperos verdes picados, sal, pimenta, alho, farinha de trigo, farinha de rosca (pão torrado moído), 2 ovos batidos.

MODO DE PREPARAR: Misturar tudo muito bem, a carne, o resíduo

de soja, cebola picada, o alho esmagado e todos os temperos a gosto.

Formar os bifes nas mãos, amassando bem e passar primeiro na farinha de trigo, depois no ovo e por último na farinha de rosca. Fritar em gordura quente, sem deixar queimar. Usar pouca gordura.

NÚCLEOS NA ÁREA DOMÉSTICA

Com a contratação da professora Noemi Friedrichs, a Coordenação de Comunicação e Educação da Cotrijui passou a atuar com mais intensidade junto as esposas e filhas de associados. Tanto é assim que no último mês, através da realização de reuniões, foram constituídos cinco núcleos para atividades específicas no âmbito

feminino. Três destes núcleos estão em Vila Jóia, Tupaciretã: Potreirinho, Santo Antônio e Cará. Os outros dois são Ponte do Ijuizinho, em Augusto Pestana, e Linha 4 Leste, município de Ijuí. A responsável vem ministrando ensinamentos e prática de corte e costura, arte culinária, cooperativismo e outros assuntos.

IMPORTÂNCIA DAS HORTALIÇAS

Conhecidas como legumes, verduras, as hortaliças são de grande valor na alimentação. Ricas especialmente em sais minerais e vitaminas indispensáveis ao nosso organismo, as hortaliças protegem nosso corpo de doenças, tornando-nos fortes e resistentes. Porque ainda não existe o hábito do consumo diário de verduras nas refeições, é que há escassez desses produtos, o que consequentemente faz aumentar o custo.

É necessário pois que em todas as propriedades rurais, haja uma horta bem organizada, para

podermos dispor de hortaliças para o consumo, com gastos reduzidos e pouco trabalho.

Dentre outras, podemos citar alguns exemplos de hortaliças ricas em vitaminas: Vitamina A — Cenoura, nabo amarelo e batata doce; Vitamina C — tomate, principalmente; Sais Minerais e outras vitaminas, são riquíssimos o pepino, a cebola, o rabanete, o nabo branco e a beringela.

Importante citar também, que as hortaliças cujas folhas são para consumo, são altamente ricas em sais minerais, especialmente cálcio e ferro.

CALENDÁRIO DA HORTA

PARA O MÊS DE JUNHO: Aproveitando o clima deste mês, pelo qual podemos dispensar muito as regas, podemos semear em local definitivo: rabanete, nabo, mostarda, fava, espinafre, ervilha e cenoura.

Em viveiros, para transplante posterior, podemos semear: repolho, couve comum, beterraba, cebola, chicória, alface, acelga. Transplantam-se neste mês as hortaliças semeadas dois meses antes, como: beterraba, alface, acelga, cebola, repolho, couve-comum e chicória.

O agrião de água pode ser mudado todo o ano. Como também o aipo, que se planta de 40 em 40 cm. A mangerona tam-

bém pode ser plantada todo o ano na distância de 30 em 30cm.

A salsa pode ser semeada agora na distância de 10 em 10 cm. Os moranguinhos plantam-se de abril a agosto, na distância de 30 até 40cm, com a terra muito bem preparada. Os tomates já podem ser transplantados e ainda há tempo para se fazer viveiros em áreas livres de geadas. O chuchu deve estar em todas as hortas, embora costumeiramente não fique entre as hortaliças. Podemos aproveitar o inverno e plantar 3 ou 4 chuchus, mas antes deixar que brote dentro de casa. É um fruto de muito proveito em nossa cozinha, pois podemos preparar inúmeros pratos gostosos.

FARINHA DE SOJA

Pegue a soja, e passe-a num pano úmido; Leve-a a torrar em uma forma, no forninho do fogão; Passe a soja na máquina de moer carne, moinho de café ou pilão; Pe-neire a farinha e guarde em vidros

ou latas bem tampadas.

Observação: Pode-se também moer a soja sem torr-la, seguindo o mesmo processo citado. O efeito desta no pão, é bem melhor que a torrada.



**adubos
pampa s.a.**
o verde da terra
CANOAS

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas Caçula Ltda.
R. 15 de Novembro, 448 — IJUI — RS.

BOLSA DO PEBE PARA SINDICALIZADO

Foi assinado recentemente em Porto Alegre, pelo Ministro do Trabalho e reitores das universidades gaúchas, um convênio no valor de dois milhões de cruzeiros, destinados a custear os estudos superiores de 600 trabalhadores sindicalizados do Rio Grande do Sul.

Esse projeto, que começa a se estender pelos demais Estados brasileiros, conta com o patrocínio do PEBE—Programa especial de Bolsas de Estudo, que até então somente custeava estudos a nível de 1º e 2º graus de ensino.

Pelo novo convênio, serão beneficiados trabalhadores sindicalizados e seus dependentes até atingir a idade de 24 anos, que em 1976 estejam cursando o primeiro ano de um destes cursos: Agronomia, Enfermagem, Engenharia, Medicina, Veterinária, Odontologia e Zootecnia. Até agora, o programa abrange as seguintes instituições do ensino superior gaúcho: Universidade de Passo Fundo; Fundação Universidade de Rio Grande; Faculdade Católica de Medicina; UNISINOS; PUC; Universidade Católica de Pelotas; Universidade Federal de Santa Maria e Universidade de Caxias do Sul. As bolsas

terão o valor de 3 mil cruzeiros para escolas públicas, e 5 mil para particulares. O bolsista reembolsará o auxílio, sem juros e correção, depois de passado um ano de sua diplomação, e em prestações.

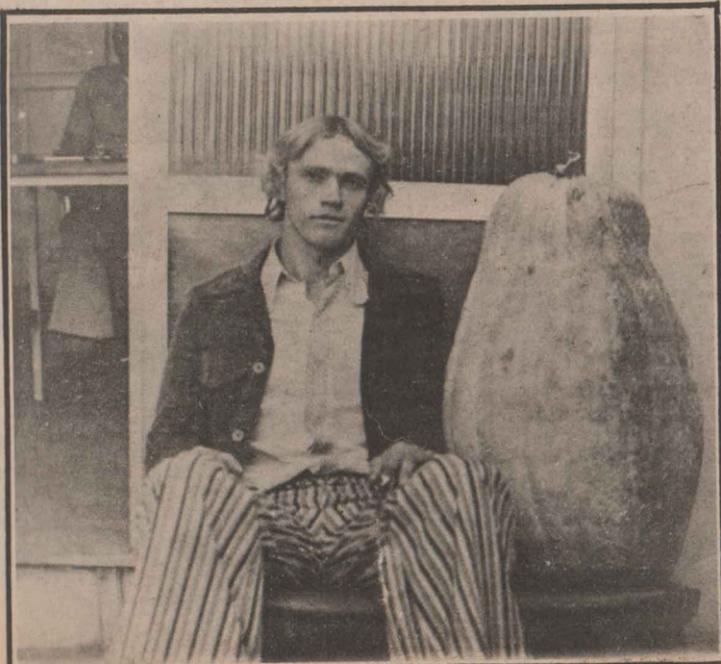
FENÔMENOS E CURIOSIDADES

Abóbora gigante e batata "Cara-de-cão", são os motivos deste espaço de Curiosidades. A abóbora gigante pesou 40 quilos. Foi colhida na propriedade do sr. Ovídio Faustini, residente à Linha 8—Leste, Vila Floresta, interior de Ijuí.

O vereador Delmar Barriquello trouxe-a para ficar exposta na COTRIJUI.

A batata cara-de-cão foi fotografada por Valmir Beck da Rosa, do COTRIJORNAL, no

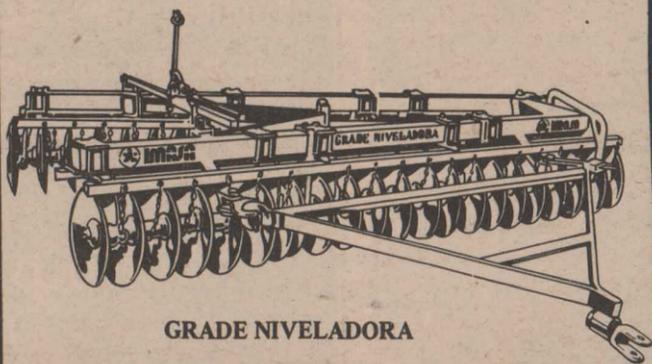
município de Panambi, quando da realização do encontro do CCECAU, naquela cidade.



ROTEIRO DE REUNIÕES DO CONVÊNIO COTRIJUI/FIDENE EM STO. AUGUSTO 1976

NÚCLEOS	HORÁRIO	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Bela Vista	20 horas	12	-	01	-	01	-	17	-
São Valentim	20 "	15	-	03	-	04	-	20	-
São Luiz	15 "	15	-	03	-	04	-	20	-
Santo Antônio	20 "	22	-	10	-	11	-	27	-
São Jacó	15 "	22	-	10	-	11	-	27	-
Vila Coroados	20 "	20	-	14	-	15	-	-	01
São Valério	14 "	29	-	17	-	18	-	-	04
Benaneiras	20 "	27	-	21	-	22	-	-	08
E. N. S. Fátima	14 "	-	05	24	-	25	-	-	11
Lagoado Izaias	16 "	-	05	24	-	25	-	-	11
Passo da Lage	20 "	-	05	24	-	25	-	-	11
Boa Vista	20 "	29	-	17	-	18	-	-	15
Esq. Pompílio S.	14 "	-	12	31	-	-	02	-	18
Esq. Lulu	16 "	-	12	31	-	-	02	-	18

OURO-IMASA-OURO-IMASA-OURO



Realmente sensacional a linha diversificada de grades da IMASA. Grades Ouro de Arrasto e Hidráulica. Grade IMASA tipo Goble e a já famosa NIVELADORA DE ARRASTO PESADA. Todas com estruturas Super Reforçadas, mancais com rolamentos autocompensados com tripla vedação, dando a você maior tranquilidade no desempenho do seu trabalho.

Pergunte ao seu vizinho, ele já possui, trabalhando na lavoura, as incomparáveis Grades da IMASA.

INCORPORAÇÃO CORRETA DO CALCÁRIO SÓ COM ARADO DE DISCO

O uso do calcário e adubos corretivos, tem trazido grandes benefícios no aumento da produtividade das lavouras de soja. Desde 1970 os agricultores vem usando, cada vez mais corretivos, face aos bons resultados. Para complementar as necessidades básicas desta região, a COTRIJUI vem intensificando cada vez mais esse programa, facilitando os financiamentos através do repasse, o transporte com entrega na lavoura, proporcionando ao associado realizar a correção da fertilidade do solo a fim de obter altos rendimentos nas culturas.

Entretanto, acentua o chefe do Departamento Técnico da COTRIJUI, que a frustração da última safra de trigo foi devido as condições climáticas adversas agravadas em muitos casos pela má incorporação do calcário. Esse quadro - clima desfavorável

e aplicação incorreta do calcário - ocasionou o aparecimento de um fungo na lavoura. Feito levantamento, se verificou que essas manchas correspondiam as áreas onde houve depósito de calcário na lavoura e em locais onde maior quantidade de calcário havia sido aplicada. Nas análises feitas, se constatou que nestas áreas (manchas) a quantidade de calcário aplicada sempre foi superior a recomendada pelos técnicos.

Também há que se destacar que a má incorporação do calcário, é resultante do uso do pé de pato e da grade, apenas. Isto faz com que a quantidade de calcário que deveria ficar distribuído numa profundidade de vinte centímetros, fique apenas em dez centímetros, justamente a metade do ideal. Dá-se então o seguinte: a quantidade de calcário usada fica em dobro da concentração recomendada,

originando a exemplo do que ocorreu na última safra de trigo, o aparecimento da doença chamada "Ophiobolus", ou podridão do pé.

Por outro lado, nos casos de má incorporação do calcário, as raízes das plantas se desenvolvem defeituosamente. As raízes ficam muito superficiais onde há maior quantidade de calcário, e as culturas mais sensíveis às secas, ao vento, e sofrem mais as condições climáticas adversas.

Cabe um alerta a todos os agricultores, no sentido de que mantenham contato com a equipe técnica da COTRIJUI, para receber as informações de como aplicar corretamente o calcário. É sabido que a incorporação correta deve ser feita através do arado de disco, e nunca com o pé de pato. Diz o dr. Nedy Borges que não se pode incorporar calcário com o pé de pato, pois mesmo com o uso da

grade o produto não atingirá a profundidade ideal e recomendada, de vinte centímetros, mas tão somente dez. Uma incorporação correta só se consegue através do uso do arado de disco e posteriormente da grade de disco.

Em áreas onde o problema da má incorporação existiu no ano passado, é preciso agora que os agricultores, ao preparar a terra para o plantio de trigo, o façam com arado de disco, de forma que a quantidade de calcário que está concentrada na superfície possa ser melhor distribuída na profundidade de lavração.

Frizou o eng. agr. Nedy Borges que se deve ter muito cuidado ao coletar material para análise, pois muitas vezes a porção enviada ao Departamento Técnico não espelha a realidade da lavoura.

Inclusive, em análises onde as recomendações forem consideradas muito altas, se aconselha a realização de uma nova amostragem de solo, uma nova análise, para se ter informações mais corretas.

Outro aspecto importante é que não apenas a análise é suficiente para se dar uma recomendação técnica adequada. Há que se levar em conta a maneira como o agricultor vem manejando o solo, quais os equipa-

mentos que vem usando, qual o sistema de plantio, que tipos de adubação vem realizando, se a palha é ou não é incorporada, e qual o tipo de solo. Acrescentando-se a tudo isso a análise de solo, então o técnico terá condições de orientar com segurança o produtor.

No caso específico do trigo, vale reforçar que esta cultura não responde ao calcário da mesma maneira que a cultura da soja. As variedades de trigo hoje existentes são variedades obtidas aqui em nosso Estado, de certa forma adaptadas nos solos ácidos, e portanto, são variedades que com a correção do solo, não apresentam o mesmo rendimento da lavoura de soja.

Mas apesar disso - conclui o eng. agr. Nedy Borges, o uso de calcário nas culturas de trigo e soja é altamente recompensado. Os agricultores que já vêm empregando essa nova técnica são bastante numerosos e estão espalhados por toda a região. A COTRIJUI continua oferecendo aos seus associados financiamentos de repasse para essa finalidade. Somente após a conservação e correção da fertilidade do solo, estaremos em condições de partir para a técnica do plantio direto, ou seja, o plantio em resteva, sem lavar e gradear.

AINDA É TEMPO DE SEMEAR ALFAFA

Antes de semear alfafa veja se você:

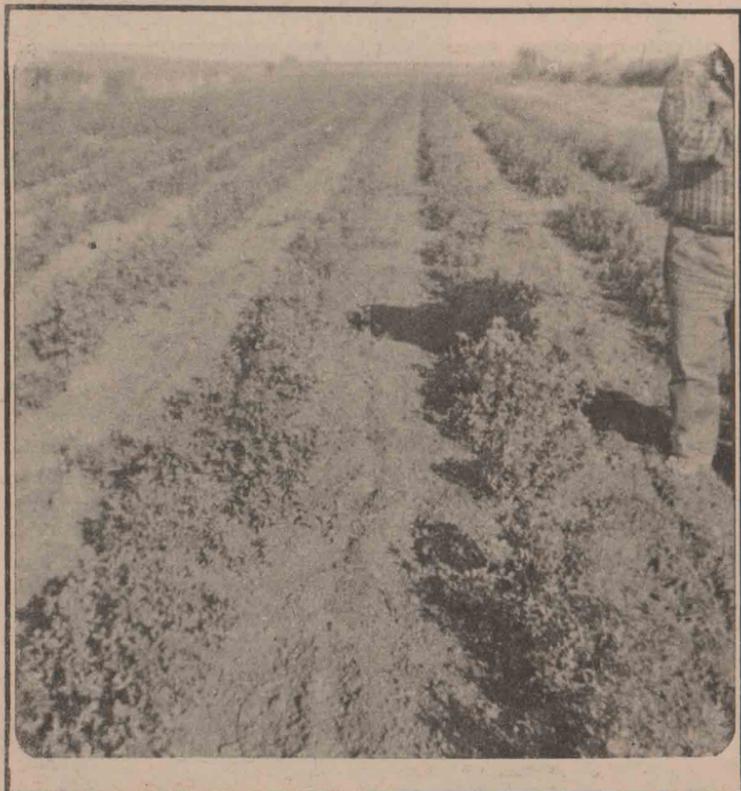
- Escolheu uma área plana e livre de inços;
- Aplicou o calcário, fósforo, potássio e boro, de acordo com a recomendação da análise do solo;

Tenha ainda os seguintes cuidados:

- Semeie Alfafa Crioula;
- Distribua 15 kg/ha de sementes;
- Inocule as sementes com o inoculante específico para a alfafa;
- Realize a semeadura em linhas afastadas de 30 cm, a uma profundidade em torno de 1,5 cm.

Se você necessitar de maiores informações procure o Departamento Técnico.

Na foto, um alfafal crioulo semeado em linhas. Trata-se de uma área experimental na Estação Experimental Agrônômica de Guaíba - RS.



SURGE O TRATOR FORD

Após 3 anos de projetos, a FORD finalmente lança no mercado os tratores FORD 4.600 e 6.600, os quais possuem o primeiro motor diesel fabricado sob medida.

A APOLO, orgulhosamente, comunica que a partir de 13 de junho de 1976, estará a disposição de todos os lavoureiros para demonstrar os tratores FORD 4.600 e 6.600, dando todas as explicações necessárias.

Entre as muitas características revolucionárias dos tratores FORD, podemos salientar as seguintes:

- Motor Ford Diesel Quadrado especialmente projetado;
- Bloqueio automático do Diferencial;
- Direção hidráulica;
- Tomada de óleo para serviços externos auxiliares;
- Tomada de Força completamente independente, com engate e desengate sem interferência da embreagem ou caixa de transmissão.

Venha conhecer os tratores FORD a partir de 13 de junho na

APOLO, - CARVALHO, MULLER S/A
BR - 285 - KM 337 - IJUI

O TERNEIRO ENTRE A SOJA E O TRIGO

Eng. Agr. RENATO BORGES DE MEDEIROS

De acordo com os dados que vêm sendo publicados, o desempenho apresentado pelo setor primário do Rio Grande do Sul tem sido plenamente satisfatório. Nos anos de 1969 e 1970 por exemplo, os seus índices de crescimento foram de 11,5 por cento, e 11 por cento respectivamente. A lavoura que em 1969 participava com 66,9 por cento da renda agrícola passou para 79,5 por cento em 1973. Por outro lado a produção pecuária neste mesmo período teve a sua participação relativa diminuída de 28,2 por cento para 19 por cento. Este acentuado crescimento da lavoura deve-se basicamente ao movimento cooperativista e a política imprimida pelo governo, que possibilitaram um extraordinário aumento das áreas de trigo e soja, atualmente responsáveis por mais de 60 por cento do valor da produção lavoureira do Estado.

Se de um lado o desenvolvimento alcançado pela lavoura do planalto (trigo e soja) deve ser mantido, de outro lado é necessário desencadear um processo de melhoria tecnológica na pecuária. Estes dois objetivos, segundo a maioria dos técnicos, só poderão ser alcançados através da integração da lavoura com a pecuária. A lavoura precisa ser diversificada e, sobretudo, se ajustar à produção animal. O pequeno produtor, a exemplo de outros países, deve realizar uma produção lavoureira totalmente dirigida para a produção de leite e suínos ou optar por outras atividades. Esta é a única opção que lhe permitirá obter o máximo por unidade, de área. O grande produtor, por sua vez, para alcançar este mesmo resultado, deve utilizar as suas áreas de acordo com a sua capacidade de uso. E, neste caso, ele deve destinar as áreas inadequadas aos cultivos anuais para a produção de carne através da formação de pastagens perenes.

A Secretaria da Agricultura ao criar as Feiras de Terneiro, aliadas a faixas especiais de crédito, abriu possibilidades para que este novo modelo de produção venha a se tornar realidade. Atualmente, muitos produtores do Planalto já estão se adequando a este novo sistema de produção onde a produção de grãos coexiste com a produção de carne. Assim como os produtores do Planalto aceitaram o desafio de produzir trigo e soja em abundância devem também aceitar o desafio de produzir carne para garantir ao Rio Grande do Sul a tradição de produtor de alimentos. Acima de tudo é importante estar atento para as tendências de mercado, pois enquanto o arroz e a soja começam a mostrar alguma instabilidade para a comercialização de seus excedentes, a carne, embora com preço contingenciado no mercado interno, apresenta

grande expectativa para o mercado externo. Declarações do departamento de comércio dos EUA sugerem que o Mercado Comum Europeu, Japão e URSS, este ano, poderão comprar mais carne, ou seja, 250 mil, 185 mil e 300 mil toneladas, respectivamente. Há comentários de que novos mercados deverão surgir para os próximos anos.

Considerando estas tendências, pode-se operar um mercado externo atraente para a carne nos próximos anos. Entretanto é necessário que tenhamos condições de aumentar os rendimentos de nossa pecuária de corte, aliado, é claro, a uma política de governo semelhante àquela que vem sendo dirigida para a produção de grãos. As cooperativas de carne já estão atentas e, por isso, dispostas a investir em suas instalações e partiç para uma maior agressividade no mercado. O cooperativismo ligado a produção e comercialização de grãos também já começou a se preocupar na busca de melhores resultados para a carne. Uma grande central de carnes é uma idéia que começa a ser discutida pelos dirigentes das cooperativas tritícolas.

O Planalto riograndense pelo tipo de exploração agrícola que realiza e pela presença de um cooperativismo forte e dinâmico, deve incorporar ao seu processo produtivo a pecuária de corte. Com esta integração deverá surgir um modelo de produção que possibilitará o racional aproveitamento dos recursos naturais. É evidente que isto não irá e nem poderá acontecer de um momento para outro. É essencial que o próprio processo se ajuste e, muito mais do que isto, que o produtor se capacite para realizar uma perfeita implantação e execução deste novo modelo que se propõe. Mas, por outro lado, não se deve jamais cair no comodismo de achar que as coisas estão bem. É imprescindível que tenhamos em mente o exemplo de fatos ocorridos em outras regiões e países que, se lançando unicamente na produção de um ou dois produtos, tiveram que enfrentar sérias crises econômicas. E aqui é oportuno lembrar que a região Sudeste dos EUA, onde hoje se desenvolve uma pujante bacia leiteira aliada aos mais variados cultivos, teve até 1935 uma economia baseada somente nas lavouras de fumo e algodão. Esta transformação foi uma decorrência do surgimento da fibra sintética e da entrada de outros países no mercado de fumo.

Hoje ao conferirmos os passos dados pela idéia da integração lavoura/pecuária de corte vamos verificar que muitos resultados positivos já aconteceram. A primeira Feira do Terneiro realizada em Carazinho foi um bom começo. Neste ano já vamos ter a realização de 10 fei-

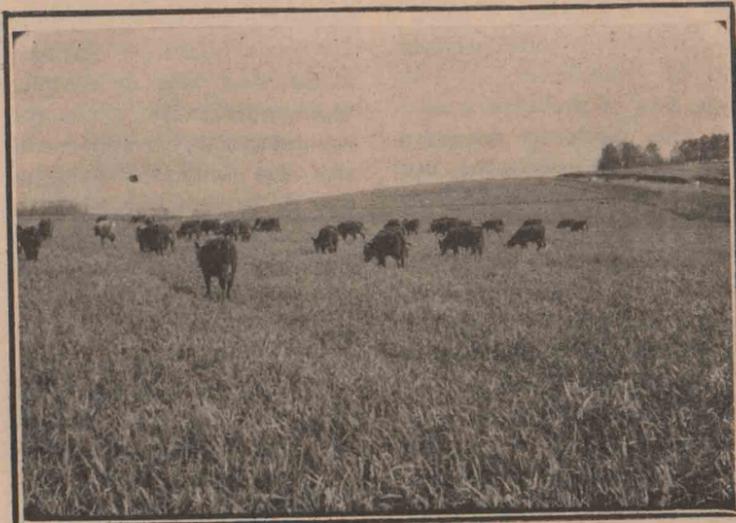
ras com uma previsão de comercialização em torno de 15.000 animais, que é muito superior ao número de terneiros comercializados na primeira feira. Mais do que estes números, isto significa que os terneiros estão sendo transferidos de propriedades com escassez de alimentos para propriedades, em sua maioria, com amplas áreas de pastagens anuais de inverno (aveia, azevém, etc.). Somente na região de atuação da COTRIJUI, para as feiras deste ano, se inscreveram 31 produtores, representando uma intenção de compra de aproximadamente 5.600 terneiros. Se compararmos com os dados relativos à primeira feira vamos verificar que a intenção de compra foi semelhante (5.000), mas o número de compradores foi muito inferior (apenas 5).

Em breve a Secretaria da Agricultura estará lançando um manuscrito contendo uma série de informações e recomendações

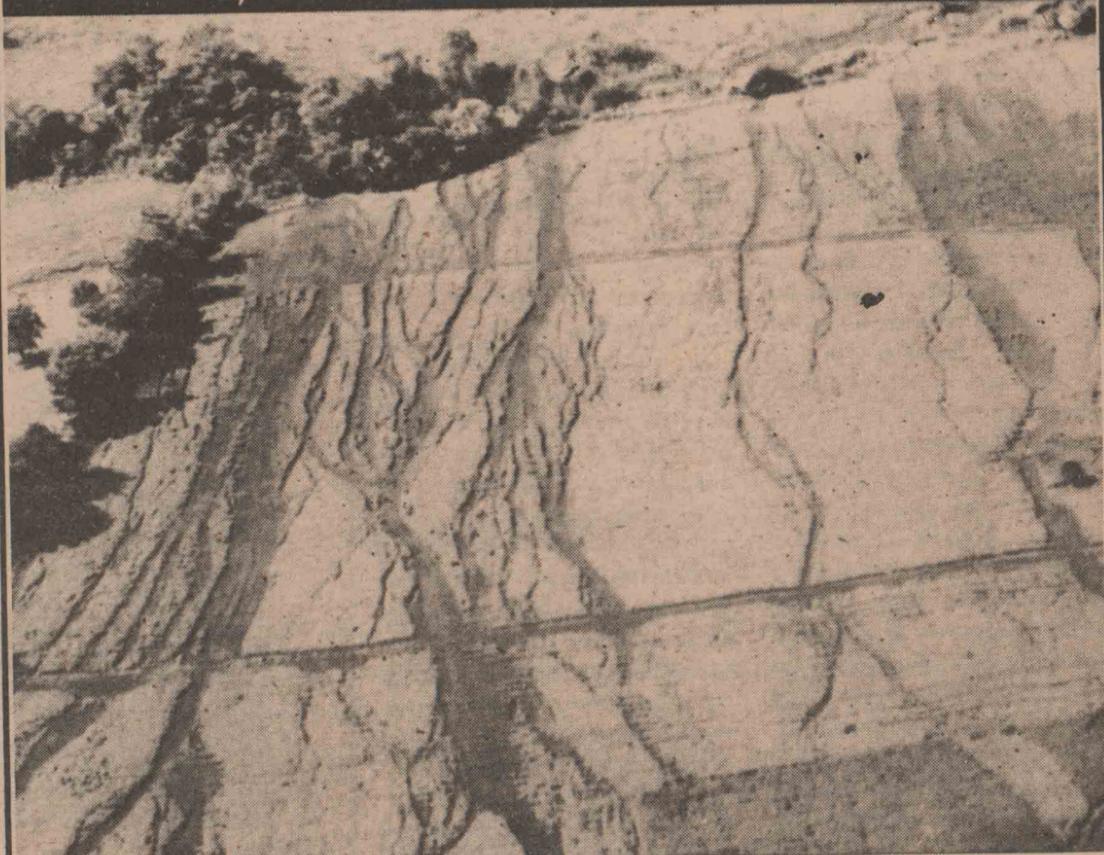
dirigida aos produtores de trigo e soja interessados em produzir terneiro precoce. Neste trabalho elaborado pela equipe técnica da Secretaria, o produtor terá todo o embasamento para iniciar o processo de integração. Formando como exemplo alguns produtores da região da COTRIJUI, pode-se afirmar que os resultados são atraentes. A primeira coisa que se observa é a tranquilidade do produtor, pois com a diversificação de receitas ele fica menos sujeito aos riscos decorrentes da lavoura. E obviamente os fatores de produção terra,

maquinaria e capital são utilizados com maior racionalidade.

A integração da lavoura com a pecuária de corte na grande propriedade e a presença de suínos e vacas leiteiras na pequena propriedade é condição essencial para que o Rio Grande do Sul venha a ter um mercado interno rotativo e dinâmico. Assim, com um mercado funcionando dentro de um verdadeiro ciclo, as sobras, sejam grãos ou produtos animais nas suas mais variadas formas, nos permitirá estar com maior possibilidade no mercado externo.



CONTINUE ARANDO E GRADEANDO SUA TERRA ANTES DE PLANTAR SOJA E TRIGO, CONTINUE. DEPOIS, NÃO VENHA RECLAMAR DA EROSÃO.



PLANTIO DIRETO COM GRAMOXONE É A SOLUÇÃO.

Continue tendo que replantar sua cultura. Continue desperdiçando semente, fertilizante, adubo, tempo e mão-de-obra. Continue usando plantio convencional. O dia que você estiver cansado de ver seu lucro indo por água abaixo, comece a usar Plantio Direto com Gramoxone.

Plantio Direto com Gramoxone é a solução. Mais do que isso: permite plantio de mais hectares na época certa, economizando tempo, combustível e mão-de-obra. A plantaçõ germina melhor e se desenvolve com mais vigor porque Plantio Direto com Gramoxone favorece a conservação da umidade e a fertilidade natural do solo.

É só querer. Nada mais. O resto deixe por conta dos agrônomos da Imperial. Eles estão à sua disposição para prestar a mais perfeita assistência técnica já oferecida em prol da sua terra e do seu bolso. Chame-os.



GIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL
Rua Conselheiro Crispiniano, 72-7º andar - Tel.: 239-1111
Caixa Postal, 30377 - 01000 - São Paulo - SP.
CENTROS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO SOBRE PLANTIO DIRETO:
Rolândia, PR - Fazenda Vesperoda, C.P. 408.
Passo Fundo, RS - Av. Gal. Neto, 407, 2º, s/212, C.P. 206.

EVITE OS PERIGOS DA BRUCELOSE

Vet. OTALIZ DE VARGAS MONTARDO

Há um longo caminho a ser percorrido pelos pecuaristas e órgãos de assistência técnica desta região, a fim de que se possa dar um nível de proteção sanitária, pelo menos razoável, aos nossos rebanhos. O descomhecimento por parte dos criadores do potencial técnico desta área, leva o pecuarista a solicitar uma assistência veterinária com objetivos imediatistas. Busca-se curar os animais enfermos, relegando-se a um plano inferior as técnicas preventivas, único caminho capaz de modificar o ambiente sanitário deficiente em que vivem os nossos rebanhos, sujeitos as mais variadas doenças, como a brucelose, que será objeto deste artigo.

Sendo uma doença infecto-contagiosa que atinge grande número de espécies animais, além dos enormes prejuízos econômicos que pode causar, a Brucelose assume particular importância na medida em que pode se transformar em problema de saúde pública. Isto porque as bactérias do gênero *Brucella*, causadoras da Brucelose, facilmente infectam o homem, com graves consequências para a sua saúde. No entanto, apesar de já ter sido diagnosticada em várias propriedades desta região, não tem recebido a devida atenção por parte dos criadores. Em parte, isto se deve ao fato da Brucelose normalmente apresentar-se de uma forma clínica quase "silenciosa", pois ao contrário de outras enfermidades a Brucelose além do aborto e da retenção de placenta em bovinos, raramente apresenta sintomas alarmantes que possam levar o criador a suspeitar da sua ocorrência.

Entre as várias espécies animais suscetíveis de contrair a Brucelose, pelo menos em nossa área, são os bovinos que pagam maior tributo à enfermidade, sendo que essa suscetibilidade é mais acentuada nos rebanhos de produção leiteira. Há várias for-

mas da Brucelose penetrar em rebanhos até então livres da doença. A mais comum delas parece ser através de vacas prenhes infectadas, que ao abortarem ou parirem, eliminam grandes quantidades de brucelas com os líquidos fetais e placenta. Também atuam como fontes de infecção, vacas aparentemente sadias que por padecerem de Brucelose crônica, não manifestam os sintomas da doença, mas eliminam grandes quantidades do agente infeccioso pelo corrimento vaginal e leite. Todo esse material infectante contamina o solo dos estábulos, alimentos e águas. Deste modo as brucelas podem penetrar no organismo de animais sadios, seja pela pele intacta ou por via digestiva.

O homem pode contrair a enfermidade pelo contato direto com o animal doente. Esta forma de contaminação é mais frequente no meio rural onde é comum o manuseio anti-higiênico de matérias infectantes ou o exercício de atividades em estábulos sujos e contaminados. O leite cru é o principal propagador da Brucelose entre as populações urbanas. Também os subprodutos do leite são potencialmente perigosos, pois está comprovado que as bactérias do gênero *brucella* podem permanecer vivas por um período de seis meses em queijos fabricados com leite de vacas brucélicas.

Conforme já salientamos, a Brucelose, em sua fase inicial, pode cursar de um modo quase imperceptível à observação dos criadores menos experientes. A rigor, somente as vacas em gestação manifestam sinais da doença, através do aborto, retenção da placenta e, eventualmente, mamiões. Nas vacas vazias os germes se localizam nos gânglios linfáticos e no úbere, na maioria das vezes não produzindo alterações detectáveis a simples observação. No entanto, quando a vaca entra em gestação as Brucelas se trans-

ferem para o útero produzindo processos inflamatórios nas paredes uterinas, e envoltórios fetais, causando por fim a morte e a expulsão do feto. O aborto normalmente ocorre entre o 6º e o 8º mês de gestação.

Os sintomas antes mencionados (aborto, retenção de placenta e mamiões), não são suficientemente claros para conduzir a um diagnóstico seguro de Brucelose, já que há uma série de enfermidades que podem causar problemas semelhantes. No entanto, considerando-se que a nível de campo são esses os únicos sinais que podem sugerir a presença da Brucelose no rebanho, é interessante que os criadores busquem a assistência do veterinário sempre que ocorrerem

abortos. A única forma segura de se detectar a ocorrência da Brucelose em um rebanho é o exame laboratorial. Através deste exame que é de fácil realização, se pode constatar o grau de infecção do rebanho e tomar as medidas necessárias para combater a enfermidade. De imediato é bom que se esclareça que a recuperação do animal brucélico através do tratamento medicamentoso, se não é impossível, pelo menos é inviável em termos práticos. O alto custo do tratamento, a insegurança dos resultados e o fato do animal pretensamente curado continuar sendo um foco de infecção, nos leva a concluir que a melhor forma de combate a doença ainda é o sacrifício dos animais brucélicos.

Visto que o tratamento é impraticável, assumem então particular importância as medidas que visam impedir o ingresso da doença nos rebanhos. Salienta-se que o custo econômico das medidas preventivas é irrisório. Se ainda não temos condições para por em prática um amplo programa preventivo, por outro

lado, nada impede que os criadores se habituem ao uso das seguintes medidas, plenamente exequíveis em nosso meio: exigir atestado negativo para Brucelose de todos os bovinos comprados para a reprodução; providenciar para que seja realizado pelo menos uma vez por ano a prova diagnóstica (exame de sangue) em todas as vacas; vacinar as terneiras uma única vez entre os 3 e 8 meses de idade; desinfetar rigorosamente o local dos partos e queimar os envoltórios fetais (placenta) e fetos em caso de aborto; manter o estábulo limpo, arejado e proceder a desinfecção periódica do mesmo; higiene das práticas reprodutivas; preferir a inseminação artificial.

Convém salientar que as inspetorias veterinárias realizam a vacinação das terneiras sempre que tal medida for solicitada pelos criadores. Repetimos: o custo econômico das medidas preventivas preconizadas é insignificante. Isto nos faz concluir que somente a omissão e o descaso podem justificar o livre curso da Brucelose nos rebanhos.

O Governo já fez tudo para tornar a próxima safra de trigo um ótimo negócio.



Agora é sua vez de fazer força.

O preço mínimo foi fixado em nível compensador, o subsídio de 40% para a compra de fertilizantes foi mantido,

o calcário continua com financiamento e prazo de 5 anos e a lavoura assegurada pelo Proagro.

O Governo fez tudo isto para que você possa plantar tranquilamente, com a certeza de colher mais e melhor. Mas isto implica numa responsabilidade para você: aumentar a produtividade. Esta é a sua tarefa. Fazer a terra render mais. E isto — você sabe — só é possível com a correta adubação do solo.

Nesta hora, conte mais uma vez com Adubos Trevo. A grande unidade industrial no superporto de Rio Grande

— a maior fábrica de fertilizantes da América do Sul — pode garantir para você: segurança de entrega, formulação correta e continuidade de produção.

Adubos Trevo — têm as formulações corretas para o trigo, inclusive o fósforo (P2O5) é totalmente solúvel como esta cultura exige.

ADUBOS TREVO
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

RAIVA BOVINA

A raiva bovina está atacando na região e já causou a morte de 40 animais, segundo o médico-veterinário Mércio Bortolon, da Inspeção Veterinária de Ijuí. A incidência do surto se manifestou na divisa dos municípios de Augusto Pestana e Cruz

Alta. O material coletado dos animais mortos foi enviado para o Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, de Guaíba, confirmando-se a ocorrência da raiva bovina, que estava sendo transmitida pelo morcego hematófago.

PREPARE BEM A TERRA PARA O TRIGO

Eng. Agr. NEDI RODRIGUES BORGES

A maioria dos agricultores do Alto Uruguai faz um inadequado preparo da terra. Alguns, por inexperiência, outros por descuido; mas muitos por falta de tratores e implementos. O preparo da terra por terceiros quase sempre é feito tardiamente e com as imperfeições decorrentes da pressa.

Um bom preparo da terra traz inúmeras vantagens para o produtor, com reflexos positivos na produtividade. Iniciando mal uma lavoura a tendência é terminar pior ainda por falta de estímulo na realização dos tratos culturais durante o ciclo da cultura.

Uma terra bem preparada é a base inicial para obtenção de rendimentos satisfatórios. As finalidades de um bom preparo do solo são: propiciar boas condições para sementeiras uniformes quanto a distribuição, profundidade e separação da semente e adubo; auxiliar no controle das invasoras; propiciar germinação uniforme; propiciar melhor arejamento e maior penetração da água das chuvas facilitando as reações químicas e aumentando o rendimento e a eficiência das automotrizes, na colheita.

O ideal para um bom preparo da terra seria fazer uma lavração profunda seguida de duas gradagens, utilizando grade pesada e grade leve. A melhoria do

solo com a incorporação das restevras tem surpreendido a todos. Para isso é indispensável que as automotrizes possuam picadores de palha. A umidade dificulta o preparo do solo, especialmente naquelas restevras onde existe grande quantidade de palha picada. O arado de disco de arrasto faz um trabalho melhor do que o hidráulico, pois seu peso auxilia na penetração.

O preparo geralmente é feito com arados e grades de discos tracionados por tratores. Alguns agricultores usam o pé-de-paço ou subsolador que tecnicamente deveria ser recomendado para uso intercalado de dois em dois anos e de preferência antes da cultura de soja. Naturalmente estamos falando de lavouras já cultivadas. Lavoura de primeiro ano requer um trabalho melhor de preparação e uma antecedência de seis meses do plantio.

A pequena propriedade com área inferior a 25 ha, na exploração das culturas de soja, milho, trigo ou feijão-preto não tem condições econômicas para a aquisição de trator e implementos. Em razão disso, a contratação de serviços de terceiros já está acontecendo. Nos próximos anos esta atividade de prestação de serviços por firmas especializadas de máquinas e equipamentos será muito importante no desenvolvimento da agricultura

e pecuária desta região. Para que isso ocorra é necessário que os preços cobrados se ajustem à realidade.

Observando os custos de produção de uma lavoura de trigo verifica-se que o preparo da terra e plantio incide em aproximadamente 12%, enquanto que a semente, adubo e inseticidas concorrem com quase 80% do custo total. Portanto, um bom preparo da terra é a base fundamental para iniciarmos uma boa lavoura com aproveitamento integral da semente, adubo e defensivos na busca de maior produtividade.

Para que os agricultores tenham presente a densidade ideal de plantio de trigo na presente safra, damos abaixo um resumo da tabela contida no número anterior do COTRIJORNAL.

RECOMENDAÇÕES PARA SEMEADURA DE FORRAGEIRAS DE INVERNO

Procure semear as suas pastagens de acordo com as recomendações do Departamento Técnico.

ESPÉCIE FORRAGEIRA	DENSIDADE KG/HA
Aveia Coronado	De 80 a 100
Aveia Ipecuem	De 80 a 100
Aveia Preta	80
Centeio	60
Trevo Branco Ladino	2
Trevo Vermelho "Levesou"	De 8 a 10
Trevo "Yuchi"	De 6 a 8
Ervilhaca Comum	De 40 a 50
Cornichão São Gabriel	De 10 a 12
Alfafa Crioula	15
Azevém Anual	De 15 a 20

Consortiações recomendadas

- Aveia ou Centeio com Trevo Vermelho
- Aveia ou Centeio com Trevo "Yuchi"
- Aveia ou Centeio com Ervilhaca.

Os associados que ainda não compraram sementes ou que necessitem de pequenas quantidades, podem dirigir-se ao Departamento Técnico. Com relação a Alfafa Crioula, a cooperativa ainda dispõe de grande quantidade à disposição dos associados.

HIPERFOSFATO[®] assume a responsabilidade

HIPERFOSFATO garante sua eficiência:

- É absolutamente natural, não sofrendo qualquer processo químico. Pode ser aplicado diretamente na terra, sem nenhum tratamento especial.
- Garante um alto nível de fertilização durante todo o ciclo vegetativo das culturas. Proporciona maior rendimento por hectare.
- Assegura pastagem mais rica em fósforo e cálcio.
- Hiperfosfato já comprovou o seu valor inestimável na conservação e melhoria do solo.



HIPERFOSFATO É UM SÔ. É CRA.

companhia riograndense de adubos
Porto Alegre/Rio Grande/Passo Fundo/Curitiba/Paranaguá

DENSIDADE DE PLANTIO DE TRIGO

GERMINAÇÃO	Nº DE SEMENTES POR METRO	KG/HA DAS VARIEDADES			
		IAS-20,S-31 C-17 e C-3	IAS-54, IAS-55, IAS-58, FRON- TANA	C-33	IAS-59, IAS-64
85 a 90	60 a 63	99	84	108	91
79 a 84	64 a 68	106	88	114	96
73 a 78	69 a 74	113	93	120	102
70 a 72	75 a 77	122	100	130	109

NOVAS VARIEDADES DE TRIGO

Este ano foram lançadas quatro novas variedades de trigo para o Estado do Rio Grande do Sul. Cabe destacar que a variedade PAT. 19 é a primeira lançada pelo Programa Acelera-

do de Melhoramento do trigo-PAT patrocinado pela Fecotriço e Secretaria da Agricultura. A variedade Vacaria foi lançada pela Secretaria da Agricultura e a CNT-7 e CNT-8 pela Embrapa.

CARACTERÍSTICAS DAS NOVAS VARIEDADES

NOME	CICLO	COR DA ESPIGA	ALTURA DA PLANTA	DO PLANTIO AO ESPIGAMENTO
PAT-19	Semi-precoce	Vermelha	95 cm	108 dias
VACARIA	Precoce	Vermelha	95 cm	-
CNT-7	Precoce	Branca	80 cm	95 dias
CNT-8	Semi-precoce	Branca	95 cm	113 dias

A variedade Jacui tem um ciclo de 107 dias em média do plantio ao espigamento. Isto pos-

sibilita um termo de comparação para melhor conhecimento dos agricultores.

SUGESTÕES PARA PLANTIO DIRETO

Téc. Agr. WILTON EMILIO TREUHERTZ

Apesar de existirem em nossos dias inúmeros modelos de máquinas e implementos, sempre estão surgindo aquelas que trazem algo de curioso e inovador.

Há algum tempo está sendo introduzida em nosso meio e muito difundida em outros países e com sucesso, a técnica do plantio direto (cultivo mínimo) que tem como objetivo melhorar a preservação e conservação do solo, bem como reduzir os custos na sua formação. Existem vários fatores que contribuem para tal, a saber: menor número de operações, plantio na época mais adequada, melhor controle da erosão, melhor conservação da umidade do solo, controle das ervas daninhas e aumento do teor de matéria orgânica do solo.

MENOR NÚMERO DE OPERAÇÕES

Para executar o plantio direto (cultivo mínimo) em geral são necessárias duas operações: controle dos inços (aplicação de herbicidas) e plantio direto propriamente dito.

Para executar o plantio convencional — plantio tradicional usado na região — são necessárias as seguintes operações: lavração, uma ou duas gradeações, aplicação de herbicidas e sua incorporação quando necessário e sementeira. Como se observa, o plantio direto ou cultivo mínimo necessita de apenas duas operações, enquanto que no plantio convencional são necessárias cinco ou seis operações,

onerando assim os custos na formação da lavoura.

PLANTIO NA ÉPOCA ADEQUADA

Tendo em vista o reduzido número de operações no plantio direto ou cultivo mínimo, é possível efetuar-se a sementeira da soja tão logo terminar a colheita do trigo. No plantio convencional a demora no preparo do solo muitas vezes obriga a sementeira da soja fora da época recomendada, com prejuízo do seu rendimento. Este problema fica praticamente resolvido com a adoção da prática do plantio direto ou cultivo mínimo.

MELHOR CONTROLE DA EROSIÃO

Sabemos que o índice de chuvas na nossa região em certos períodos é em demasia. Em consequência disto ocorre a perda de grande parte do solo, que também arrasta consigo sementes, corretivos e fertilizantes. Isto acarreta prejuízos ao agricultor através da diminuição na produção, empobrecimento do solo e sua consequente desvalorização.

Com a técnica do plantio direto ou cultivo mínimo não é necessário revolver o solo como no plantio convencional. Apenas é aberto um pequeno sulco no solo através da própria máquina na linha do plantio, o que deixa intato o espaço entre-linhas, proporcionando maior resistência do solo à erosão.

MAIOR CONSERVAÇÃO DA UMIDADE DO SOLO

Com a não eliminação da resteva obtém-se uma ca-

mada de palha cobrindo o solo, proporcionando-lhe sombreamento. Com isso diminui a evaporação da umidade e aumenta a reserva de água para a planta nos períodos de estiagem. Por outro lado o objetivo principal desta técnica é diminuir a velocidade de escoamento superficial das águas e propiciar maior infiltração no solo evitando que sejam arrastadas com as chuvas partes do solo.

CONTROLE DE ERVAS DANINHAS

Inicialmente efetua-se uma aplicação de herbicidas conforme a necessidade. Pa-

ra controlar ervas daninhas já nascidas usa-se apenas herbicidas dessecantes. Para efetuar um controle preventivo nas lavouras inçadas deve ser associado um herbicida de pré-plantio ou pré-emergente. A camada de palha picada que cobre o solo, por sua vez, também dificulta a germinação dos inços nas entre-linhas. Os herbicidas já estão definidos, porém as dosagens dependem das espécies de ervas daninhas, do teor de matéria orgânica, do tipo de solo, enfim, de diversos fatores, sendo por isso interessante que o produtor busque a assistência técnica para ter sucesso no trabalho.

AUMENTO DO TEOR DE MATÉRIA ORGÂNICA DO SOLO

Outro objetivo do plantio direto (cultivo mí-

mo) consiste em elevar o teor de matéria orgânica do solo. A maneira de realizar esta importante tarefa é incorporando toda a palha da resteva. Para que isso ocorra é necessário que as colheiteiras estejam equipadas com picador de palha. A incorporação da palha ao solo pode ser efetuada através de uma lavração anual ou bi-anual. Com isso o solo receberá uma maior quantidade de matéria orgânica que se transformará em nutrientes assimiláveis pelas plantas.

Várias experiências de plantio direto ou cultivo mínimo efetuadas nesta região mostraram a importância desta nova técnica de cultivo. O departamento técnico da COTRIJUI está à disposição dos associados para orientação e assistência nesse setor.

UMA CONQUISTA DA FITO-GENÉTICA!



MILHOS HÍBRIDOS



PIONEER.

"OS PIONEIROS"

VEJA:

- Os milhos híbridos PIONEER são baixos, com uma altura de 1,70/2,40 m.
- Enraizamento abundante e profundo.
- Os milhos híbridos PIONEER são extremamente resistentes aos ventos, não quebrando ou acamando as plantas.
- Prolíferos, muitos pes tem duas espigas grandes e bem granadas.
- As plantas são baixas, tornando os milhos híbridos PIONEER mais resistentes às estiagens; por outro lado, o adubo é concentrado para produzir grãos e não massa verde.
- Maturação precoce, semi-precoce e média, tornando os milhos híbridos PIONEER maduros entre 120/145 dias.

Os milhos híbridos PIONEER são os mais indicados no Brasil para a colheita mecânica.

Reserve logo as suas sementes de milhos híbridos PIONEER!

PROAGRO-PIONEER, FITO-GENÉTICA ATÉ O INFINITO

PROAGRO-PIONEER S.A.

AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

MATRIZ

e Unidade de Beneficiamento:
Rodovia RS-7, Km 49, Bairro D. Carlota
C. Postal 89, End. Tel. (Cables) PROAGRO
Fones (DDD 0526) 22.3093 e 22.2804
96800 - SANTA CRUZ DO SUL - RS

POSTO DE VENDAS:

Rua do Parque 384, End. Tel. (Cables) PROAGRO
Fones (DDD 0512) 22.8920 e 22.8849
90000 - PORTO ALEGRE - RS



PROAGRO
SEMENTES

marcos registrados



PIONEER.
SEMENTES

CENTRO DE PESQUISA DE TRIGO

Recentemente transferiu-se para Brasília o Eng^o Agr^o Rui Colvara Rosinha, que desempenhou, em Passo Fundo, a função de Chefe Adjunto Administrativo do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Em Brasília, Colvara Rosinha ocupa o cargo de Chefe do Serviço de Produção de Sementes Básicas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — EMBRAPA.

Para Chefe Adjunto Administrativo do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo assumiu o cargo o Eng^o Agr^o Firmiano Idyllio Ferreira, que recentemente defendeu tese de Mestrado em Ciências Agrárias.

Para a Chefia Adjunta Técnica foi nomeado o Eng^o Agr^o Milton Costa Medeiros que retornou recentemente do Canadá após concluir estágio.

A ADUBAÇÃO NITROGENADA NA CULTURA DO TRIGO

Durante o plantio de trigo da safra passada, foi conduzido um trabalho no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, visando comparar quantidades e épocas de aplicação de Nitrogênio na competição de fontes de Nitrogênio com diferentes solubilidades. Nesta pesquisa foram comparadas fontes de Nitrogênio de liberação lenta com formas mais solúveis, como suprimento de Nitrogênio mineral para o trigo, além de avaliar a eficiência das diversas fontes e doses de Nitrogênio em função das épocas de aplicação ao solo.

As doses empregadas no experimento foram de

0-30-60-90 e 120 Kg de N/ha para todas as fontes de nitrogênio. Empregou-se as seguintes fontes: Uréia, 'SCU' — Sulfur Coated Uréia (fonte de liberação lenta) e uma combinação de um terço de Uréia mais dois terços de "SCU", com aplicação total na base, comparados com o Sulfato de Amonio e a Uréia, aplicados parceladamente um terço na base e dois terços em cobertura, no estágio de perfilhamento do trigo. O efeito no nitrogênio foi avaliado pela comparação com parcelas testemunha que não receberam nenhum tratamento com nitrogênio. Todo o experimento foi conduzido

com controle combinado de pragas e moléstias, segundo as recomendações do Pacote Tecnológico para o trigo.

Na análise dos resultados obtidos foi observada uma tendência de resposta do trigo à adubação nitrogenada até a dosagem de 60 Kg de N/ha, sendo atingidos rendimentos equivalentes a 1.850 kg de trigo/ha. Esta tendência de resposta a nitrogênio foi mais pronunciada nos tratamentos com Sulfato de Amônia e Uréia aplicados parceladamente, um terço na base e dois terços em cobertura, segundo a atual recomendação da pesquisa.

CUIDADO OS RATOS PODEM ESTAR COMENDO SEUS LUCROS

O agravamento de um problema que de há muito preocupa os agricultores desta região, faz com que o COTRIJORNAL volte a enfatizar este assunto. O rato, destruidor insaciável, não muito exigente é acostumado a agir furtivamente, na calada da noite para não chamar a atenção. E a medida que o tempo passa, se sucedem as safras, aumenta o número desses roedores nos galpões e armazéns, causando elevados prejuízos, além de representar perigo à saúde.

Não é fácil conscientizar alguém sobre a necessidade de dar combate aos ratos. A não ser que este alguém esteja sentindo a perda de parte da produ-

ção pela ação nociva desses roedores. Então, é preciso atacar. Seja pela estrutura dos locais e armazenamento, principalmente de grãos, de maneira a impedir a entrada e proliferação dessa praga, seja pelo combate através de produtos indicados. Conselhos nesse sentido podem ser solicitados aos agrônomos e técnicos agrícolas da COTRIJUI.

O COTRIJORNAL, em sua próxima edição, fará um demonstrativo em torno da atuação desses roedores nas lavouras, armazéns, depósitos e mesmo residências de associados da COTRIJUI, buscando conscientizar ainda mais para a urgência de combater esse mal.

* * * * *

O CNPTRIGO PESQUISA REDUÇÃO DE CICLO EM NOVAS VARIEDADES

O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo sediado em Passo Fundo, em matéria dirigida à imprensa, analisou o trabalho que aquele centro começou a desenvolver em 1975, visando acelerar o processo de obtenção de novas gerações de trigo. Os métodos convencionais empregados permitem a obtenção de, no máximo, duas gerações de trigo por ano. A aceleração no desenvolvimento da planta levará a uma antecipação de resultados, trazendo aos trabalhos de criação de variedades de trigo uma série de benefícios, sendo que o principal seria a diminuição do tempo de lançamento de novas variedades.

A idéia de aplicar estes novos métodos para acelerar o número de gerações está fundamentada em trabalhos apresentados por especialistas japoneses no

Simpósio Internacional de Genética de Trigo, realizado em 1973, nos Estados Unidos.

Baseada nas técnicas descritas nos Anais da Reunião Internacional Sobre Genética de Trigo, a Eng. Agr. Walesca Linhares iniciou em meados de 1975, no CNP-TRIGO, testes de laboratório, utilizando variedades de trigo de primavera e de inverno, obtendo para as variedades de primavera a média de 60 dias de ciclo e para as variedades de inverno, a média de 90 dias, reduzindo o ciclo normal de desenvolvimento da planta, praticamente à metade.

Com a continuidade destes estudos para aceleração de gerações de trigo, pretende o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo reduzir o tempo de criação de uma linhagem, o que atualmente leva cerca de 8 a 10 anos, no mínimo.

Hipergran garante maior colheita por hectare.



Hipergran contém os elementos básicos da adubação: nitrogênio, fósforo e potássio, cientificamente dosados para as necessidades de cada cultura, combinados e enriquecidos com as qualidades excepcionais e já conhecidas do Hiperfosfato.

Hipergran assegura às plantas uma fonte contínua de fósforo, prontamente assimilável.

Com Hipergran você tem uma adubação mais eficiente por menor preço, e garantia de uma maior produção.

Fale com quem já usou.



companhia riograndense de adubos

Porto Alegre/Rio Grande/Passo Fundo/Curitiba/Paranaguá

COMERCIÁRIOS DE IJUI COM NOVA DIRETORIA

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Ijuí tem nova diretoria desde o dia 30 de maio, quando foi empossado na presidência da entidade o jovem comerciante João Antônio Franco de Almeida, funcionário da COTRIJUI.

A posse da nova diretoria foi prestigiada com a presença de autoridades do município, executivo e legislativo, e empresários, além de expressivo número de associados e convidados especiais. Representaram a Federação dos Comerciantes, vindos especialmente de Porto Alegre para o ato, os srs. Rubem Tomatis e Massias Macedo.

Logo após ser empossado, o novo presidente fez uso da palavra. João Antonio Franco de Almeida conclamou a todos os comerciantes eleitos ou não, à colaboração com o seu sindicato. Disse que sua administração terá como lema a harmonia e a compreensão entre a classe comerciária. O vice-presidente da COTRIJUI, sr. Arnaldo Oscar Drews, presente ao ato, disse que prestigiava a solenidade com todo o prazer, visto que o presidente empossado, pertencente aos quadros funcionais da COTRIJUI, simbolizava o funcionário exemplar e dedicado.

Por isso, tinha a certeza que o mesmo traçaria sua gestão a frente do Sindicato, com o mesmo zelo e dedicação.

Falaram também ressaltando o ato os srs. Armino Pydd, que representava o prefeito municipal; José Henrique da Silva, presidente da Câmara de Vereadores do município; Adão Ribeiro, em nome do Sindicato da Construção e do Mobiliário; Irani Basso, presidente que cumpriu o mandato; Walter Carvalho Aurélio, em nome da Associação Comercial e Industrial de Ijuí e Massias Macedo, em nome da Federação dos Comerciantes do Rio Grande do Sul.

A nominata da nova diretoria do Sindicato dos Comerciantes de Ijuí empossada dia 30, é a seguinte: João Antonio Franco de Almeida, presidente; Maria Celeste Lindner, secretária; Irani Paulo Basso, tesoureiro. Suplentes da diretoria — Jorge Madruga, Alexandrino Bertollo e Jacinta Maria Rodrigues. Conselho fiscal, efetivos — Arno Steglich, Willy Rath e Basílio Rufo Motta. Suplentes, Eloir Bueno da Silva, Valdir F. Guarda Moia e Maria Odila Calegarro; delegados junto à Federação — efetivos — João Antonio Franco de Almeida e Irani Paulo Basso. Suplentes — Adalberto Padilha Ourique e Nelcy Amélia Mânica Garzella.

A solenidade de posse aconteceu na sede campestre do Sindicato, junto a BR-285 e culminou com um churrasco de confraternização.



Na foto o novo presidente, quando discursava.

BNCC LIBEROU CRÉDITOS DE 180 MILHÕES PARA COOPERATIVAS

O Banco Nacional de Crédito Cooperativo liberou durante o mês de maio recém findo, financiamentos do montante de 180 milhões de cruzeiros para um total de 59 cooperativas de 11 Estados brasileiros.

Esses recursos visam atender as unidades cooperativas nos aspectos econômico-financeiros, técnicos e administrativos.

Os financiamentos foram concedidos na seguinte ordem de Estados: 10 cooperativas do Paraná, 10 de Santa Catarina; oito do Rio de Janeiro, oito do Rio Grande do Sul, seis de São Paulo, seis de Minas Gerais, três da Bahia e duas do Piauí, Ceará, Goiás e Maranhão, respectivamente.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

GRUPO DE TRABALHO BUSCA A AUTO-SUFICIÊNCIA EM CEVADA CERVEJEIRA

Deverá ser instituído pelo Governo Federal o Programa Nacional de Auto-suficiência de Cevada e Malte. Com esta finalidade foi composto um Grupo de Trabalho, que deverá apresentar um estudo sobre as diretrizes do Programa. Fazem parte deste Grupo de Trabalho, sob a Coordenação de Vilson de Luca, do Ministério da Agricultura, representantes do Ministério da Fazenda, do Ministério da Indústria e Comércio, da Comissão de Financiamento da Produção — CFP, do Banco Central do Brasil, da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — EMBRAPA, e do Sindicato Nacional de Indústria de Bebidas de Baixa Fermentação.

A auto-suficiência em cevada e malte conduzirá o Brasil a uma economia de divisas da ordem de cem milhões de dólares anuais.

A produção brasileira de Cevada atingiu no ano agrícola de 1975 cerca de 24.000 toneladas, produzidas nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Essa produção transformada em malte, atinge apenas cerca de 10 por cento do consumo nacional.

Dentre as limitações da cultura da Cevada sabe-se que o uso de sementes introduzidas de outros países encontram dificuldades na sua capacidade de produção devido a sensibilidade ao alumínio do solo, suscetibilidade às moléstias com comprometimento da qualidade industrial. Até agora todo o trabalho de

pesquisa de variedades foi conduzido pela Brahma e Antártica, as quais dispõem de variedades que vem apresentando bons resultados de produção.

A Cevada de boa qualidade industrial deve ter, no mínimo, 95 por cento de germinação, teor de proteína inferior a 12 por cento, poder enzimático elevado e extrato elevado.

Um outro problema que deverá ser solucionado com o Programa Nacional de Produção de Cevada e Malte será o de capacidade de malteação, visto que neste ano ficarão as maltarias com sua capacidade saturada.

Os maiores entraves para a expansão da lavoura, uma vez resolvidos os problemas de armazenamento adequado e capacidade de malteação, estarão no desenvolvimento de variedades adaptadas aos diferentes ambientes ecológicos onde a Cevada poderá ser cultivada e o estabelecimento de uma tecnologia que permite assegurar bons rendimentos.

O Programa Nacional de Auto-suficiência de Cevada e Malte prevê alcançar a citada auto-suficiência em 1984, com o desenvolvimento gradativo da produção de Cevada e a construção de maltarias para absorver a produção nacional.

Os trabalhos de pesquisa do Programa Nacional de Auto-suficiência de Cevada e Malte deverão ser coordenados pelo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo que, em 1975, conduziu experimento de rotação com essa cultura, tendo inclusive obti-

do bons resultados. Baseando-se em resultados deste primeiro ano de experimentação, pode-se dizer que a cultura da cevada cervejeira apresenta-se bastante promissora, com boas perspectivas para o futuro.

Estimativas da renda com as culturas do trigo e da cevada, Passo Fundo-1975, usando controle combinado de pragas e doenças.

Neste ano deverão ser instalados ensaios de competição de variedades e Cevada nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Brasília, pelo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, Brahma, Fecotriga, Antártica, UFRGS, Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária, I.P.B. Fundação Instituto Agrônômico do Paraná, Empresa Mineira de Pesquisa Agropecuária e Centro de Pesquisas dos Cerrados. Farão parte destes ensaios sementes de variedades da Brahma, Antártica e I.P.B.

Tendo em vista os objetivos do Programa Nacional de Produção de Cevada e Malte, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, através de uma ação combinada de especialistas das diversas áreas, deverá oferecer subsídios e condições técnicas para aumentar a produção e a produtividade da Cevada nos pais, dentro de um menor tempo possível. Dentro destes objetivos deverão ser contratados novos técnicos para auxiliar nos trabalhos desta que será a segunda cultura dentro do CNP/TRIGO.

INTERESSADOS DEVEM APRESSAR-SE PARA O ALISTAMENTO ELEITORAL

O Escrivão Eleitoral da Comarca de Ijuí, Fredolino José Limberg solicita a todos os interessados em fazer títulos eleitorais, removê-los, transferi-los ou renová-los, que procurem o Cartório Eleitoral, no Fórum, preferencialmente nos meses de junho e julho para evitar os atropelos de última hora.

O prazo para transferência de títulos, de acordo com a legislação em vigor, expira 100 dias antes da data do pleito. Este prazo pode ser diminuído ou aumentado por determinação do Tribunal Regional Eleitoral.

Até a presente data, o TRE não enviou, como usualmente faz todos os anos, o calendário de datas que devem ser seguidos pelos cartórios. Em face disso, Limberger não sabe qual será o dia de encerramento para as operações com os títulos, pelo que, pede precaução por parte de todos.

Em 31 de dezembro do ano passado, o número de eleitores inscritos em Ijuí era de 25.548. Mais 515 inscreveram-se no primeiro trimestre do ano, e 31 foram excluídos. O total de inscritos é de 26.032. Este total desdobra-se em 14.714 inscritos do sexo masculino e 11.318 do sexo feminino.

A Aliança Renovadora Nacional têm 623 eleitores filiados às suas fileiras, quase o dobro do Movimento Democrático Brasileiro, cujos quadros contam com 365 adesões.

O escrivão Limberger encarece que somente os cidadãos com 18 anos completos se apresentem para fazerem seus títulos. Geralmente os rapazes com 17 anos, faltando poucos dias para completarem os 18 vêm ao Cartório para fazerem seus títulos, imaginando que uns poucos dias não fazem diferença. A lei no entanto é inflexível e só admite o

alistamento de pessoas com 18 anos completos.

Para a confecção do título de eleitor, o candidato deve apresentar três fotos 3x4, de frente, fundo branco, sem cobertura (chapéu ou gorros); uma certidão de nascimento ou casamento para os casados. Aqueles que precisam transferir seus títulos de Ijuí para outros municípios ou vice-versa, devem apresentar três fotos; o título anterior e um atestado de residência expedido pela Delegacia de Polícia da localidade onde residem. Os atestados de residência, quando para fins eleitorais, são fornecidos sem o pagamento da taxa.

As pessoas que mudam seu estado civil e que por isso precisam alterar o título, devem comparecer com o documento que prove a mudança do estado civil (casamento para os casados e óbito para os conjugues remanescentes) e atestado de residência.



SUPLEMENTO INFANTIL — JUNHO — 76

ESCOLINHA
DE ARTE
DA
FIDENE

ELABORAÇÃO: Viro Frantz — Moacir Lima — Wally Arns

adivinhações!

Quanto mais se tira maior fica? (1)
Chove, faz sol, bate em cima e não se quebra? (2)

Verde foi meu nascimento, Preto meu procedimento, De luto me cobri e em fumaça me sumi? (3)

O rico guarda, o pobre bota fora? (4)
Em casa está calado, no mato está batendo? (5)

A mãe é mansa, a filha é brava, a mãe é verde, a filha é encarnada? (6)

Altas varandas, Formosas janelas, Que abrem e fecham sem ninguém tocar nelas? (7)

Passa, passa é. Burro é, quem não disser? (8)

O nome da casa é o dono da casa? (9)

Extraído de CASCUDO, Luís Câmara.
ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO. Recolhidas por Alcides Bezerra.

Respostas: 1 — buraco; 2 — pedra; 3 — fumaça; 4 — catarro; 5 — machado; 6 — pimenta; 7 — olhos; 8 — passa; 9 — cupim.

DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

O COTRISOL continua recebendo muitas cartinhas e agradece a vocês que estão escrevendo. O.K.? As crianças que escreveram para o Cotrisol são as seguintes: CLÁUDIA CORRÊA — 11 anos — Vila Jóia — Jóia, jóia, no próximo número publicaremos alguma coisa que você fez.

MARISTELA CORRÊA — 3 anos — Vila Jóia — o teu desenhinho é muito bonitinho e você também. Tchauzinho.

LOIVA GEHRKE — Tenente Portela — agradecemos pela tua contribuição, mas gostaríamos mais ainda, se você mesma inventasse um desenho. Bole um bem original e mande, tá?

MARLI SCHORN — Rincão dos Brizzi — Cópia não vale. Gostamos muito da tua colaboração. Continue assim, só não copie, você é inteligente.

REMI SCHORN — Rincão dos Brizzi — Você mandou um labirinto, pena que você copiou de um outro. Mande um daqueles que você sabe fazer tá? Depois nós publicamos.

Agradecemos a todos vocês que escreveram para o COTRISOL. E você que não escreveu ainda, estamos esperando. Até o próximo número.

Alô Paulo!
Você gosta do Cotrisol?



Eu gosto!
E você gosta?



Eu também
gosto porque tem
coisas boas para ler.



Vamos escrever
sempre para
o Cotrisol.



Marli B. Weber — Sto. Augusto

ENCONTRE ESTAS PALAVRAS

T	S	O	Z	O	P	Q	R	C	S	COVARDE
T	E	V	P	A	P	E	L	E	U	ARCO
V	C	O	E	L	H	O	X	R	Z	PAPEL
A	O	B	C	B	D	C	E	V	F	CERVO
G	H	B	J	A	N	A	L	O	M	COELHO
Q	S	I	V	N	R	N	X	C	C	RABANETE
O	Z	U	A	A	T	E	B	D	O	SEGO
R	A	B	A	N	E	T	E	T	R	OVO
G	R	J	M	A	L	A	U	I	P	BANANA
R	C	Q	T	C	H	U	V	A	O	CORPO
C	O	V	A	R	D	E	M	O	P	CANETA
										MALA
										CHUVA
										EU



Rosa Maria Cigana
Dr. Bozano

FESTA DE SÃO JOÃO

Dona Lucí e toda a pi lazada da escola tinham trabalhado quase uma semana para preparar a festa:

— Valeu a pena / — pensou D. Lucí, olhando a enorme fogueira.

Lá também estava o mastro, um cepo de eucalipto, enfeitado com produtos da terra: Pencas de laranjas e bergamotas, espigas de milho e de trigo. O cipó de S. João no meio dos frutos e das sementes fora idéia de Marli: — Prá S. João ficar bem alegre com as flores dele — e p'rá pedir e bênção também para as flores — tinha dito ela. A tenda fora armada com ajuda de alguns pais. Lá tinha quentão, pipoca, pinhão, cuca; a batata-doce estava sendo assada nas brasas da fogueira.

Os enfeites feitos pelas crianças davam um ar alegre ao local: bandeirinhas, caretas pintadas em cima de círculos de papelão ou tampas de caixas, abóboras — máscaras com olhos, boca e nariz vazados, abrigavam as lâmpadas.

— Tá bonita a festa, professora. Meus parabéns/ — Era o pai do Jair que estendia a sua mão forte e caalejada.

— Está bonita sim, mas isto é mérito das crianças que organizaram tudo e também dos pais que colaboraram — respondeu D. Lucí pensando para si: — “E o senhor mandou dizer pelo Jair que não mandava filho seu para escola para fazer festas mas para aprender a ler e escrever e fazer contas...”

Em voz alta ela continuou: — As crianças aprendem muito mais numa atividade destas do que em aulas comuns. A gente também aproveitou para fazer alguns trabalhos sobre os produtos da região: trigo, soja, milho... Fizeram entrevistas com os pais e avós para saber como era o cultivo e a colheita antigamente e quais as mudanças ocorridas com a mecanização da lavoura.

Fizeram também cálculos como por exemplo do frete da soja da lavoura para o si-

lo e de lá para o terminal marítimo.

— Viva S. João! — Vivaaa! — Seu Laudelino tinha chegado com a gaita e logo se formou uma roda em torno dele.

SÃO JOÃO BATISTA

— Vamos, minha gente/ Vamos cantar p'ra São João que hoje é o dia dele/ — falou seu Laudelino. Começou a tocar:

“Capelinha de melão

É de São João

É de cravo, é de rosa

É de mangericão

— Vocês sabem porque a gente canta assim? — Perguntou D. Lucí. — É porque antigamente se fazia uma capelinha toda enfeitada com flores e folhagens para a imagem do santo. Havia rezas e até procissão. Em certos lugares a procissão levava a imagem do santo até o riacho mais próximo e lá ele era lavado.

E as pessoas, para lembrar que S. João batizou Jesus no rio Jordão, também tomavam banho no riacho e cantavam:

“ — Vamos, vamos

Toca a marchar,

N'água de S. João,

Nos vamos lavar.

N'água de S. João me lavei

Toda a mazela que tinha,

deixei”.

ACREDITE QUEM

QUISER

— Essa de tomar banho não é de meu gosto, é muito frio nessas bandas. Mas o que eu sei é que, se a gente olha numa bacia com água ou numa cacimba, na noite de S. João, e não vê a cabeça da gente refletida na água, é porque a gente vai morrer no mesmo ano, — falou seu Laudelino.

— É mentira/ Não acredito/ É um dos causos dele de novo/ — gritaram as crianças.

— Pois acredite quem quiser. Mas eu sei de um caso que aconteceu uns dez anos atrás: Era um moço da cidade, o seu Henrique, que não acreditava nisto, dizia que era superstição. E quando a gente disse para ele que ele tinha medo de olhar na água, ele se fez de valentão. Olhou, mas não encherrou a cabeça. Mesmo assim deu risada do aviso. Morreu três meses depois.

— E o senhor, seu Laudelino. O senhor já olhou alguma vez?

— Eu não, não sou doido. Se eu precisar morrer, quero que a morte me pegue de sopetão, sem me avisar.

SÃO JOÃO DORME

— Mas tá todo mundo vivo ainda, não tá? — perguntou seu Laudelino, rindo dos olhos arregalados das crianças. — Pois então vamos cantar, porque — “quem canta seus males espanta”. Eu acho que é por isto que a morte não consegue me agarrar.

“São João está dormindo

Não acorda, não.

Acordai, acordai

Acordai, João”.

— É minha gente/ Nesta noite que é a noite dele, diz que São João dorme que nem saco de chumbo. No outro dia o dorminhoco acorda e então tem esta conversa entre ele e a mãe dele, a Santa Isabel:

“Minha mãe, quando é meu dia?

— Meu filho, já se passou. E para tão grande alegria. Minha mãe não me acordou?”

Mas nem ele não tou algué

— Pois é, um porre pera, — falava entendia de

A O FO

— É verdade fogueira de ta quando — perguntou aquela his mãe.

— Bem, — ria. — Diz um to antiga que foi visitar Santa Isabel, perando nené, que, se fosse chamá-lo de J ram então q menino nasce Isabel iria grande foguei Maria.

— E agora tudo tudo quanto acendem fogu lembrar a aleg mento de São centa D. Lucí.

— Mas tem um ria também e não é vovô S Perguntou seu

— Sim, sim. Já to e antes do n São João, os p faziam grandes noite de 23 de menagem ao de de luz, calor, v Em torno dos se faziam dan festas de c e faziam ofer as fertilidade.

— Quer dizer gueiras são mai da do que a gen disse D. Lucí. — Sim. São tão não se sab qu começaram Só o Cristianis no, nove séculos at lacionaram est antigos pagens mento de João

SÃO JOÃO CASAMINT

— Agora, que um santo forte, é “véia”? — fal de Pitó, piscan mulher. — É c que Santo Ar chega aos pés de



m com o foguetório
alorda? — pergun-
Jên
é, teve ter tomado
re d'quentão na vés-
falou seu Mané que
a de assunto.

ORAGEM DA
FOGUEIRA
rdão que a primeira
de São João foi fei-
do São João nasceu?
unteu Pitó. — Conta
história p'ra gente

— começou D. Ma-
Diz uma história mui-
ga que nossa Senhora
tar a prima dela, a
Isabel, que estava es-
no nenô. Isabel contou
e fosse menino, iria
do de João. Combina-
tão que quando o
nacesse, a prima
iria acender uma
fogueira para avisar

ora todos os anos, em
quanto é lugar, se
m fogueiras para re-
a alegria do nasci-
de São João — acres-
D. Lucí.

tem uma outra histó-
nbém esta fogueira,
vovô Schneider? —
tou seu Laudelino.

sim. Já antes de Cris-
tes do nascimento de
ão, os povos antigos
grandes fogueiras na
e 23 de julho em ho-
m ao deus Sol, fonte
calor, vida, energia.
rno destas fogueiras
am danças de roda,
de comer e beber e se
oferas aos deuses da
ade.

r dizer que estas fo-
são mais antigas ain-
ue a gente pensava —
D. Lucí.

São João antigas que
sab quando é que
ram. Só depois, com
ianismo, há uns deze-
culos atrás, é que re-
ram esta festa dos
pagãos com o nasci-
de João Batista.

ÃO JOÃO É
SAMANTEIRO

ra, que São João é
to forte, isto é, não
"? — falou João, pai
ó, piscando para sua
— É casamenteiro
anto Antônio nem
os pés dele.

— Eu sei que você não acre-
dita, João — resmungou D.
Maria. — Mas o fato é que
quando a gente tava naquele
"puxa e flocha" e você não
se decidia, eu plantei três
dias antes de São João, três
cabeças de alho. No dia de
S. João apareceu uma cabe-
ça de alho nascendo. E de
fato, em um ano nós casa-
mos.

— Sim, sim, agora vai culpar
o coitado do S. João desta
nossa infelicidade, — brin-
cou seu João. — Eu me casei
com você porque como diz
o velho ditado — "Sossego
de homem é mulher feia e
cavalo capado".

— Tá me chamando de feia,
é? — D. Maria fez um beijo.

— Tou sim, você é feia co-
mo a peste — respondeu seu
João, abraçando sua mulher.

— Falando em casamento,
quando que vocês vão fazer
o casamento caipira? — per-
guntou D. Lucí às crianças.

— Logo, mas nós só fizemos
se todo o mundo aqui faz
alguma trova. Começa seu
Laudelino!

Seu Laudelino não se fez de
rogado e lascou:

"S. João é festejado

Por todo o povo em geral
Entre todos o mais santo
Nenhum há que seja igual".

CRENDICES

— Em noite de S. João, in-
troduz-se numa bananeira
uma faca ainda não usada.
No dia seguinte aparecerá
na faca a inicial da noiva ou
do noivo.

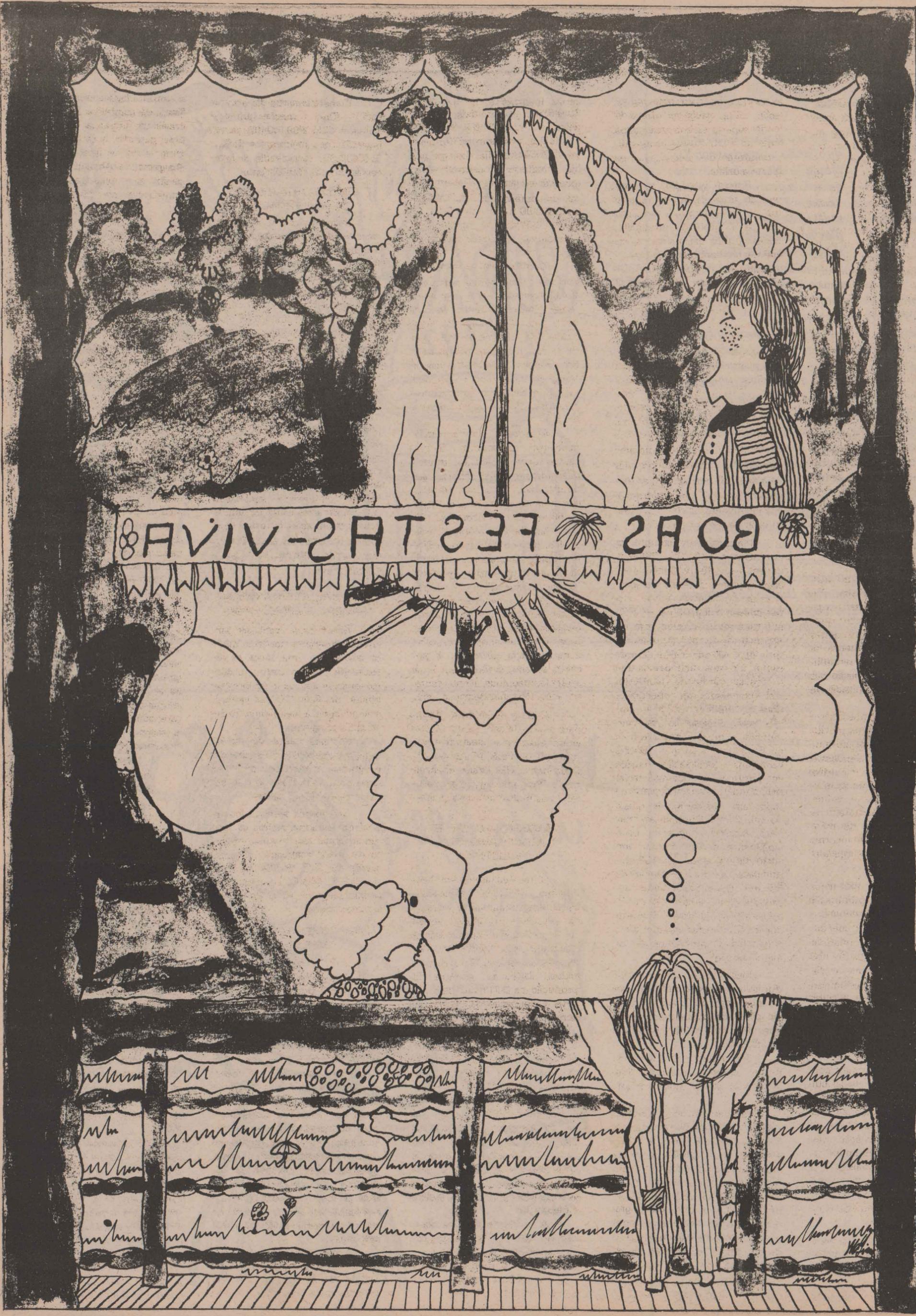
— Em noite de S. João, duas
agulhas metidas numa bacia
d'água indicam casamento,
caso as agulhas se ajuntarem.

— Em noite de S. João, es-
crevem-se em papezinhos
os nomes de várias pessoas,
enrolam-se os papezinhos e
se põe numa vasilha com
água. O papel que amanhe-
cer desenrolado indicará o
nome da noiva ou noivo.

— Em noite de S. João, pas-
sa-se sobre a fogueira um
copo contendo água, mete-
se no copo sem que atinja a
água uma aliança presa por
um fio, e fica-se segurando
o fio. Tantas são as panca-
das dadas pelo anel nas pa-
redes do copo, quantos os
anos que o experimentador
terá de esperar o casamento.

Extraído de: — "Antologia
do Folclore Brasileiro" —
Luís C. Cascudo.





BOAS FESTAS-VIVA

